Nº 273
IGREJA E APOSTOLADO POSITIVISTA DO BRASIL

O AMOR POR PRINCÍPIO E A ORDEM POR BASE:
O PROGRESSO POR FIM

Viver para outrem. *Viver às claras.*

A preeminência social e moral da Mulher

SEGUNDO OS ENSINOS DA VERDADEIRA CIÊNCIA POSITIVA

Conferência realizada a 24 de Frederico de 120
(27 de novembro de 1908)

NO SALÃO DO

INSTITUTO NACIONAL DE MÚSICA

Seguida do resumo da conferência "A solução da questão social, segundo os ensinos da verdadeira ciência positiva, feita no mesmo salão a 27 de Frederico de 120 (30 de novembro de 1908).

por
R. TEIXEIRA MENDES

RIO DE JANEIRO
NA SEDE CENTRAL DA IGREJA POSITIVISTA DO BRASIL.
Templo da Humanidade.
74, Rua Benjamin Constant, (30 antigo)
1909
Ano CXX da Revolução Francesa e LIV da Era Normal

A preeminência social e moral da Mulher, segundo os ensinos da verdadeira ciência positiva

Conferência realizada a 24 de Frederico de 120 (27 de novembro de 1908)

O SR. TEIXEIRA MENDES – Agradecendo este testemunho de vossa benevolência[1], não nos iludimos sobre o alvo verdadeiro dos vossos aplausos: acima de nós, eles visam diretamente ao pensador incomparável cujas lições aguardais; mas ainda, eles se endereçam à Mulher, sublime entre as mais sublimes, a cujo influxo regenerador Augusto Comte deveu poder enfim realizar a sua missão, patenteando, malgrado todos os preconceitos do teologismo, da metafísica e do cientismo, a preeminência social e moral da Mulher.

Essa preeminência, isto é, apreciação do lugar que cabe à Mulher no conjunto da existência humana, coletiva e individual, constitui, constituiu sempre, em todos os tempos o máximo problema humano.

Aqueles que sustentaram a inferioridade do sexo feminino em relação ao masculino vêm desde a mais remota Antiguidade. Essa opinião não é de nossos dias: ela se perde na noite dos tempos. É a opinião dos selvagens; é a opinião que dominou as sociedades teocráticas, que ainda lá domina; é a opinião que atravessou a civilização grega e a civilização romana; é a opinião dogmática da própria cavalheiresca Idade Média; é a opinião da fase revolucionária, e chegou até nossos dias.

Não há novidade alguma em semelhante tema.

Também não são novos, se bem que não sejam tão antigos, os preconceitos revolucionários em sentido contrário, já afirmando a igualdade entre os dois sexos, já pretendendo sustentar a superioridade da Mulher, não sob o ponto de vista em que essa superioridade é incontestável, segundo os ensinos positivos, mas, por assim dizer, em qualquer terreno. Com efeito, vós todos sabeis das enérgicas sátiras de Aristófanes, motivadas pelos desvarios da pseudofilosofia grega; vós não ignorais também que essas críticas vieram até nós. Vós sabeis que no momento presente existe um movimento, caracterizado pela denominação de "feminismo", pretendendo tornar a Mulher concorrente do homem, mediante uma suposta igualdade entre os dois sexos.

A opinião, entretanto, mais antiga, aquela que, como vos digo, sustenta a inferioridade da Mulher em relação ao homem, opinião que vem desde o fetichismo, está

---

[1] Ao tomar lugar à mesa, o conferencista foi acolhido com estrepitosa e prolongada salva de palmas.

Nota: Esta conferência foi taquigrafada pelo Sr. Eurico Jacy Monteiro com gracioso auxílio do nosso correligionário Luís Leitão, e foi revista pelo conferencista.

tão de acordo com o conjunto da organização masculina que ela só veio a sofrer o primeiro golpe decisivo com Harvey, no século XVIII, sustentando a origem essencialmente feminina de todos os seres, nas espécies em que os sexos estão separados; mas essa opinião se achava por tal forma arraigada, que Augusto Comte adotou a na primeira fase de sua vida, isto é, antes de sofrer o influxo regenerador de Clotilde. Adotou-a, porque as testemunhas do sacerdócio teológico, dos metafísicos, dos cientistas, dos pensadores masculinos quaisquer, os mais eminentes, eram acordes a este respeito.

E não é dizer-se que a Mulher não tivesse sido alvo de um culto profundo por parte dos mais eminentes pensadores de que a Humanidade se podia honrar até o nosso Mestre. Não: o incomparável Aristóteles, aquele que Dante proclamou "o Mestre dos que sabem", esteve exposto a ver-se condenado à morte, acusado, há mais de 22 séculos (384-322 A.C) por ter tributado à sua esposa as honras que eram devidas a Ceres; e no seu testamento ele requereu que os restos dessa esposa fossem reunidos no seu sepulcro.

Mais tarde, aquele que se tornou, no século XVII, o verdadeiro êmulo de Aristóteles, Descartes, proclamava que a princesa Elizabeth da Boêmia era, de todas as pessoas que ele conhecia, aquela que melhor se tinha como penetrado do conjunto do seu sistema, de suas concepções.

Apesar destas manifestações, a teoria preconizava a superioridade do sexo masculino em relação ao sexo feminino. Isso se explica justamente porque o espírito positivo não tinha ainda abordado convenientemente o confronto entre ambos os sexos; e, por outro lado, isso se explica por ser a concepção mais de acordo com o orgulho masculino e, digamos também, com a superioridade afetiva da Mulher; essa superioridade afetiva que a fez aceitar com abnegação, com devotamento, em todos os tempos e em todos os lugares, o posto humilde que o homem lhe deixou, contanto que em troca lhe fosse permitida a liberdade de ser a zeladora do altruísmo humano.

Para corrigir semelhante obsessão, desde então universal, era indispensável que ao Pensador investido pelo conjunto dos antecedentes humanos com a missão de regenerar a sociedade, instituindo, enfim, a religião final; era indispensável que a esse Pensador se deparasse uma Mulher representando na sua natureza o tipo da grandeza feminina, tipo como nosso Mestre dizia depois a Clotilde, mais eficaz do que todas as demonstrações filosóficas. Só então Augusto Comte e conheceria o engano dos seus predecessores; e, *tornando-se ele mesmo*, em vez de propagar doutrinas alheias, apresentaria o conjunto de suas próprias convicções, isto é, o conjunto de leis descobertas por ele, segundo o tipo iminente que o seu destino feliz lhe permitira encontrar. E, então, quando, depois de sua regeneração moral, Augusto Comte publicou o volume em que consignava pela primeira vez a sua teoria feminina, isto é, o *Discurso sobre o conjunto do Positivismo*, uma eminente escritora inglesa, Sarah Austin, dizia-lhe: "não tive tempo ainda de ler o vosso livro como hei de ler; fiquei, porém, encadeada por algumas páginas sobre o meu sexo: neste assunto não há senão vós. Os outros, ou dão à Mulher uma posição essencialmente subalterna, subordinada às exigências materiais do homem, ou procuram assinalar lhe uma posição essencialmente fora de sua natureza e de seus instintos. Só vós, senhor, sabeis combinar essa dignidade moral e intelectual como companheira, com a sua natureza, física e moralmente dependente".

Era assim que Sarah Austin sagrava com o seu depoimento a primeira manifestação da teoria feminina de Augusto Comte, essa teoria que me propus apresentar-vos aqui, sumariamente, já se vê, porque ela constitui o desenlace de todo o saber humano, desde as mais rudimentares elaborações matemáticas, até as mais transcendentes construções da Sociologia e da Moral.

Fosse muito mais largo o tempo de que razoavelmente posso dispor, e quando mesmo não temesse abusar da vossa indulgência, não me seria possível, compreende-se, reproduzir satisfatoriamente semelhante teoria.

Pensei, porém, que, tratando-se de um assunto que, como nosso Mestre dizia, exige não tanto o raciocínio como o sentimento, bastaria apresentar-vos algumas reflexões características, tomadas às páginas inigualáveis que nosso Mestre nos legou, certo de que essas reflexões seriam suficientes para recordar, aos que já têm a Felicidade de conhecer a Religião da Humanidade, os ensinamentos de nosso Mestre a este respeito, e de que, aos que a não conhecem, tais reflexões seriam bastantes para despertar o desejo de percorrer essas páginas redentoras.

Homens e Mulheres, todos encontraram nelas a satisfação de seus mais alevantados ideais.

A nossa tese vem a ser: *Preeminência social e moral da Mulher, segundo os ensinos da verdadeira ciência positiva.*

Compreendeis, portanto, que antes de tudo, preciso dizer-vos o que é essa ciência positiva, a que corresponde essa locução, aplicada em nossos dias há tanta coisa que nem é ciência, nem é positiva.

Quando Augusto Comte foi tomar esse termo, "positivo", para designar o conjunto de suas concepções filosóficas, ele apenas se aplicava àquilo que há de mais grosseiro. Foi a elaboração de Augusto Comte que o levantou, até a tornar-se característico de nossas emoções mais delicadas.

Ainda hoje, sabemos que é muito vulgar empregar a palavra "positivo" para caracterizar as preocupações mais grosseiras da vida.

Com a ciência não se dava o mesmo. Já a elaboração espontânea da Humanidade tinha levado o espírito positivo a construir até as últimas ciências que precederam o advento da Sociologia.

(*Há um aparte*).

Não ouvi, peço o favor de repetir. (*Pausa*)

Prossigamos. Seja como for, para caracterizar o verdadeiro espírito positivo, isto é, o que vem a ser a ciência positiva, necessitamos antes de tudo dissipar um preconceito ainda hoje também vulgar, segundo o qual há uma distinção profunda entre as diversas espécies de talento e, portanto, entre as diversas concepções.

É assim que, para muitos, ciência, filosofia, poesia, capacidade de prática de estadista ou de industrial, são aptidões cerebrais diversas; imaginam que Arquimedes, por exemplo, ou Aristóteles, teriam sido incapazes de escrever a epopeia de um Dante, de um Ariosto, ou de um Homero; e que, a seu turno, um Homero, um Shakespeare, ou Milton, teriam sido incapazes de realizar as descobertas de um Arquimedes ou de um Descartes.

Imaginam mais, que o talento de um Aristóteles é de natureza diversa do de um César, de um Frederico, de um Cromwell ou de um Washington.

Pois bem, uma Mulher de gênio, que morreu no primeiro terço do século passado, Mulher que os acidentes da agitação social atiraram para a meditação filosófica, sem que ela deixasse de conservar as grandes qualidades que são o apanágio incomparável de seu sexo, em uma palavra, Sofia Germain, que Augusto Comte inscreveu no Calendário Positivista como êmula de Hegel, na semana presidida por Hume, Sofia Germain, em um folheto póstumo, apreciando as produções do espírito humano, nas diversas fases de sua cultura, já afirmava a identidade entre as capacidades quaisquer, intelectuais: estéticas, científicas ou filosóficas. E, já que se contesta à Mulher o gênio, dir-vos-ei que, a respeito dessa Mulher, um geômetra, que com certeza não era um Lagrange, mas que possuía um espírito positivo, Navier, dizia que, abordando o problema relativo à teoria matemática do som, ela tinha escrito memórias que poucos homens poderiam ler, que poucos homens teriam a preparação precisa para ler, e só uma Mulher era capaz de ter escrito. E não vos admirareis disto, quando souberdes que, para resolver essa transcendente questão, ela não sentiu necessidade senão de recorrer aos mesmos cálculos já instituídos, quando Lagrange proclamava a necessidade de novos cálculos para a sua solução.

Pois bem, não há entre as capacidades intelectuais a distinção que se supõe. O cérebro que medita em silêncio em ciência, o cérebro que constrói os grandes sistemas filosóficos, o cérebro que planeja a direção da sociedade ou as máquinas industriais, é o mesmo. O que torna o homem poeta, filósofo, cientista, industrial, chefe de Estado, é situação social, porque *o homem se agita e a Humanidade o conduz.* Ele nasce preparado para agir de acordo com os elementos que a sociedade lhe fornece no seu tempo, e são estes elementos que lhe traçam a carreira de filósofo, de apóstolo, de reformador religioso, de estadista... Em suma, qualquer das missões que são indispensáveis a realização do progredir da Humanidade.

Esse mesmo filósofo de que há pouco vos falei, Aristóteles, há mais de 22 séculos já tinha enunciado o princípio fundamental que mostra a identidade da elaboração mental qualquer. Proclamando o que "*nada existe na inteligência se não aquilo que vem por intermédio dos sentidos*", ele implicitamente reconhecia que não há distinção essencial, quanto à elaboração mental, entre o que chamamos "concepções reais" e o que chamamos "concepções ideais", e, portanto, entre o que chamamos "concepções científicas ou filosóficas" e o que chamamos "concepções estéticas".

Prosseguindo na elaboração de Aristóteles, Leibniz, à vista das objeções e falsas interpretações a que o princípio daquele dava lugar, isto é, à vista das aberrações, caracterizadas pelo que se chamou "a escola sensualista", querendo reduzir o cérebro a ser passivo, Leibniz completou o aforismo de Aristóteles, acrescentando "*exceto a própria inteligência*".

Sim, nada existe nos nossos pensamentos senão aquilo que nos é fornecido pelo mundo; todas as construções mentais são feitas com materiais fornecidos pelo mundo, através dos nossos sentidos, mas a combinação se efetua de acordo com a atividade intelectual; há um trabalho, como já se disse, de "digestão mental", até certo ponto comparável, como imagem, está claro, ao trabalho da nutrição propriamente dito: nada existe nosso organismo que não seja recebido do meio exterior; mas o nosso organismo elabora os materiais que recebe, e é só depois de elaborados que eles podem penetrar na intimidade deste organismo e fazer corpo com o mesmo.

A fim de compreender bem esse trabalho mental, necessitamos chamar ainda a vossa atenção para outros contrastes.

Assim, convém recordar-vos a diferença que há entre o que se chama “empirismo” e a “racionalidade”.

O empirismo é a constatação dos fatos em si mesmos, como eles se nos apresentam, no conjunto de suas circunstâncias, e um exemplo caracteriza melhor este pensamento.

Pelo empirismo, os corpos se classificam em corpos leves e corpos pesados, em corpos que caem e corpos que sobem; para o empirismo, o aeróstato que se eleva na atmosfera e o corpo que cai na superfície da Terra seguem leis diferentes.

A racionalidade consiste em ligar os fatos segundo as relações descobertas entre eles, segundo as propriedades do nosso cérebro, de maneira a poder, por uns, prever os outros. Ora, esta racionalidade não é conseguida sem um trabalho especial, que nos afasta do ponto de vista empírico.

Disse-vos há pouco que nada existe na inteligência senão por intermédio dos sentidos, segundo Aristóteles; mas cada um de nossos sentidos, como sabeis, não nos dá senão um aspecto dos corpos: um nos dá a forma, outro o colorido, um terceiro a temperatura, outro o estado elétrico, em suma, cada sentido só nos dá um atributo. Em tais condições, há duas maneiras de contemplar aquilo que nos rodeia: uma, essa maneira empírica, essa maneira concreta, que consiste em considerar o conjunto das impressões que recebemos de cada corpo em particular, de sorte que recebemos impressões analíticas, é verdade, mas a síntese é realizada pela simultaneidade das impressões, e temos então unicamente a ideia dos corpos que nos rodeiam. A outra maneira de contemplar os fenômenos consiste em, em vez de considerar o conjunto de fenômenos localizados em um corpo, contemplarmos um fenômeno localizado simultaneamente em corpos diversos. E para caracterizar este ponto de vista existem termos de linguagem, como sabeis: quando dizemos – o calor, a luz, a eletricidade – queremos caracterizar justamente fenômenos comuns a diversos corpos, porque, na realidade concreta, o que existe não é calor, não é luz, não é eletricidade, não é vida... São corpos quentes, corpos luminosos, corpos eletrizados, corpos vivos, corpos mortos.

Esta disposição em que consideramos os fenômenos isolando-os, por assim dizer, de sua sede, por um trabalho de nossa inteligência, é que constitui a “abstração”, palavra que, como sabeis, significa como que um “arrancamento” das propriedades de cada corpo para considerá-las em separado.

Pois bem, se considerar disso a totalidade dos corpos, vereis que é infinita; se quiserdes conhecer todos os corpos concretos, verificareis que é um problema insolúvel: nem sequer a enumeração é possível. Se, porém, vos resignardes, como a Humanidade espontaneamente o fez, em consequência de sua evolução, a catalogar os fenômenos diversos que os corpos todos podem apresentar, reconhecereis então que o catálogo é muito restrito; não distinguireis senão sete categorias de fenômenos, caracterizados pelos termos seguintes, segundo a evolução de nossa espécie: fenômenos matemáticos, astronômicos, físicos, químicos, biológicos, sociológicos e morais. Os termos são da linguagem vulgar; podem ter adquirido na linguagem científica uma significação mais precisa, mas a ideia fundamental é a mesma que todos têm.

A concepção que quem sabe astronomia tem do sol é, no fundo, a mesma do selvagem e da criança; o sol é o mesmo. E a concepção dos cientistas é o simples desenvolvimento da do selvagem e da criança; por toda parte a ciência positiva, digamos desde já, não é senão o prolongamento do bom senso vulgar. Neste sentido, a verdadeira ciência positiva não estuda senão o que o bom senso vulgar estuda, e pelo desenvolvimento dos mesmos processos porque o bom o bom senso vulgar o aprecia.

Separando os fenômenos, como acabamos de indicar, foi que a Humanidade pôde construir a ciência positiva propriamente dita, isto é, a ciência abstrata. Em que consiste essa ciência? Em apanhar as relações entre os diversos fenômenos independentemente dos seres, por forma tal que um fenômeno se torna o sinal dos outros; conhecido um, prevemos os outros; e é esta ligação entre os fenômenos que constitui o que se chama a *lei científica*.

Todos sabemos o que é isto. Todo o mundo que já viu um corpo cair, sabe que em qualquer parte da Terra o corpo cai percorrendo uma linha reta perpendicular à superfície das águas tranquilas neste lugar; é o que se chama a "direção vertical". Pois bem, isto é uma lei abstrata, neste sentido de que pode ser perturbada por circunstâncias exteriores; e se, tomando o exemplo de há pouco, dizemos que o balão que sobe segue a mesma lei que o corpo que cai, é justamente porque fazemos abstração da resistência dos meios e porque entramos com os resultados que podem provir desta ação mútua diferente dos corpos, que todos caem para a Terra. De fato, é a combinação dos pesos desiguais da massa atmosférica e do balão que faz com que este se eleve, segundo a teoria geral dos corpos flutuantes, formulada por Arquimedes.

Esta mesma lei, porém, permite-nos ainda caracterizar o que é o espírito positivo. O espírito positivo vê o fato, apanha a lei, formula a, mas para aí. Se perguntar diz ao espírito positivo "*por que* é que o corpo descreve é vertical e não um círculo?", ele dirá "Não sei". Agora o teólogo dirá que é porque Deus mandou que caísse assim, e a metafísica dirá que é porque há uma força que empurra o corpo naquele sentido... (*riso*).

Na prática, o que tem utilidade, o que precisamos saber, é que o corpo cai assim. Pois nós podemos saber se existe um Deus empurrando um corpo naquela direção? Não podemos. Agora se este – Deus – quer dizer, um ente voluntarioso que faz o corpo cair quando quer, e não faz cair quando não quer, podemos declarar que não existe, porque um corpo cai, quer Deus queira, quer Deus não queira... (*palmas*).

Há casos em que a lei pode ser apanhada pela razão vulgar, isto é, pelas inteligências quaisquer, há casos, porém, em que só pode ser apanhada por certas inteligências seletas.

Assim, que os corpos caem segundo a vertical, todo o mundo apanha, os próprios animais apanham; mas vamos mais longe. Sabemos ainda que, quanto mais alto o corpo cai, tanto mais tempo leva para chegar ao chão. Sabemos ainda que, quanto mais tempo dura a queda, tanto mais depressa o corpo vai caindo. Mas que relação exata, precisa, existe entre a altura da queda e o tempo necessário para que o corpo chegue ao chão? Dada a altura da queda, sabido o momento da partida do corpo, como determinar o momento preciso em que chegará à terra? Este problema só foi resolvido por Galileu, e justamente *quando a situação social permitia que a descoberta fosse feita*, por que Galileu não era uma cabeça maior que a de Aristóteles, e este tinha abordado a questão e

dado uma solução impossível, mas impossível no caso de qualquer movimento. Aristóteles não podia apreciar essa impossibilidade; basta dizer que semelhante impossibilidade abstrata só se tornou apreciável depois da instituição do cálculo infinitesimal por Leibniz.

Seja, porém, como for, descoberta a lei, o homem, a Humanidade, pode agir racionalmente, pode dirigir a sua conduta de acordo com a sua situação; em uma palavra, o dualismo baconiano "*saber é poder*" tornou-se explicado pela progressão de Augusto Comte: "*saber para prever, a fim de prover*".

Nestes três termos concretizam se, pode-se dizer, resumem-se as condições da positividade.

A concepção positiva não investiga das origens, não trata dos fins últimos: trata unicamente de apreciar as leis.

Não me posso demorar, entretanto, e vejo-me obrigado a deixar de insistir em outras considerações, que seriam indispensáveis para o esclarecimento completo desta questão. Limitar-me-ei apenas a dizer que, chegada a seu limite completo de aplicação, a palavra "positivo" vem a sintetizar sete significações.

Positivo quer dizer, em primeiro lugar, o que é real, por contraste ao que não é real, ao que é inteiramente fictício; não basta isto, entretanto, para definir o que seja positivo.

Positivo, como sentiu não só o senso prático do Proletariado, mas especialmente a razão prática da Mulher, quer dizer aquilo que é útil. Não basta a realidade: a realidade pode ser ciência, sem ser a ciência positiva. Se uma criança, brincando na praia, encher a mão de areia e lembrar-se de contar os grãos de areia que apanhou, fará coisa muito real, mas completamente inútil e que, portanto, não será positiva.

Há mais: as concepções positivas são concepções claras; são concepções que têm o grau de precisão compatível com o estudo de cada fenômeno: são concepções orgânicas, quer dizer, que nos afirmam as coisas como estas são, e não como não são; são concepções, afinal de contas, relativas, quer dizer, de acordo com a nossa situação. "Não há nada absoluto, tudo é relativo – eis o único princípio absoluto", dizia Augusto Comte no começo de sua carreira.

Enfim, positivo quer dizer simpático: tudo o que não é simpático, isto é, que não serve ao altruísmo, não é positivo para a Humanidade.

Foi por isso também que uma Mulher de gênio, Madame de Staël, pode proclamar o princípio: *no mundo não há nada real se não amar.* Esta proposição parece exagerada, dizia Augusto Comte; entretanto é restritamente verdadeira, porque, ao passo que a atividade e a inteligência são os instrumentos, o amor é o princípio e fim de toda a nossa existência.

Refiro-me à nossa existência social, porque é preciso descer à parte inferior da escala animal, sair do nosso tipo para encontrar esses entes que *vivem só para viver*, isto é, que *vivem só para si*. E foi por isso também que um outro pensador, Vauvenargues, proclamou que *os grandes pensamentos vêm do coração.* Era por isto ainda que Augusto Comte dizia que *é melhor amar do que ser amado.* E todas estas fórmulas se resumem neste outro enunciado de Clotilde: "*Que prazeres podem exceder os da dedicação? Somente somos felizes quando a nossa felicidade a ninguém aflige e ofende".*

Foi todo este saber que Augusto Comte condensou na fórmula que é o resumo da moral positiva: *viver para outrem*, fórmula que nos dá a definição da existência social.

Agora, para concluir estas noções gerais, indispensáveis à inteligência do que vos tenho de expor, farei uma última observação, destruindo um preconceito vulgar.

A apreciação superficial dos progressos industriais leva muitos espíritos a imaginarem que a ciência é alguma coisa de ilimitada; é muito comum ouvir dizer: "*Quem pode prever o futuro? A Humanidade está hoje impossibilitada de passagem certo limite, mas quem nos diz que o estará ainda amanhã?*"

Pois bem, este raciocínio é, retomando o nosso exemplo de ainda agora, como da pessoa que, não conhecendo as leis segundo as quais o balão se eleva no ar, imaginasse que se podia assim fazer uma viagem da Terra até a Lua. Não; o balão há de ficar nos limites marcados pela nossa atmosfera, no máximo.

Ora, o mesmo se dá com a ciência. A ciência tem limites que resultam da nossa situação exterior e que resultam da nossa capacidade também. Não podemos ir além de certo ponto; e os que estudaram a ciência, os que percorreram os mesmos graus que a Humanidade percorreu, na sua longa evolução, desde as concepções numéricas as mais elementares, até as doutrinas morais as mais transcendentes, destes todos sabem que a Humanidade foi parando, desde a Aritmética, nos problemas que pareciam de mais fácil solução.

Nosso espírito, como dizia Augusto Comte, tem mais aptidão para fazer perguntas do que para achar respostas; cada descoberta nova abre um mundo de problemas inextinguível. As questões que parecem as mais acessíveis ao gênio humano, para aqueles que desconhecem a evolução científica, ficaram paradas. Muitas vezes, a descoberta de novos métodos parecia alargar os nossos horizontes; pois bem, não serviram, quase sempre, senão para a sistematização filosófica dos resultados até então adquiridos.

A criação do cálculo infinitesimal é um exemplo característico disto.

Assim, a ciência tem limites, limites impostos pela nossa própria fraqueza; mas, além destes limites objetivos, ela tem limites subjetivos, quer dizer, nós precisamos não nos tornar passivos.

O ponto de vista normal do filósofo e do cientista deve ser o ponto de vista do artista e do homem prático. Ninguém vai esgotar as minas por gosto de esgotá-las, ninguém vai despedaçar as montanhas por prazer de despedaçá-las.

O arquiteto planeja o edifício, vai procurar os materiais de que carece, e, uma vez feita, a obra serve para gerações, indeterminadamente, até que novas necessidades ponham novos problemas.

Na construção das máquinas, em toda parte, o gênio prático, o gênio positivo, as dessa maneira.

Na ciência, é preciso proceder no mesmo modo, considerando que a inteligência não é senhora do mundo; o espírito é apenas um ministro do coração e jamais seu escravo; é o coração que põe os problemas; é o altruísmo que dá ao espírito energia para estudá-los; o papel da inteligência é satisfazer às exigências do sentimento; desde que esse limite pretende ser ultrapassado, o homem cai sob o domínio do egoísmo, porque só há dois modos de raciocinar: raciocinar altruisticamente ou raciocinar egoisticamente. Cada um tem as suas convicções de acordo com a sua sensibilidade moral.

Pois bem, é com este critério que devemos abordar o problema que constitui o objeto da presente conferência: "qual a posição que cabe à Mulher no conjunto da hierarquia social, portanto coletivamente falando; qual o papel que cabe à Mulher na hierarquia moral, quer dizer, considerando o tipo humano individualmente?"

Ora, para resolver esta questão positivamente, cientificamente, em uma palavra, agora que já sabemos o que significam estes termos, devemos em primeiro lugar distinguir entre o que se chama ponto de vista estático e ponto de vista dinâmico.

Estas palavras são hoje correntes na linguagem; e, aliás, é fácil de compreender o que significam. A apreciação estática da Mulher é que é comum a todos os tempos e lugares, quer se trate da Mulher moderna, quer da Mulher grega, romana, teocrática ou selvagem; a apreciação dinâmica corresponde ao papel que cabe à Mulher no conjunto da evolução social, desde as tribos primitivas até os nossos dias e até a mais remota Posteridade.

É esse o duplo ponto de vista é que se apresenta em qualquer estudo, porque temos de considerar primeiro as condições gerais da *existência* para depois apreciarmos as condições do *desenvolvimento*. No primeiro caso, abstraímos no tempo; no segundo, o tempo é condição preponderante, como sabeis.

Pois bem, a primeira distinção que a contemplação positiva do mundo nos oferece, quando esta contemplação não é puramente concreta, como é no primeiro surto da inteligência infantil, tanto na espécie como no indivíduo; desde que os povos não estão mais na situação em que encontramos as nossas cabildas americanas, as populações da África, da Oceania, da China do Japão; a primeira distinção, digo, é entre a natureza viva e a natureza morta.

No princípio, esta distinção não existe. Para a criança, para o selvagem, tudo quanto há tem os mesmos atributos que ele.

Vós o sabeis: a criança trata aquilo que a rodeia como se tudo tivesse sentimentos, paixões, pensamentos, do mesmo modo que ela; se machuca a cabeça na porta ela, ela bate na porta, como se esta fosse culpada; e assim por diante. O selvagem vai estar no mesmo ponto de vista: tudo o que o rodeia tem os mesmos atributos que ele possui. Um ente qualquer pode ter dificuldade de manifestar esses atributos, pode manifestá-los de outra maneira, mas afinal de contas, sol, lua, estrelas, árvores, pedras, tudo quanto há, em suma, para o selvagem, pensa, sente, quer. Por isso, mesmo a morte, para o selvagem, é apenas a passagem de um estado de vida para outro estado de vida também. O culto dos mortos, que já existe nas espécies animais, desenvolveu-se na nossa em consequência justamente das qualidades altruístas que permitiram ao mesmo tempo a preponderância da sociedade humana. O cadáver não é, para o selvagem, o que é para nós; continua a ter os mesmos sentimentos, as mesmas paixões, as mesmas ideias que teve quando o homem era vivo.

Seja como for, o desenvolvimento científico, o desenvolvimento da *razão abstrata*, leva a distinguir entre natureza morta e natureza viva; e é preciso observar que, ao passo que o fetichista imagina tudo vivo, mesmo aquilo que está morto, o teologista imagina tudo morto, mesmo aquilo que está vivo. (*Riso.*).

Por que é que, segundo os teologistas, os corpos se movem; por que é que caem? Já vos recordei há pouco: é porque há um Deus que os empurra. E por que pensamos? É

porque temos dentro de nós um ente, diferente do nosso organismo, que é o que se chama "alma". Quando esta alma surgiu? Conforme as ideias teológicas politeístas, podia ter surgido em uma época eterna; veio passando de corpo para corpo, transfundindo-se de ente em ente, numa existência que não teve princípio, que não há de ter fim...

No ponto de vista positivo, entretanto, o que observamos é o seguinte:

Encontramos, de um lado, corpos que conservam ou podem conservar a sua constituição indefinidamente; que variamos de *meios* e eles subsistem nesses meios variados: o ouro, o ferro, a prata, o granito etc. Tudo isto, sabeis que não subsiste em qualquer meio, não há dúvida; o ouro colocado na água fica ouro eternamente; mas se for colocado em certas misturas ácidas, como se diz, desaparecerá e, em vez dele, aparecerá outra coisa; sabemos, em seguida, que o ouro está ali e que ali estão também os corpos com que entrou em contato; mas o fato é que, *como ouro*, desapareceu. Assim, não se pode dizer propriamente que haja corpos que subsistam em "quaisquer condições". Subsistem, sim, em certas condições, mas muito variadas, e, inclusive podemos, por assim dizer, formar o "vazio", tanto quanto exequível em torno de tais corpos, ficando eles o que são.

São os corpos denominados inertes ou mortos, cientificamente.

Os corpos vivos que vêm a ser? São corpos que apresentam o seguinte caráter excepcional: não subsistem senão por certo tempo; surgem de um corpo análogo a eles; desenvolvem-se e desaparecem; e só subsistem – enquanto subsistem – renovando constantemente a substância de que são constituídos. Não podem, portanto, subsistir senão imersos numa certa substância que constitui, por assim dizer, o meio deles; e Blainville, o último dos grandes biologistas, demonstrou que este meio comum aos corpos vivos era uma mistura de água e de ar: os que chamamos propriamente aquáticos são os que subsistem em um meio no qual o ar está dissolvido na água, e os que chamamos aéreos, são os que subsistem em um meio no qual a água está em dissolução no ar; mas todos os corpos vivos exigem essencialmente, como constituição química do meio, uma mistura de água e de ar.

Assim, a vida, no que ela tem de condições científicas determinantes, que permitem caracterizá-la, separá-la de tudo ou mais, é esse fenômeno sobre o qual acabo de chamar a vossa atenção: a troca de substância entre o ser vivo e o meio em que ele se acha imerso.

Ora, esse meio não supõe só uma condição química; supõe também condições físicas: limites de temperatura, de pressão etc.

Ainda, a um exame mais profundo, entretanto, nota-se que estes corpos quaisquer, mortos ou vivos, apresentam-se-nos como constituídos por um certo número de corpos distintos, que são aqueles a que Lavoisier denominou *corpos simples*, no ponto de vista relativo, pois ele mesmo dizia: "Não sei se são simples de fato, mas para nós é como se fossem simples; porquanto, torturando-os por todos os modos possíveis, não conseguimos tirar deles senão eles mesmos." Para nós, portanto, são simples; e o problema positivo da composição e decomposição dos corpos se apresenta como consistindo nisto: dado o conjunto de propriedades dos corpos simples, dadas as condições em que estes reagem um sobre os outros, determinar quais as propriedades do corpo composto que vai resultar. Este é o problema da química considerado diretamente: considerado inversamente,

consiste em, dadas as propriedades de um corpo qualquer, decidir se é simples ou se é composto, e, neste último caso, quais os componentes que entrarão em sua formação, em que condições a formação se operou.

Este é o ponto de vista positivo; agora o metafísico vai mais longe.

A Humanidade imaginou a princípio...

E peço que permitais esta digressão, que é necessária: trata-se de uma obra homogênea, que suponho condições lógicas para ser levada a cabo; os sofismas só podem ser dissipados sabendo-se em que eles consistem.

Vamos ver o que é que o metafísico faz, em nome da ciência ensinada nas academias, sustentada por toda a parte com o ônus do estado, e sustentada, em geral, por gente que de ciência não sabe coisa alguma. (*Aplausos.)*

Isto não é ofensa para pessoa alguma, porque ninguém nasce sabendo; e o indivíduo que nunca aprendeu matemática, astronomia, física, química, biologia, sociologia, é pelo povo soberano feito deputado, senador, ministro, presidente da República, e no dia seguinte está criando uma academia de medicina, uma academia de ciências naturais e matemáticas; está, pois, legislando sobre o que não sabe — esta é a verdade! (*Risos e aplausos.*).

Poderá talvez agir neste sentido, confiando nos seus amigos; mas o fato é que ele não tem conhecimento próprio do assunto.

O ensino da matemática, da astronomia etc., da ciência, em suma, tem por fim uma única coisa: dar-nos a concepção positiva do mundo, para substituir a concepção teológica.

Precisamos de uma concepção positiva do mundo, e esta só pode ser dada pelo conjunto das ciências que acabei de enumerar.

Ora, que faz o metafísico?

Os nossos antepassados, os gregos, desde Aristóteles, constataram quatro corpos simples que, se não podiam resolver uns nos outros: água, o ar, a terra e o fogo, considerando este último como corpo, como substância. Depois, com o desenvolvimento da espécie humana, em vez destes 4 corpos, a Humanidade descobriu cinquenta, sessenta, setenta corpos simples... Todos os dias descobrem se novos corpos simples. O espírito positivo diz: “Desde que não posso transformar ouro em prata, prata em ferro, ferro e chumbo..., segue-se que ouro, prata, ferro, chumbo, para todos os fins positivos, são coisas diferentes.” Quem precisa empregar ouro, não vai tomar chumbo e procurar, por alguma alquímica, transformá-lo em ouro. Os corpos de que se trata têm de ser tomados com as propriedades que apresentam.

O espírito metafísico, não: retrograda até Tales, até mais de 6 séculos antes de S. Paulo, e declara que “a matéria é única, esparsa pelo Universo.” É o que se chama “monismo”, é o materialismo transcendente, que se tem propagado sobretudo na Alemanha, e que declara que só existe uma substância, enchendo o Universo inteiro.

Ainda mais: esta substância é formada por partículas... E ninguém jamais viu essas partículas; elas são tão visíveis como Deus, ou como os deuses quaisquer, Mercúrio Marte, Apolo, Júpiter... Essas partículas se combinam de modo diversos; e da maneira de se combinarem e do número diferente em que se agregam, resulta a diversidade dos corpos. Quer dizer: “Isto que vós, ignorantes, pensais que são diversos corpos, ouro,

chumbo, prata, ... Nós, os sábios, (eles, bem entendido, não eu...) sabemos que venha ser uma substância só, mas como agregados diferentes, mais nada" ...

Depois, por sua vez, estes diversos grupamentos se reúnem em massas e formam os diversos corpos que, em condições particulares, que ninguém determina, ficam sempre inertes, só com atributos físico-químicos. Num certo momento, estes corpos se tornam vivos, mas muito rudimentares: em seguida, estes entes vivos, assim formados, vão se modificando, dando outros entes, cada vez mais complicados, os quais, adaptando-se aqui e acolá, vão progredindo, até que um belo dia surge o homem e surge a Mulher também, pela transformação gradual destes...

Ora, isto é tão fictício como a criação do Gênesis, sem dúvida. Deus agarrando uma porção de barro, fazendo uma estátua, soprando-lhe a alma, depois adormecendo o homem, arrancando-lhe uma costela, formando a Mulher, e assim por diante, é tão positivo então demonstrado, tão científico como a concepção monística do universo, dos materialistas!

Isto não é ciência, absolutamente; a ciência é o prolongamento do bom-senso vulgar.

Disse que precisamos de hipóteses; precisamos, não há dúvida; mas estas têm de ser, no ponto de vista científico, de acordo com aquilo que necessitamos saber; têm de ser hipóteses verificáveis para descobrir as *leis*, formulando relações diversas possíveis, ou então hipóteses lógicas, formulando as condições para a generalização do estudo das leis científicas.

Não podemos entrar em detalhes para desenvolver este ponto; temos de prosseguir. Fizemos apenas assinalar a diferença entre o ponto de vista positivo, o fetichista, o teologista, e o metafísico, o qual não é senão a transformação histórica e dogmática do teologista. Os deuses são transformados em *forças*; mas não fica aqui.

Vemos os corpos luminosos, caloríficos, elétricos, vemos o movimento. Queremos saber se um corpo é luminoso: só o podemos tendo vista, ou confiando em quem a tenha. Se queremos saber se o corpo é quente, recorremos ao nosso sentido da calorição ou a um instrumento que transforma a observação da temperatura em observação visual, instrumento que é o termômetro. Notemos que observação dos diversos fenômenos é transformada em observação visual. Os fenômenos prendem-se uns aos outros, em virtude de uma lei que se chama da ação e da reação e que permite apreciar uns fenômenos pelas suas relações com os outros. Assim, o calor dilata os corpos; nós podemos apreciar a temperatura pelo nosso contato; mas uma temperatura muito alta ou muito baixa torna impossível esta observação direta pelo contato; lançamos, então, mão de um corpo estranho a nós, e pela dilatação deste julgamos o grau de calor; aplicamos deste modo o processo que consiste em reduzir a apreciação das outras impressões a impressões visuais. Assim, a balança, que já vem dos tempos antigos, aplica este processo quanto à gravidade. Deste modo procede a razão positiva, considerando, entretanto, como fenômenos distintos, a forma, o peso, o calor, a luz etc.

Para os metafísicos-materialistas, não é assim: o que existe é só o movimento, e os tais átomos, os tais corpúsculos, movendo-se de uma certa maneira dão luz, de outra dão calor, de outra som, de outra eletricidade etc.

E perde-se com isto um tempo enorme. No tratado de física, por exemplo, o que há de positivo quanto à teoria da eletricidade poderia caber em poucas páginas: o mais é o cálculo metafísico, que torna a obra volumosa.

O positivismo pode falar assim, por que a instrução enciclopédica popular que ele requer não é essa ciência que se diz que é ciência para todos, e afinal não é ciência para ninguém. O ensino popular positivista é a ciência de maneira que o indivíduo possa identificar o seu cérebro com os dos grandes homens.

Quem pode, como Augusto Comte, ler Newton, Clairaut, Lagrange... não diz estas coisas por seu interesse, não as diz por que não saiba matemática; diz por que é o primeiro a reconhecer que a matemática, por exemplo, não se aplica além de certos limites restritos.

Compreendeis, portanto, a diferença entre o ponto de vista positivo, o metafísico, e o teológico. Prossigamos agora no exame da diferença entre os corpos vivos e os corpos mortos.

Os corpos simples são sempre corpos mortos; os corpos vivos são sempre substâncias compostas, e, ainda mais, não são formados de todos os simples: predomina nos corpos vivos apenas um certo número de substâncias simples, como o azoto, o oxigênio, o hidrogênio, o carbono, o enxofre, por fósforo. E por que o ouro não viverá, por que a prata não irá viver também? Não sabemos: observamos, constatamos.

Alguns não se dão por satisfeitos com isto e dizem que foi um Deus especial que assim quis; e param aí; porque se perguntarmos quem fez esse Deus, por exemplo, terão de dizer que além a sua razão não chega... Ora, se a nossa razão há de parar no primeiro Deus, que pare logo na natureza.

Na composição dos corpos vivos, portanto, como vos dizia, entram apenas certas substâncias, em número muito reduzido.

Surge ainda uma interrogação, agitada também no mundo científico e metafísico, e que vem a ser a seguinte: se os corpos vivos não são apenas transformações dos corpos mortos; se o azoto, o oxigênio, o hidrogênio, o carbono... Em certas condições de temperatura, de umidade etc., não produzirão, por "geração espontânea", como se diz, um ente vivo.

Ora, podemos perguntar: e quem sabe se a hipótese inversa não é a verdadeira, se todos os corpos não eram vivos, como julga o fetichista, e se alguns deles não foram passando ao estado de natureza morta? Porque vemos as duas coisas. O mundo nos oferece, de um lado, corpos mortos que se transformam em vivos; e de que maneira? Penetrando nos corpos vivos... Isto nos faz recordar uma conjectura de Diderot mostrando como o mármore de uma bela estátua pode transformar se em substância pensante, penetrando o primeiro no organismo vegetal, e daí passando para o homem...

É, em todo o caso, um fenômeno vulgar este da transformação dos corpos mortos em corpos vivos, e vemos também, dolorosamente, os organismos vivos de compondo-se, caindo na morte, que é a volta dos entes vivos para a natureza inorgânica.

Quem nos diz, portanto, que a natureza morta gerou a viva, e que não foi a natureza viva que, numa grande parte do nosso planeta, como no sol e na lua etc., foi transformado em natureza morta?

O que nós vemos é que há, de uma parte, à substância viva, e, de outra parte, os corpos que não têm vida, como vamos decidir entre a hipótese do fetichista e a do materialista, ou do monista, como queiram chamar?

São questões insolúveis. Enquanto se debatem estes assuntos, como se dava com os gregos da decadência, os muçulmanos entram em Constantinopla; quer dizer, o povo morre à míngua de pão, para ver esses sábios que se embriagam com semelhantes fantasias.

Continuemos, porém, na análise positiva.

A natureza viva se nos apresenta em dois graus: aos corpos vivos capazes de viver imediatamente do ar, da água, e da Terra, isto é, capazes de vivificar, em seus organismos, os elementos da natureza inorgânica, e estes são as plantas; e aos corpos vivos que não subsistem se não à custa de entes vivos, a seu turno, e que, portanto, suponho pelo menos a existência das plantas; e estes corpos vivos cuja existência se mantém unicamente à custa de outros seres vivos, são os animais.

Podemos conceber o mundo com plantas e sem animais; não podemos concebê-lo com animais e sem plantas.

Não posso agora insistir nos detalhes, na apresentação destes corpos vivos, vegetais e animais, se não no que interessa diretamente à Mulher, à teoria da Mulher, e, portanto, do homem.

Os corpos vivos animais se apresentam em uma grande série, que vem desde os mais rudimentares, tão rudimentares que se parecem até com as plantas, em certas propriedades, neste sentido, por exemplo, de que as plantas se reproduzem por qualquer parte, sem necessidade de semente propriamente... A consideração da semente como imprescindível é uma suposição em que só o ponto de vista empírico estreito leva a crer; porque podemos dizer que, mesmo do ponto de vista empírico, já se sabe que a planta se reproduz por qualquer parte. Pois é o que acontece com certos animais rudimentares.

De certo ponto da escala animal em diante, a partir de certos animais, já não se dá o mesmo: o tipo do animal, por assim dizer, ré duplo; os sexos se separam, há um tipo que corresponde ao masculino e outro que corresponde ao feminino.

Em que consiste a diferença?

Tomemos a questão assim na generalidade biológica, porque aí o problema não se complica diretamente com as paixões humanas, parece que o homem não está em jogo; depois chegaremos ao homem.

Que significa o que a biologia chama a “diferenciação sexual” no conjunto dos animais?

Antes de prosseguir, direi que, estudando o conjunto dos animais, comparando, confrontando etc., Aristóteles lançou as bases do que se chama a “taxonomia biológica”, distinguindo os animais em certo número de grupos.

Esse trabalho foi depois desenvolvido por diversos cientistas, entre os quais devemos citar Lineu. Consideravam se, entretanto, os grupos de animais como inteiramente separados, até que, no começo do século XIX, surgiu um homem de gênio, Lamarck, que estendeu a apreciação ao conjunto dos animais, especialmente à parte inferior da escala, aos seres animais mais rudimentares, há aqueles que anteriormente não tinham sido quase estudados; e, desde então, confrontando todos os animais, pareceu-lhe

que havia uma série gradual de animais cada vez mais complicados. Esta série não era contínua, havia verdadeiros abismos, e de um momento para outro, não era possível saber como transpô-los; mas o gênio profundamente indutivo de Lamarck, aliado à sua extraordinária imaginação – o que, ainda uma vez, mostra afinidade entre o gênio filosófico estro poético – levou-o a figurar uma verdadeira série contínua por forma tal que o ente vivo mais simples teria resultado, por geração espontânea, da matéria inorgânica; e, devido às condições de adaptação, de hereditariedade, etc., teria ido se modificando, até formar toda a série. Desta maneira, o próprio homem seria somente o resultado da longa evolução dos diversos tipos sucessivos.

É a concepção da doutrina chamada posteriormente darwinista; os que vieram depois não juntaram essencialmente nada à construção de Lamarck. Se as suas hipóteses tivessem de ser aceitas, deveriam sê-lo com os argumentos formulados desde aquela época; Lamarck não logrou tal Fortuna. Hoje, porém, pode-se dizer, quase todos os biologistas são darwinistas; o que Lamarck pregou é o que está geralmente aceito no mundo acadêmico.

Pois bem, esta é uma concepção metafísica, que não nos interessa. De fato, que importa que a espécie humana seja ou não resultado da transformação dos animais mais rudimentares? A questão é que hoje representamos um certo tipo vital, qual um determinado número de atributos eminentes, e que temos de desenvolvê-los.

Pois então, para nossa humildade de origem, não basta que consideremos a época primitiva, em que o homem devorava o homem? E não basta, ainda, que vejamos em nossos próprios dias considerar-se como uma questão de honra matarem-se os homens em massa, inventarem-se cada dia novos instrumentos de destruição?! O que mais queremos para a nossa humildade? Não precisamos, portanto, nem para esse fim, de supor que tenhamos sido o resultado da transformação de um macaco mais perfeito.

Pois não sabemos que somos feitos com esse azoto, com esse oxigênio, com esse hidrogênio, com esse carbono... que existem por toda a parte? E não nos envergonhamos por isso? Não. Pois não temos também interesse saber como foi produzida a espécie humana.

É sempre a questão metafísica de pesquisar a origem das coisas, o que não podemos conhecer.

O que é indispensável para satisfazer as aspirações de altruísmo, isso é só o que precisamos saber. Precisamos, por exemplo, de trigo, precisamos de algodão etc. Qual o problema que temos de estudar? É este: tendo a semente, ou qualquer parte de planta, como se poderá obter a árvore, até termos o produto; conseguida a planta, como poderemos ter de novo a semente etc., e assim por diante.

Este é o problema positivo; quanto ao mais, quanto à investigação de causas, não é problema positivo, não nos deve preocupar; só pode dar lugar a hipóteses inverificáveis que devemos afastar.

Convém lembrar ainda, que, para a conveniente colocação dos animais nesta série biológica, era necessário transformar a apreciação dos caracteres e interiores em apreciação dos caracteres exteriores; a série foi construída, por assim dizer, destruindo os tipos dos animais, de sorte que, dado um animal novo, era preciso destruí-lo para encontrar o seu lugar na escala.

Blainville deu este grande passo da transformação da apreciação dos caracteres interiores em apreciação dos caracteres exteriores; pelo exame exterior do animal conhece-se logo o que este é, quer dizer, qual a sua organização, por mais complicada que seja, sem precisar destrui-lo. Era o único grande passo que a biologia tinha a dar, antes da sua regeneração filosófica realizada por Augusto Comte. Foi por isso que Augusto Comte disse que Blainville fora o último dos grandes biologistas.

Limitamo-nos a dar os principais lineamentos dessa construção de Lamarck, a qual tem um valor *lógico* extraordinário. Se não houvesse animais, se existissem só as plantas, de um lado, e de outro lado o homem, o estudo do problema humano seria muito complicado; mas, como entre as primeiras e o segundo há uma série de animais, gradualmente complexos, podemos estudar mais facilmente o tipo humano, atendendo a essa complexidade gradual.

O valor da concepção de Lamarck, portanto, é lógico.

Voltemos a nossa interrogação: nessa série biológica, o que é que representa a diferenciação sexual? O que significa que, a partir de certo ponto da escala, o tipo animal se separa em dois, vindo a corresponder um à Mulher e outro ao homem?

Disse-vos que a concepção dos entes vivos supõe, por um lado, o organismo, isto é, o ente formado de certa maneira; e, por outro lado, este não pode subsistir senão em certo meio, não se pode manter senão em virtude de determinadas relações entre o organismo e o meio. Pois bem, enumerando essas relações temos justamente o que se chama as diversas funções do animal; de sorte que cada função, isto é, cada ato convergente da natureza viva, corresponde à existência de cada uma dessas relações, e realiza-se por intermédio de uma certa parte do animal; e essas partes se denominam *órgãos*. Desde então, o animal é considerado como um conjunto de órgãos, e daí vem a palavra *organismo*.

O meio é modificado pela vida do organismo, e o organismo é modificado pelo meio. Essa modificação tem um limite, depende da capacidade do organismo: ele vai se adaptando às variações do meio; mas, se estas são muito grandes, o organismo é destruído, aniquila-se em vez de se transformar, ao passo que a hipótese lamarckiana supõe uma faculdade, uma possibilidade de modificação, por assim dizer, indefinida.

Em virtude da reação do organismo sobre o meio e do meio sobre o organismo, como dissemos, surge uma dupla aptidão animal: por um lado, é preciso que o organismo modifique o meio, adaptando-o cada vez mais às condições da existência animal; por outro lado, é preciso que o organismo se modifique a seu turno, ajeite-se ao meio, quando não o pode modificar.

Pois bem, quando se consideram os animais em que os sexos não estão separados, esta dupla aptidão modificadora do organismo e do meio se concentra no mesmo tipo, e desde então não pode ser desenvolvida consideravelmente.

A separação entre os sexos é esboçada por uma série de manifestações anteriores. Assim, nos tipos inferiores da escala, o animal se reproduz por qualquer parte do corpo; na medida em que se avança na escala, vê-se que ele só se reproduz por certa parte determinada; depois, o sexo se separa.

Que significa esta separação?

O sexo que corresponde ao masculino representa a aptidão maior de modificar o meio em proveito da espécie, é o *fator industrial* propriamente, pois é nisto que se resume a indústria; o sexo que corresponde ao feminino concentra em si, no mais alto grau, a aptidão de modificar a espécie; é o *fator moral* por excelência.

Desde então, deste tipo feminino concentra em si a reprodução da espécie; o pai parece partilhar desta reprodução. "Parece", repito, o que a princípio o orgulho masculino foi levado a atribuir a procriação da espécie humana sobretudo ao homem: é o que o selvagem ainda pensa; e é como o Apolo de Ésquilo justifica Orestes ter matado a própria Mãe, invocando o testemunho de Minerva, e sendo que um homem não nasce de sua Mãe, e que ela, Minerva, saiu da cabeça de Júpiter; veio esta criança até Harvey, que no século XVII proclamou que o homem provém essencialmente de sua Mãe. Ainda assim, o orgulho do homem fez com que ele recorresse ao microscópio no assunto...

É o microscópio para investigar o infinitamente pequeno, e o telescópio para investigar o infinitamente grande; mas o primeiro nos leva até certo ponto do infinitamente pequeno, e o segundo até certo ponto do infinitamente grande: de um e de outro lado, fica sempre o mar do desconhecido, em que a imaginação se perde. Quem quiser saber do valor que o microscópio tem na ciência, por que é tudo útil na ciência, com a condição de se saber empregá-lo, leia umas páginas do curso de biologia feito por Blainville no primeiro terço do século passado...

Dirão talvez que Blainville é velho, está atrasado; mas isto só dizem em ciências que não tem noção positiva da ciência; porque em matemática, por exemplo, ninguém vai dizer que Arquimedes está velho; sabemos o que ele sabia, mais desenvolvidamente é possível, mas o que ele disse ficou.

Descartes foi ao mesmo tempo geômetra e metafísico; como metafísico ele disse: "Tábua rasa no que houve antes de mim"; como matemático ele diz: "Começo onde os antigos ficaram."

Ciência que se renova todos os dias não é ciência.

Quem, entretanto, não quiser recorrer à fonte que citei, vá ao livro da moda, leia Haeckel: é darwinista. Lá verão a importância real do microscópio. E ver-se-á ainda isto: fazem fotografias das imagens microscópicas; o bom senso vulgar diz que a fotografia é a melhor reprodução, porque dá o que está lá... salvo as intervenções; porque os cientistas se servem de reativos e depois dão por conta do que lá estivesse o que introduziram... Pois bem: dizem ainda que o melhor é o desenho feito pelo indivíduo que estuda com o microscópio, porque ele escolhe o que há de essencial e repele o secundário. Ora, nós sabemos o que isto quer dizer: cada um dá o que quer...

Bem; com o microscópio ou sem o microscópio, o homem quis manter o lugar que se atribuía a si mesmo quanto à reprodução da espécie; mas as próprias descobertas dos cientistas lançam por Terra tal pretensão e fazem ressaltar a concepção contrária. Referimo-nos aos fenômenos da partenogênese, verificados, é exato, em certas espécies inferiores à Humanidade.

Repito: cada vez mais se confirma que somos essencialmente filhos de nossas Mães. Essa é a verdade científica. É da Mulher que o homem descende; ele descende da espécie humana através da Mulher, porque esta se acha mergulhada incerto o meio social; recebe as impressões de tal meio em seu cérebro, e, conforme a natureza dessas

impressões, elas repercutem no gérmen contido no seio da Mulher. E assim se explica a variedade de produtos nascidos da mesma Mulher; assim se explica o fato de uma Mulher produzir um homem de gênio em um momento dado, e depois um homem secundário, porque, em virtude da situação social, o meio era excitante na primeira ocasião, e deprimente na segunda.

A família de Augusto Comte é um exemplo frisante disto. Augusto Comte foi concebido numa época de grandes esperanças do partido realista e católico; e sua família era profundamente realista e católica. Era em 1797; parecia que o catolicismo ia tomar conta do governo da França; no ano seguinte, tais esperanças estavam perdidas; e dessa Mulher, Rosália Boyer, que tinha produzido Augusto Comte, não surgiu nenhum outro homem de gênio: ela teve outro filho e duas filhas, e nenhum mais se equiparou àquele.

Diz-se que a Mulher não precisa ter gênio, porque produz o gênio.

E as leis da hereditariedade em que ficam? Então alguém pode produzir aquilo que não tem? Se a Mulher não tivesse gênio, não poderia produzir homens de gênio.

Pode, sim, não produzir as obras do homem de gênio. Isto sim. Também Milton (todo mundo sabe), se Cromwell tivesse tido por sucessor um estadista capaz de manter a república inglesa, Milton provavelmente não teria escrito o *Paraíso Perdido*, embora tivesse escrito outras obras poéticas. Quando a situação social exigiu um estadista, ele se tornou estadista.

E não é o único exemplo. Ésquilo, cantor dos *Persas*, foi um dos combatentes de Salamina. Está se vendo continuamente a transformação do gênio teórico em gênio prático. Nas condições apontadas, Milton teria talvez deixado de escrever o *Paraíso Perdido*, mas não teria deixado de ser Milton.

Se a Mulher não escreve epopeias, não faz as obras dos homens de gênio, tem uma função muito mais eminente, como dizia De Maistre: a de formar exatamente esses homens de gênio, encarregados dessa função mais subalterna.

Vimos, portanto, o que há quanto à diferenciação que corresponde à separação entre os dois sexos.

Isto posto, passemos ao exame da natureza humana e, portanto, da natureza feminina. Estudando essa natureza, o empirismo distinguiu entre o *físico* e o *moral*, entre o que se chama o *corpo* e o que se chama a *alma*. No sentido positivo, o moral corresponde ao cérebro e o físico corresponde a tudo quanto não é cérebro; de sorte que, quando se diz reação "do físico sobre o moral" e "do moral sobre o físico" em linguagem positiva, isso quer dizer: reação do cérebro sobre o corpo e do corpo sobre o cérebro.

Devo lembrar que quem descobriu que a alma correspondia ao conjunto das funções cerebrais foi Gall, no princípio do século passado, demonstrando que todas as propriedades psíquicas resultam da organização cerebral. Ele tentou mesmo localizar esses principais atributos; mas as suas determinações foram empíricas; enganou-se, portanto, sobretudo na análise intelectual, embora muitas vezes fosse felicíssimo. De modo que devemos admirar muito a capacidade genial de Gall, que lhe permitiu acertar sem método racional, empiricamente, em muitas dessas localizações.

O quadro das funções cerebrais de Gall foi depois revisto por Augusto Comte: não podemos agora reproduzi-lo aqui me lembrar o que se tem escrito quanto à teoria de Gall ou de Augusto Comte; limitamo-nos a recordar que Augusto Comte dizia que quem lesse

a obra de Gall não teria dúvida em aceitar o conjunto da demonstração que ele deu. Essa demonstração é tão irresistível como as de um Arquimedes ou a de um Apolônio no seu terreno; mas o Augusto Comte foi levado, baseando-se na Sociologia, a completar e formar esse quadro, dando enfim a teoria positiva da natureza humana. Essa teoria faz ver como se operam as relações entre o cérebro e o corpo, ou entre o moral e o físico, e reciprocamente.

O corpo reage sobre o cérebro pelo sistema vascular e pelos órgãos dos sentidos. Estes estão na periferia do corpo e, por meio dos nervos, transmitem as impressões ao cérebro passando pelos gânglios; os gânglios cerebrais não são considerados como fazendo parte do cérebro. Este corresponde unicamente ao conjunto das funções atribuídas à alma: sentimento, inteligência, atividade.

O cérebro reage sobre o corpo por intermédio dos nervos nutritivos, modificando a nutrição (alguns, preferindo o nome grego ao latino, chamam nervos tróficos), e por intermédio dos nervos motores, atuando sobre o sistema muscular.

Cumpre lembrar que o conjunto dos atributos animais, isto é, a contratilidade, a sensibilidade, e o instinto, está de acordo com a nutrição do animal.

De fato, dissemos que a diferença entre o vegetal e o animal procede de que o primeiro pode nutrir-se diretamente de ar, água, e terra, e o segundo carece de substâncias que já tenham vivido. É preciso, portanto, o animal tenha órgãos que lhe permitam, em primeiro lugar, distinguir o que vivi do que não vive. O que não vive existe por toda parte; o que vive, não. É preciso, por outro lado, que o animal possua os meios de apreender aquilo de que necessita para se nutrir.

Daí resultam os dois atributos da vida animal: a sensibilidade, que permite que o ser perceba as relações com o exterior, e a contratilidade, que permite que ele apanhe os alimentos vivos. Com estes dois únicos atributos, entretanto, ligados diretamente entre si, o animal seria simplesmente um autômato, como Descartes supôs. Entre ambos há o que se chama "instinto".

O animal não se limita a reagir sobre o mundo conforme sofre as impressões do exterior: reage ainda, sobretudo, em consequência de seu estado orgânico, por sua vez reagindo sobre sua constituição cerebral, e em virtude da espontaneidade do cérebro [2].

---

[2] Baseando-se nesta teoria científica da natureza humana, especialmente da natureza feminina, foi que Augusto Comte instituiu a *utopia da Virgem-Mãe*, isto é, concebeu a possibilidade, para os tipos mais eminentes, em futuro ainda indefinido, de uma reprodução sem intervenção masculina, graças ao aperfeiçoamento do conjunto do organismo da Mulher. Semelhante utopia tornou-se desde então o resumo atual da Religião da Humanidade, pois condensa: o nosso *culto*, presidindo as mais sublimes aspirações morais de ambos os sexos, em ternura como em pureza; o nosso *dogma*, sintetizando a concepção positiva da ordem universal; o nosso *regime*, mostrando todo o progresso concentrado no máximo aperfeiçoamento das relações entre a Mulher e o homem, assim expurgadas de toda a mácula egoísta. Reunimos no opúsculo *As Últimas Concepções* as páginas de nosso Mestre sobre este assunto. A este propósito reproduziremos as seguintes palavras de nosso Mestre: "Uma comparação direta permite apreciar a afinidade fundamental que devia erigir o culto ocidental da Virgem-Mãe em preâmbulo espontâneo da adoração universal da Humanidade. Porque o Grão-Ser realiza a utopia feminina fecundando-se sem assistência alguma estranha à sua própria constituição. Os sonhadores e os charlatães tentam já, uns facilitar o advento do novo culto, outros retardar a extinção do antigo, esforçando-se por unir a Deus a Humanidade. Mas essas reações crescentes de surto positivista não podem jamais oferecer sérios perigos, porque os letrados cada vez mais desacreditados, são os únicos que podem desconhecer a incompatibilidade radical entre o relativo e o absoluto. Eis como o Positivismo realiza a utopia medieval, representando todos os membros da grande Família como saídos de uma mãe sem esposo. Em virtude de tal base, o culto de transição desenvolverá,

Examinando A Constituição cerebral, é preciso distinguir, como indica o bom-senso vulgar, em primeiro lugar, entre o espírito e o coração. O espírito permite que o animal apanhe as relações dos seres que o rodeiam entre si e para consigo mesmo, bem como as relações de animal para com os demais seres. Os órgãos do espírito estão na parte anterior do cérebro, correspondem à região frontal.

A outra parte, que é o que se chama o coração, forma toda a porção superior e posterior do cérebro, incluindo neste o cerebelo.

Pois bem, no coração, segundo a linguagem vulgar, há ainda há distinguir duas acepções, correspondentes ao coração masculino e ao coração feminino. Quando se diz, em geral, que um homem não tem coração, o que se o que se quer dizer é que ele não tem coragem; quando se diz o mesmo da Mulher, o que se exprime é que ela não tem ternura. Quando Camões descreve D. João I, percorrendo, na batalha de Aljubarrota, as fileiras dos portugueses para lhes dar *coração*, queria ele dizer para lhes dar ternura? Não, o que ele queria dizer era, para dar coragem, qualidade de caráter, portanto.

Assim, o coração se decompõe ainda em órgãos afetivos e em órgãos de caráter. Estes últimos estão em relação direta com a constituição muscular, correspondendo à zona cerebral que preside as contrações musculares, determinando-as, retendo-as ou mantendo-as.

Quanto aos órgãos afetivos, é preciso distinguir, na nossa espécie, os egoístas e os altruístas; quer dizer, os que concentram um animal em si mesmo, e os que levam o animal a procurar móveis de conduta fora de si próprio. Os pendores do egoísmo induzem o indivíduo a referir, tanto a sua existência como a da espécie, e tudo o mais, a si mesmo; os órgãos do altruísmo não têm diretamente em vista o próprio indivíduo e fazem com que o indivíduo procure fora de si, desinteressadamente, os motivos da sua existência.

A palavra altruísmo foi criada por Augusto Comte; não existia na língua, antes dele. Pretende-se, às vezes, que o termo é desnecessário, por que já existia a palavra caridade; mas a caridade o amor do próximo por amor de Deus, e o altruísmo é o amor por amor, independentemente do destino, seja este qual for.

Que representam os órgãos do altruísmo? São os órgãos da submissão, que induzem um animal a fazer consistir o bem-estar, a felicidade, em subordinar sua existência à de outrem, e por isto o tipo de tal sentimento é o *amor materno*.

Que vale uma criança? Vós sabeis; ela é incapaz de se mover, de saber o que quer; e, quando ainda não pode fazer-se entender, é a solicitude materna que venha adivinhar seus sentimentos, seus pensamentos... O cérebro da criança está organizado, desde que ela se desprende do seio materno, como o do adulto; é questão apenas de desenvolvimento de certos órgãos, desenvolvimento que se dá ao correr da evolução, mas os órgãos estão lá. Nós temos o que a criança tem, apenas com mais desenvolvimento. Em certa época por exemplo, o cerebelo, cujas partes laterais correspondem ao instinto sexual, desenvolve-se sobretudo no homem; na Mulher, também em determinada época, desenvolve-se mais a parte do cérebro que corresponde ao *instinto materno*, o qual, é

---

desde o começo, por uma sistematização decisiva, a transformação espontânea para a qual as almas meridionais tenderam cada vez mais, desde o duodécimo século, e sobretudo depois da explosão negativa. Ao mesmo tempo, a utopia feminina se incorpora na religião positiva, para os corações capazes de cultivar a sua eficácia subjetiva sem esperar a sua realização objetiva." (*Política Positiva*, IV, p. 412-413).

preciso notar, é também um instinto egoísta e existe igualmente no homem. É o pendor que liga o artista, o cientista, o industrial, à sua obra como se esta fosse parte deles... Os órgãos correspondentes a esses instintos, por exemplo, desenvolvem-se especialmente na puberdade. Os outros instintos também se vão desenvolvendo na época própria.

Sei que contra esta teoria de Gall e de Augusto Comte há uma série de objeções; mas a que é que, hoje, não se apresentam objeções?

Os órgãos que correspondem ao egoísmo dividem-se em órgãos do egoísmo direto, ou *interesse*, e órgãos do egoísmo indireto, ou *ambição*. Estes são o orgulho e a vaidade. Orgulho é o desejo de domínio pela força; a vaidade é o desejo de merecer aprovação, de agradar. O orgulho é menos eminente do que a vaidade, e prevalece no homem, ao passo que a vaidade predomina na Mulher.

Já se vê que isto é tratando dos órgãos sob o ponto de vista abstrato; mas é preciso não esquecer que os nossos atos dependem das funções compostas, resultantes das combinações das funções simples.

Quanto aos órgãos do egoísmo direto, cumpre distinguir ainda entre os da conservação e os do aperfeiçoamento. Estes últimos são os instintos construtores destruidor, dos quais o primeiro é mais desenvolvido na Mulher, no tipo feminino, e o segundo no homem, por tal forma que, ao passo que o homem fez surgir as artes da destruição, a guerra; a Mulher fez surgir as da construção, a indústria. A indústria é essencialmente, na sua origem, feminina; o homem transformou a indústria doméstica feminina, na grande indústria; mas o gérmen, o brotar da indústria foi essencialmente feminino. E, por isso, encontramos ainda, nas cabildas primitivas, a Mulher zelando a conservação dos resultados industriais. Não é que o homem fizesse as descobertas e mandasse quer Mulher as guardasse; foi ela quem descobriu.

Considerando os órgãos da conservação propriamente dita, temos de ajudar a conservação do indivíduo, ou *nutritivo*, e os dois da conservação da espécie; a ambos estes últimos existem na Mulher e no homem: o instinto sexual e o instinto materno. O primeiro é, sobretudo no homem, a base espontânea egoísta do amor conjugal, que leva dois tipos da mesma espécie a se aproximarem. Mas é o altruísmo, especialmente o apego, assim despertado, que mantém a união. O segundo é o instinto materno, ao instinto egoísta que prende a Mãe ao ser que ela produziu, e forma na Mulher o principal estímulo espontâneo egoísta do amor conjugal. O *amor materno* resulta da combinação predominante do instinto materno com o altruísmo, especialmente a bondade, que é o mais eminente dos pendores altruístas.

Esses instintos não existem todos em qualquer tipo da escala biológica: vão se juntando uns aos outros, à medida que a existência vai se complicando.

Os instintos altruístas são três: o amor para com os iguais, que é o apego; o amor para com aqueles que parecem superiores, veneração; o amor para com aqueles que dependem da nossa proteção, bondade. Estes 3 instintos são mais desenvolvidos na Mulher do que no homem: a Mulher é mais externa, mas simpática, mas cura do que o homem.

"Pureza", quer dizer, menor energia no egoísmo: a Mulher é mais sóbria do que o homem; o instinto sexual na Mulher, pode-se dizer que não existe quase de ordinário; a Mulher se presta, sacrifica se às grosserias do homem, mas é fundamentalmente pura; a

pureza quase não custa esforço à Mulher, e é por isso que ela é tão severa quanto a este ponto em relação ao seu sexo.

O instinto materno é na Mulher mais desenvolvido do que no homem.

Os instintos egoístas combinam-se com os altruístas e vão despertá-los às vezes. O instinto nutritivo, por exemplo, que é o mais egoísta de todos, tem relações muito íntimas com o da veneração: é ele que vai despertar este último na criança e que a faz descobrir sua Mãe.

Todos nós somos inventores, como dizia Delambre, a quem Augusto Comte chamava "o judicioso Delambre", de tudo aquilo para o que bastam os órgãos vulgares e o espetáculo exterior. Assim, por exemplo, quanto a essa astronomia que existe por toda parte, resume-se naquela que apenas exige olhos e céu.

É o que se dá no caso vulgar: todos nós começamos descobrindo a própria língua, porque só depois podemos entrar em comunicação com os outros; mas a primeira descoberta da criança propriamente é sua Mãe. No princípio, tudo, por assim dizer, tumultua confusamente no cérebro da criança; mas há um ente que corresponde às suas necessidades mais enérgicas, que é a fonte da alimentação e ao mesmo tempo do carinho... Ora, dizer que uma criança não tenha altruísmo é afirmar uma fantasia inqualificável. A criança não vive comendo; depois de satisfeita a fome, os seus instintos altruístas, sobretudo a veneração, vão ser despertados, e o ente que ele vê como objeto de sua veneração é sua Mãe. Começa descobrindo a Mãe e instituindo então o início da escala numérica, o número 1, que representa ao mesmo tempo a síntese e a simpatia, por isto que representa o tipo materno.

Depois, como a criança vê sempre ao lado da Mãe e o tipo paterno, descobre o número 2, a ideia da ordem e simultaneamente a ideia de arranjo, que corresponde sempre ao tipo paterno por um lado, e ao da Mãe por outro. O tipo paterno fica então subordinado, mesmo fisicamente, ao materno: no momento de perigo, a criança corre para a Mãe, é esta quem pode tudo, é o seu Deus, é Todo-poderosa. Depois, a criança vai descobrindo que a realidade objetiva não é assim... E muita vez feliz do filho se não se torna a fonte dos desgostoso maternos, em virtude da inferioridade de sua natureza em consequência de sua ingratidão!

Pois bem, depois de que a criança descobre se ela própria. No começo, a criança não diz "eu quero", e sim diz "fulano quer". E quando ela descobre sua pessoa, é o número 3, que a Humanidade não ultrapassou durante tempos imemoriais. Selvagens há que não contam além de 3; as aves contam até 3, e o início da nossa ciência é o início da ciência dos animais[3]. Tudo isso mostra que devemos estender a nossa fraternidade aos animais: são nossos irmãos e precisam ser tratados como tais; mas havemos de tratá-los como tais elevando os até o nível aqui chegamos, e não rebaixando-nos nós até onde eles se acham e estávamos no início da existência de nossa espécie.

Assim, os animais podem ser incorporados, por exemplo, aos nossos estudos, e só por este lado vemos o que não poderemos esperar deles. Alguns têm sentidos mais

---

[3] Com o número 3 coincide o advento do sentimento e da noção de *progresso*, porque os tipos paternos parecem *fixos* ao passo que a criança nota as mudanças que se vão dando nela, aproximando-a da sua Mãe ou de seu Pai. Foi por esses motivos *sociais e morais* que Augusto Comte chamou os 3 primeiros números, *números sagrados*.

desenvolvidos do que o homem. É assim que não temos uma "teoria física do olfato"; entretanto, desde 1835, Augusto Comte assinalava na Física a falta desse capítulo. Ora, o homem, agregando a si os animais que têm o olfato mais desenvolvido, aprendendo a língua deles ou instituindo uma linguagem para comunicar com eles, poderia realizar importantes descobertas científicas. Isto serve para mostrar a simpatia que devemos ter em relação aos animais.

Voltando ao assunto, já vimos que, no ponto de vista afetivo, a superioridade é da Mulher sobre o homem[4]. Diz-se que a inteligência da Mulher é menor que a do homem, e procura-se provar a superioridade masculina, afirmando-se que o homem tem os sentidos mais apurados do que a Mulher.

Ora, a observação está malfeita; falha, porque, em primeiro lugar, para apreciar o valor de um sentido, é preciso comparar a disposição das pessoas quando aplicam o sentido; assim, para ver convenientemente, é preciso ter interesse em ver; o interesse pode ser egoísta, mas pode também ser altruísta, e até, para ver bem, é indispensável, sobretudo, amar.

É por isso que, como já citei, Vauvenargues dizia que "os grandes pensamentos vêm do coração". Quando a inteligência não segue os impulsos do altruísmo, obedece fatalmente aos do egoísmo, muito mais enérgicos do que os do altruísmo. E por que amar é indispensável? Porque nos faz considerar os entes com interesse: vamos ver o que desejamos ver, o que não quer dizer que vejamos como desejamos unicamente. É que o desejo de conhecer o ente a quem amamos nos faz descobrir as qualidades ocultas; e por isso Augusto Comte dizia que muito honroso para a nossa espécie é o fato de fazerem as pessoas íntimas juízo favorável de seus íntimos; todos os filhos fazem este juízo de seus pais, por pior que seja o juízo alheio quanto a estes. Muita gente pensa que é cegueira; não é. A cegueira é o ódio, é o egoísmo, que está vendo inimigos por toda parte e os inventa quando não encontra[5].

Admitamos, em todo o caso, que a Mulher seja inferior ao homem quanto aos sentidos: que provará isso? Inferioridade da Mulher? Então o tipo masculino inferior, por que já Diderot observava que a superioridade do homem não está na agudeza dos sentidos, pois outros animais veem mais agudamente, alguns têm o olfato mais apurado, a audição mais perfeita...

A nossa superioridade intelectual reside na capacidade intrínseca de nosso cérebro, de nossa inteligência; e Diderot não falava em cérebro, por que quem demonstrou que este era o conjunto dos órgãos das funções anímicas foi Gall.

---

[4] Ora, daí resulta imediatamente a supremacia social e moral da Mulher. Porque o altruísmo é o mais eminente dos atributos superiores da natureza humana. O exame direto da Humanidade não deixa a menor dúvida a este respeito, porque a sociedade só existe pelo *altruísmo*. Mas a consideração da série biológica basta para patentear semelhante verdade. Porque os atributos são tanto mais eminentes quanto menor é o número das espécies em que eles se encontram. Ao passo que nenhum animal pode sequer ser concebido sem um certo grau de atividade e de inteligência ligados pelo instinto egoísta, o *altruísmo* só se encontra depois da plena separação entre os sexos, e só permite a *sociedade* em raras espécies. A *moralidade*, isto é, a subordinação voluntária do egoísmo ao altruísmo, provém vem diretamente da energia deste.

[5] Se a Humanidade é a espécie *racional* e *industrial* por excelência é graças ao fato de ser a *espécie altruísta* por excelência. Abstraia-se da *sociabilidade,* e a nossa *racionalidade*, a nossa *estética*, a nossa *indústria desaparecem.* O valor do homem individual depende da fase da evolução da Humanidade em que ele surge.

Vamos à questão intelectual. "A Mulher", diz-se, "é inferior ao homem", e chegou se afirmar que a inteligência da Mulher é analítica e a do homem é sintética. Ora, o que se dá é o contrário: um homem é analítico e a Mulher é sintética. (*Riso*).

Vejamos neste ponto; a sua compreensão exige simplesmente bom senso. Se se trata de um curso de astronomia, por exemplo, há necessidade de uma série de observações particulares, estranhas às contemplações e meditações vulgares, porque nem sequer estamos mais como selvagens, que tem por teto a abóboda estrelada e a contemplam habitualmente. Os poetas cantam atualmente, por vezes, as estrelas e a lua; mas pode-se dizer que não contemplaram umas nem outra... Falamos do comum, não os grandes poetas que sempre estiveram a par da ciência do seu tempo... Com os fenômenos morais, porém, não acontece o mesmo, porque constituem espontaneamente o objeto das contemplações e meditações habituais, de sorte que o bom senso vulgar, sobretudo feminino, basta para verificar aí a exatidão das apreciações teóricas.

Na inteligência, é preciso distinguir, em primeiro lugar, o órgão da expressão, aquilo que se chama hoje órgão da linguagem articulada, o que é mal qualificado, porque o órgão da linguagem não é só a linguagem articulada: é de qualquer linguagem, é do conjunto de meios artificiais pelos quais os animais comunicam seu estado anterior interior ao exterior. Como a nossa linguagem articulada e visual, por exemplo, podiam ser formadas outras, dirigindo-se a outros sentidos; a dos odores, suponhamos, que se dirigiria ao sentido olfativo etc. A linguagem supõe uma construção muito complexa; cada sinal corresponde, como sabeis, ora a concepção de uma certa qualidade, de uma certa ideia abstrata, ora a ideias concretas, e tudo isto não é o órgão da linguagem propriamente que elabora. Este corresponde apenas à aptidão que tem o animal de ligar, natural ou artificialmente, certas sensações a certas contrações, de sorte que, dada a sensação, a contração se reproduz, e vice-versa. Este órgão, que é o da expressão, é o que fornece aos animais o meio de transmitirem ao exterior o seu estado interior: sentimentos, pensamentos e projetos; só funciona normalmente se se subordina a concepção[6].

Como, porém, produzem-se as concepções humanas? Por meio de outros órgãos, que vamos indicar.

Por um lado, existem os órgãos da contemplação; por outro, os da meditação.

Os da contemplação recebem dos gânglios sensitivos diferentes os materiais fornecidos pelo mundo; os da meditação combinam estes materiais, formando os diversos pensamentos, de modo que na contemplação formam-se as ideias, e na meditação os pensamentos quaisquer.

A contemplação é de duas naturezas: há contemplação concreta, e a contemplação abstrata. A primeira considera os fenômenos localizados nos seres é essencialmente *sintética*; a segunda considera os fenômenos separando os dos seres, é essencialmente *analítica*. Também na meditação há duas espécies: a meditação indutiva, que apanha o que há de comum no meio da variedade, *generaliza*; e a meditação dedutiva, que tira as consequências, que mostra como um dos princípios sem contém nos outros, *sistematiza*.

---

[6] Como mais ligado ao sentimento, e, portanto, mais estético, esse órgão é mais desenvolvido na Mulher. A linguagem serve espontaneamente para exprimir os *sentimentos* antes de ser empregada para comunicar *pensamentos* e concertar *projetos*.

Não podemos agora demorar nos especificando todas estas apreciações; estamos apresentando apenas afirmações, mas afirmações de Augusto Comte; outros também fizeram afirmações: ficam afirmações contra afirmações, e o público que escolha, conforme o valor que der a cada um.

Isto posto, vamos ver qual o destino desses órgãos e qual a diferença que há, quanto a este aspecto, entre a Mulher e o homem.

Consideremos a contemplação concreta e a contemplação abstrata: qual deve dominar na Mulher e no homem? Devem ambos ter as mesmas aptidões?

Remontemos à causa ou motivo fundamental da diferença entre os sexos; "causa", no sentido científico da palavra, é apenas o antecedente, o princípio mais geral que nos permite sistematizar fatos particulares.

Disse-vos há pouco que a diferença capital entre os sexos reside em que o sexo masculino tem maior aptidão para modificar o meio material, e o sexo feminino tem mais aptidão para modificar a própria natureza humana.

Isto posto, vejamos se os dois sexos precisam da mesma maneira da contemplação concreta e da contemplação abstrata.

O exercício das funções sociais do homem, quer do homem prático, do que se chama "grosseiro", digamos assim, do que não anda a passear nas nuvens das teorias: do pedreiro, o ferreiro, do carpinteiro etc.; quer a do teorista, do especialista, do microscopista que estuda uma espécie ou um órgão dessa espécie etc. O que é que se exige, contemplação concreta ou contemplação abstrata?

Reconhece-se logo que é sobretudo contemplação abstrata.

O ferreiro toma um pedaço de ferro, o malha; mas em breve este pedaço de ferro vai correr mundo; o ferreiro não sabe a que mãos vai parar; e vem outro pedaço, e outro, e outro; o ferreiro precisa, pois, apenas conhecer as propriedades do ferro *em geral.*

Como marceneiro dá-se o mesmo; passa lhe uma prancha pelas mãos, e ele precisa distinguir se é cedro, se é vinhático, se é jacarandá; há diversas sortes dessa dessas madeiras; seja como for, ele precisa apenas conhecer cada espécie de madeira *em geral.*

Agora, a Mulher. Ela nasce, cresce, morre, e o número de indivíduos com os quais teve de tratar diretamente foi pequeno: foi seu Pai, foram seus Irmãos, foi seu Marido, foram seus Filhos... Um pequeno número de pessoas que acompanham a Mulher desde que ela vem ao mundo até aqui vai repousar na sepultura. Estas pessoas, sem dúvida, são análogas às outras todas: todos os homens são mortais, tem Irmãs, tem Filhas etc., mas cada um possui os atributos humanos em graus particulares. A Mulher tem, a respeito da *espécie humana*, um conhecimento análogo ao que o ferreiro tem quanto ao ferro, o fundidor quanto ao bronze etc., tem um conhecimento geral de cada ente humano, mas esse conhecimento é mais profundo, porque há mais analogia na observação feminina, de homem para homem, do que, na observação masculina, de ferro para ferro, por exemplo.

Ainda mais: o estado que a Mulher faz dos entes que a cercam é mais íntimo do que o que o homem faz dos tipos materiais com que lida. Esses entes, a Mulher tem de conhecê-los profundamente, tem de penetrar o âmago de sua natureza, de descobrir os seus sentimentos e pensamentos; logo a inteligência feminina precisa mais de contemplação concreta do que a do homem.

É por isso que a Mulher tem mais sagacidade; e espantam-se por ver que o homem é tão fácil de iludir, quando a Mulher não o é... (*Riso.*)

A Mulher não serve como homem para as indústrias, está claro, porque a sua natureza não a fez especialmente para isso. Mas qual é mais difícil? Para a Mulher, trata-se de educar uma criança, de modificar um homem adulto... E, permiti-me este parêntese: a dificuldade de disciplinar a sociedade não vem da Mulher, porque esta nasceu com as qualidades para que a plena supremacia do altruísmo fosse uma realidade desde já na superfície da Terra; a dificuldade não é da criança que por toda parte acompanha a Mulher; a dificuldade é do homem adulto, que sai dos braços maternos, na puberdade, desvia-se deles e não encontra, por sua natureza, em geral, mesmo na esposa, proteção moral equivalente à que lhe dava sua Mãe.

No princípio, foi o coração materno, literalmente, quem ensinou o coração do filho a pulsar, vida de um, vida de outro, durante uma série de meses, como sabeis. Depois que a criança se desprende do seio materno, continua ligada à Mãe; quando já não existe a cadeia física e biológica, a Mãe pode separar-se do filho, mas faz sua a vida daquele ente fragílimo, sua existência é subordinada à dele, continua a dispensar-lhe toda a solicitude, tenta transmitir-lhe a sua pureza, se é um indivíduo masculino, outorgar-lhe toda a sua ternura, incutir-lhe seus princípios, dar-lhe as crenças que recebeu de sua Mãe.

Pois bem, se se trata de um tipo masculino, a partir da puberdade ele cai na voragem da vida prática; e que fica da solicitude materna? Parece que nada, mas fica sempre muita coisa. Ele não vai se perder, porque o impulso está dado, e a lei da persistência, que é uma realidade do mundo físico como no mundo moral, continua a dominar, a sobrepujar as resistências que se opõem ao impulso materno.

É assim que a sociedade moderna, no meio de todas as vicissitudes revolucionárias, sustenta-se pelo sentimento, graças à solicitude materna, graças à ação moralizadora e santificadora da Mulher (*Aplausos*).

Considerando, portanto, quanto aos órgãos da contemplação, e indagando qual a inteligência superior, temos que distinguir conforme os assuntos. Se se trata do estudo do mundo moral, é a contemplação concreta que prevalece; se se trata do estudo do mundo industrial, é a contemplação abstrata. E qual o ideal? Fundir as duas aptidões, contemplação concreta e contemplação abstrata; este é o esforço da educação humana: fazer com que a Mulher desenvolva a contemplação abstrata, de modo a adquirir as qualidades mentais do homem; fazer com que o homem desenvolva a contemplação concreta, de modo a adquirir as qualidades mentais da Mulher.

A contemplação concreta aproxima-se mais da realidade; a abstrata nos lança no mundo dos ideais, das fantasias, das quimeras. Enquanto contemplarmos a Terra, os seres que nos rodeiam, é verdade que poderíamos não formar a Virgem de Rafael, mas também com certeza não iríamos criar essas quimeras, esses tipos por vezes monstruosos com que nossos pais povoaram o espaço a que chamaram Céu, e as profundezas da Terra, a que chamaram inferno.

A inteligência da Mulher, portanto, tem mais realidade, e por isso se explica a aparente contradição de ser o homem mais dado às quimeras, às utopias.

A Mulher atravessa uma situação em que a pintam como inferior ao homem. Sua vida é para a Família. Pois bem, o sacerdócio católico, esse que nos nossos dias não tem

vida se não a que lhe empresta a Mulher, no momento em que vai sagrar cada família que se funda, lembra à Mulher que ela desce da sua dignidade, tornando-se esposa, deixando de ser virgem. Mesmo depois que a santifica a viuvez, ainda a viúva é colocada em nível inferior à virgem.

E por quê? Porque a Família é considerada uma transação com os instintos grosseiros de nossa natureza, porque a nossa vida deve ter um destino sublime, que é no Céu, e não na Terra.

Pois a Mulher sujeita se com humildade a tudo isto, e vai desempenhar no lar, modestamente, a sua verdadeira obra de santificação, mas santificação na Terra, adaptando o homem, cada vez mais, a *viver para outrem.*

Dizia-vos há pouco que a Mulher, colocada na mais humilde situação, não segue as utopias com que se lhe acena, de uma felicidade quimérica. Os maridos tornam-se infiéis, tornam-se grosseiros, os pais esquecem seus deveres, deixam as filhas ao abandono, os irmãos procedem do mesmo modo, desamparam as irmãs. Pois bem, prega-se o divórcio, e a Mulher repele o divórcio. Pouco importa que o inscrevam nas leis: a maioria não se divorcia, e é uma minoria insignificante que a ele recorre. É que a Mulher sabe que a moralidade humana supõe a submissão, que é a base do aperfeiçoamento físico, intelectual e moral.

Como Aristóteles já proclamara, *a principal força da Mulher consiste em vencer a dificuldade de obedecer.* Ela obedece espontaneamente, porque obedece por amor, não obedece por servilismo.

Acenar à Mulher com o direito de voto, dai-lhe esse direito: pouco importa! Se os homens abandonam as urnas, quanto mais as Mulheres... (*Aplausos*).

Passando a tratar da meditação, recordaremos que vos disse que ela é indutiva ou é dedutiva.

A meditação indutiva consiste na aptidão que o animal tende a apanhar o que há de constante no meio daquilo que varia. Para isto, ele observa diversos casos... O homem faz, por exemplo, uma infinidade de triângulos. E todo mundo sabe o que é um triângulo: é a figura formada por três retas que se encontram duas a duas. Seus ângulos têm uma infinidade de valores, mas há uma lei que os liga: dois quaisquer variam de infinitos modos, o terceiro não. Tales, no sétimo século antes de São Paulo, fez esta descoberta: que a soma dos três ângulos de um triângulo equivale a dois ângulos retos; e nesse dia o Olimpo desmoronou se, porque acabava a vontade suprema de Júpiter, a qual vinha esbarrar diante da lei natural. Por isso, não admira que Ésquilo, que veio depois, no seu "Prometeu", fizesse com que este ameaçasse Júpiter que o encadeava, de que Júpiter também havia de cair. E assim foi: o monoteísmo destronou Júpiter e; por sua vez, o desenvolvimento do altruísmo humano veio tornar o monoteísmo também completamente desnecessário para a moralidade, privada ou pública.

A indução exerce-se, sobretudo, em relação aos seres, aos entes concretos, mediante imagens; pois a indução é muito mais enérgica na Mulher, e, por isso, a inteligência feminina é muito mais profunda do que a masculina.

E a dedução, que é essa faculdade de tirar as consequências, de encadear os princípios uns aos outros, quem a terá em mais alto grau, a Mulher ou o homem? Ainda aqui é preciso distinguir.

Há uma dedução que é função irredutível da inteligência e que consiste na faculdade de tirar consequências, isoladamente, de um princípio dado; essa faculdade, isoladamente considerada, manifesta-se mais no homem do que na Mulher; mas essa faculdade, apesar disso a tendência sintética, porque coordena e liga as coisas, é antes, no fundo, uma faculdade analítica, enquanto se subordina à indução.

O exercício transcendente da dedução, que coordena tudo, que forma os sistemas, as construções, quer científicas, quer técnicas, quer poéticas, esse resulta da supremacia do altruísmo combinando se com o órgão da dedução propriamente.

Pois bem, essa função transcendente, que constitui o que Augusto Comte chamava a "função construtiva", é essencialmente feminina, predomina na Mulher, porque o altruísmo predomina na Mulher.

De sorte que ainda aí temos as inteligências masculinas e femininas complementares. Qual será o ideal? Uma inteligência que combine as qualidades da Mulher e as do homem, e este também é o objeto da educação[7].

E agora vedes o absurdo das escolas mistas; não se pode ensinar ao mesmo tempo Mulheres e homens, meninas e meninos.

Aprender é inventar; ensinar é pôr o cérebro de quem ouve, de quem aprende, nas condições de fazer descobertas. Por isso, não há regras invariáveis para ensinar a todo o mundo; cada caso é um caso particular; a verdadeira mestra é a Mãe. A escola pública é uma instituição transitória, momentânea; e um estadista que fosse um Cromwell e tivesse estudos positivos, saberia que, no ocidente, a escola pública teria de durar, digamos, mais doze anos... o tempo preciso para que todas as Mulheres pudessem aprender, de modo a exercer em sua função de Mães de família, de formadora do homem, em vez de virem fazer concorrência ao homem, isto é, propor se a fazer coisas que o homem pode fazer, e que, quando o homem não quer realizar, os patrões os governos mandam a Mulher... (*Aplausos*).

Sejamos coerentes. Não temos de levantar palácios para escolas, para hospitais, ou para asilos, pois estas edificações correspondem à situação transitória da nossa sociedade atual, a desorganização da família. As escolas, os hospitais, asilos etc., deviam ser barracões, para que todo mundo visse que eram construções simplesmente provisórias. Mas não; quando se eleva um monumento desses, parece que é eterno, e tudo isso significa desorganização da família.

Considerando, como acabamos de dizer, o ensino, vê-se que o que se dá ao homem é inadequado para a Mulher. O ensino tem sempre um duplo destino: sistematizar a lógica e divulgar a doutrina. Ora, a lógica tem por fim desenvolver normalmente as aptidões para o trabalho intelectual, revelando as leis mentais e cultivando as nossas faculdades de

---

[7] O contraste fundamental entre os sexos dá a razão dessas diferenças intelectuais. Porque devendo a Mulher modificar principalmente a espécie, sobretudo por intermédio da Família, o objeto natural das contemplações e meditações femininas é espontaneamente *sintético*. O difícil então não é instituir uma coordenação que já existe por si, e sim aprofundar os laços próprios de tal síntese. Ao passo que, devendo o homem modificar sobretudo o *meio material*, desenvolvendo afinal a indústria, o objeto natural das contemplações e meditações masculinas é espontaneamente desconexo, dispersivo, *analítico*. A dificuldade consiste então justamente em instituir uma síntese, que é fatalmente artificial, subjetiva. Eis porque a *dedução elementar* é mais desenvolvida no homem, mas a indução e a dedução transcendente ou *construção*, preponderam na Mulher.

contemplação, de dedução, de expressão... Tudo o que acabamos de expor. Ora, se as faculdades femininas são diversas das masculinas, como é que vai se dar uma demonstração ao mesmo tempo para a Mulher e para o homem, para menina e para o menino?

Pode-se fazer isto quanto aos adultos, porque supõem se que já existe a preparação geral; mas quanto à criança, quanto ao adolescente, não pode ser: a demonstração boa para a menina não serve para o menino; a demonstração boa para o menino não serve para a menina; a que pretende servir para ambos pode-se dizer que não serve para um nem para o outro... (*Riso*).

Sob o ponto de vista intelectual, portanto, verificamos que a Mulher e o homem são dois entes complementares; e o contraste é consiste em que a inteligência feminina é mais apta para estudar os fenômenos morais, e o homem tem a faculdade mais desenvolvida para o estudo da natureza inorgânica.

Agora os órgãos de caráter: aí a superioridade do homem é incontestável; basta olhar para a organização muscular dele[8].

Disse que há Mulheres de Constituição mais forte que a do homem. Não há dúvida, mas já a Mulher mais hercúlea é menos forte do que o Hércules, e a distância que existe entre um e outro é imensa.

Agora, alegarem que as circunvoluções frontais do cérebro feminino são menos desenvolvidas do que as do cérebro masculino...

É preciso saber, antes de tudo, que cérebros foram comparados; se tomarem o cérebro de um Augusto Comte e de uma Mulher subalterna, com certeza a diferença será a favor do homem. Quantos homens, entretanto, teriam as circunvoluções frontais com o desenvolvimento das de Augusto Comte, de Bichat, de Gall?...

Não se podem comparar tipos heterogêneo: era preciso comparar a média masculina com a média feminina, os tipos superiores masculinos com os tipos superiores femininos. E este exame foi feito? Pois o mundo não sabe que as investigações anatômicas pesam incoerentemente sobre a massa do proletariado, que é o nosso esse último traje que se faz ao cobre? Todo mundo não sabe disso? (*Aplausos*.)

Resulta daí, em resumo, o seguinte: superioridade afetiva da Mulher, primeiro porque é mais altruísta do que o homem; segundo, porque é menos egoísta do que ele; inteligência complementares; quanto ao caráter, o homem é superior à Mulher. E não nos consta que Mulher alguma tivesse jamais contestado semelhante superioridade por parte do homem...

É isto que resulta do conjunto dos dados biológicos e sociológicos.

Agora no temos: isto é verdade não só comparando o homem com a Mulher, mas ainda em relação aos outros animais. Descei a escala biológica, e por toda parte

---

[8] A diferença entre a Mulher e o homem, quanto aos órgãos do caráter também decorre do contraste fundamental entre os sexos. Porque a Mulher não carece de *força*, pois age sobre entes morais e racionais que as servem voluntariamente, ou são fragílimos (as crianças) enquanto não podem obedecer voluntariamente ao passo que o homem atua sobre os corpos inorgânicos e rege diretamente os atos dos adultos sem preocupar-se espontaneamente com os *sentimentos* e as *opiniões* dos que obedecem, como se vê no vulgo dos chefes políticos e industriais.

encontrareis o que vos acabamos de dizer, porque o tipo humano representa apenas o desenvolvimento, no mais alto grau, das faculdades que se observam no conjunto da escala biológica.

Feita esta apreciação, que é verdadeira, segundo a ciência positiva, tal qual a definimos, verdadeira, portanto, para qualquer tipo normal do homem ou da Mulher, estudado em qualquer sociedade, apresentaremos ainda uma observação indispensável. O que é o "tipo normal"?

Há muita gente que toma como tipo normal o tipo da mediocridade, do comum. É um engano, porque a regra quer dizer exatamente o que constitui o ideal para todos; ninguém imagina como regra precisamente aí imperfeição. Assim, os tipos ideais, normais, da natureza humana, são justamente os Santos, os grandes homens, as grandes Mulheres. Eis o tipo normal.

Dir-se-á que há um abismo entre o tipo normal e a média dos homens. Aí, é preciso tomar em conta uma reflexão. Sem dúvida, a diferença é grande quando se trata de invenção original: bem pouco são o Arquimedes, um Apolônio, um Kepler, um Descartes, um Clairaut, um Bichat, como bem poucas são uma Santa Teresa de Jesus, uma Santa Catarina de Siena, uma Heloísa, uma Clotilde, e é preciso notar que entre o comum das Mulheres e as excelsas, a distância é menor do que a que existe entre o comum dos homens e os homens eminentes.

Isto posto, convém notar que não descobrimos por nós as coisas que só os grandes homens descobrem; mas, *uma vez descobertas*, podemos assimilá-las, podemos artificialmente chegar ao ponto a que eles chegaram. Não quer isto dizer que, depois de termos aprendido que Arquimedes, Descartes ou Augusto Comte descobriram, sejamos iguais a Arquimedes, Descartes e Augusto Comte; possamos ocupar a posição que eles tiveram, merecer a veneração que eles estavam no direito de exigir, e que aliás não exigiram; porque, se nos colocássemos diante de novos problemas que eles eram capazes de resolver, nós não os resolveríamos. Ficamos, sim, habilitados a resolver os problemas que foram por eles resolvidos, e, em resultado disto, a média pode subir até o tipo normal, o tipo ideal.

E como se quer apresentar o gênio como uma espécie de aberração, de monstruosidade? (*Aplausos*.)

Da diferença estática entre os dois sexos, conforme acabamos de verificar, resulta o papel de ambos no conjunto, na evolução de nossa espécie, porque tal evolução não fez se não desenvolver as qualidades intrínsecas nos dois sexos.

Por toda a parte, segundo o aforismo de Augusto Comte, o progresso não foi senão o desenvolvimento da ordem, mais nada. E a ordem é o tipo que as considerações precedentes definem.

Para demonstrar que a existência da Humanidade manifesta cada vez mais a preeminência social e moral da Mulher, bastará percorrer o conjunto da evolução humana: e aqui tereis um novo exemplo do que é a apreciação abstrata. Não vamos entrar em detalhes a respeito dos diversos povos: vamos considerar o conjunto dos fenômenos que caracterizam essa evolução.

A espécie humana começou pelo fetichismo, que é o estado em que vemos as nossas tribos selvagens, o selvagem da África e da Oceania, estado que, na sua forma

mais desenvolvida, constitui o fundo da civilização chinesa e japonesa. Os outros povos atingiram a graus mais adiantado de civilização.

Por toda a parte, a Humanidade, os homens, portanto, tenderam a se desenvolver em virtude das mesmas leis; mas o homem está subordinado ao meio em que se encontra, e o seu desenvolvimento é mais ou menos rápido, segundo as condições desse meio. Daí as desigualdades de civilização em que hoje encontramos os povos, as quais, aliás, são transitórias: a população mais avançada do Ocidente poderia chamar a si o povo mais atrasado.

José Bonifácio, que fez a nossa Independência em 1822, que já era um velho quando Augusto Comte começava, por que foi precisamente no ano da Independência do Brasil que Augusto Comte descobriu as leis sociológicas; José Bonifácio, seguindo só as inspirações enciclopedistas de que era representante na raça portuguesa, sentiu isto e dizia que "*Newton, criado entre os botocudos, seria mais um bip de a pisar na superfície da Terra; ao passo que um botocudo educado por Newton seria talvez capaz de substituí-lo*".

Isto, com algum exagero, se quiserdes, representa, no fundo a realidade: podemos transportar o fetichista ao grau a que chegamos na evolução espontânea do Ocidente, sem que o fetichista reproduza tal evolução. Nessa evolução espontânea foi indispensável que passássemos pelas fases todas –fetichismo, teocracia, civilização militar grega e romana, idade média, transição revolucionária, com suas modalidades todas, protestantismo, deísmo, ateísmo, até chegar ao positivismo.

Na evolução sistemática não se dá o mesmo; os franceses, por exemplo, passaram do catolicismo ao deísmo sem atravessar o protestantismo; os italianos, os espanhóis, puderam passar do catolicismo ao positivismo sem atravessar o protestantismo nem o deísmo.

É o que se verifica especialmente na América Latina, que representa a raça ibérica, sem certos fatores retrógrados que ficaram no Velho Mundo. Assim, não temos castas reais, não temos castas aristocráticas; os cleros teológicos não têm ligações com tais castas, e as corporações metafísicas e científicas que temos são todas de insignificantes ascendente popular; a lentes em nossas escolas que têm muito menos prestígio intelectual do que certos discípulos.

Tudo aqui está modificado; e por isso Augusto Comte dizia que o positivismo ia encontrar mais facilidade de aceitação aqui, por parte do duplo elemento ibérico, o espanhol e o português. E podeis ter certeza de que em lugar algum se conhece hoje o positivismo integralmente como aqui. Na França, em Paris, que foi a *alma-mater* de Augusto Comte, em uma de cujas praças há uma estátua dele, enquanto trarei dificilmente pessoas que sejam realmente positivistas, sendo preciso notar ainda que muitas vezes se dizem positivistas, e de positivismo mal conhecem o nome de Augusto Comte. É certo que o positivismo se propaga, cresce de dia para dia; mas, em geral, cada um arrancar algumas páginas de Augusto Comte, e procurar aplicá-las ao sabor de suas conveniências; a massa feminina e proletária, entretanto, vai integrando esses pedaços assim destacados, e o positivismo vai se impondo.

No Brasil, porém, na Inglaterra, e no Chile, encontrais pessoas pregando, dizendo exatamente o que disse Augusto Comte, não tendo outra ambição se não a de serem

intérpretes fiéis dos pensamentos de Augusto Comte; e é por isso que o positivismo está hoje mais difundido em nossa pátria do que em qualquer outro lugar.

A último acadêmico francês que aqui esteve, tive ocasião de repetir que na França não se conhecia o positivismo, e ele ficou espantado, naturalmente. E, já que vos falo nisto, lembrar você que ele disse ainda: "Dentro de poucos anos, o senhor mesmo estará talvez fazendo a refutação do que agora sustenta. Recorde-se de Littré, de Stuart Mill, de Arago, de Bertrand, de todos quantos combateram Augusto Comte: caíram no olvido, e Augusto Comte é cada vez maior."

Respondeu-me: "Mas a refutação das minhas opiniões ainda não foi feita".

"Pode-se dizer que não foi feita no seu meio, entre os acadêmicos, os intelectuais; mas a refutação já está dada." E, de fato, está nas obras de Augusto Comte.

Continuemos. Vejamos aqui qual é a situação da Mulher entre os fetichistas.

Essa situação se resume nas promiscuidades das esposas.

Houve alguém que quis apresentar um estado especial, chamado "matriarcado", em que a Mulher parecia ter toda a dominação na Família; mas, no fundo, há nisso um erro de observação, uma observação superficial. O suposto matriarcado denota que a consideração que o homem presta à Mulher é ainda muito reduzida, muito limitada. De fato, em resultado desta promiscuidade, chegamos ao seguinte: a Mulher que tem muitos maridos não tem marido nenhum.

Quando se começa a dar valor a Mulher, em consequência do desenvolvimento social, devido a solicitude da própria Mulher, surgia a poligamia, o homem possuindo tantas Mulheres quantas pode sustentar, o que, na época do seu advento, representa um progresso, por ser o meio de introduzir o princípio de que "o homem deve sustentar a Mulher"; princípio que constitui o resumo prático de toda a reforma Moderna.

Depois da promiscuidade das esposas, o que aparece é a poligamia nas populações fetiche socráticas, como na China, ou nas populações teocráticas, como na Índia, no Egito, na Judeia etc.

Essa poligamia, entretanto, supõe ainda o divórcio, o abandono facultativo da Mulher por parte do homem.

Em seguida, surgiu a civilização militar da Grécia e de Roma. Instituiu-se então a monogamia. Não podemos entrar aqui em detalhes para mostrar a situação social que produziu o advento desta. Basta citar o fato de ser Penélope o tipo da fidelidade conjugal, ainda hoje, apesar de tudo quando pretende o catolicismo.

O tipo social da grandeza feminina encontramos o local idealizado no colégio das Vestais, conservadoras do fogo, na Grécia, e sobretudo em Roma; sabeis os privilégios enormes de que gozavam as Vestais; mas então ainda se manteve o divórcio.

Os escritores são concordes em afirmar que o divórcio, conquanto existente em princípio, não entrou nos costumes romanos se não depois que se operou a decadência do politeísmo.

Após alguns séculos de dissolução social, veio a civilização católico-feudal; deu-se a supressão do divórcio, estabelecendo-se a monogamia indissolúvel até a morte de um dos cônjuges[9].

---

[9] Reproduziremos a seguinte apreciação de nosso Mestre:

Isto, porém, era ainda imperfeito, e por toda parte havia aspiração da viuvez eterna, que se fez sentir primeiro na Mulher, sendo esta em seguida acompanhada pelo homem. Todo mundo conhece as páginas eloquentes que, a esse respeito, se leem na *Eneida*[10].

Depois de doze séculos de monogamia sem divórcio, surgiu o protestantismo, e restabelece oficialmente o divórcio. É repelido pelas populações do sul. O protestantismo é o início sistemático da revolução moderna, que começou espontaneamente no século XIV, justamente porque as crenças teológicas não correspondiam mais às exigências sociais imorais.

Ao protestantismo segue-se o deísmo, conduzindo ao panteísmo, ao ateísmo, e prolongando-se até nossos dias. E nesta fase, em que estamos, que se desenvolve o materialismo, que tinha surgido também no começo da emancipação helénica, como sabeis, mas ficará suspenso pela transição católico feudal.

Durante essa fase revolucionária, a partir do século XIV, o Ocidente se divide: a massa feminina conserva-se apegada aos destroços do teologismo, e a massa masculina afasta-se cada vez mais do teologismo. A consequência é o espetáculo a que assistimos: o homem e a Mulher vivendo como que em dois mundos diferentes; o objeto da veneração e do carinho da Mulher sendo objeto da ironia, do desprezo e até da raiva do homem. Os dois, assim afastados, vivem sob o mesmo teto! A criança recebe os ensinamentos maternos, e, depois, se é um homem, penetra no mundo e vai repudiar essas crenças, esses ideais que pareciam justamente constituir a síntese do passado, a aspiração do futuro, as grandes e santas instituições que sua Mãe abençoa...

E é isso que se nos apresenta como um ideal de progresso! São os filhos perseguidores, que lançam ao sacerdócio católico a pecha da Inquisição, e querem, a seu turno, se tornarem inquisidores – eles, que sabem que é uma verdade, que a história está

"Basta ter apanhado o principal destino do laço conjugal para logo compreender-se as condições necessárias deste, nas quais a intervenção social não tende, em geral, se não a consolidar e aperfeiçoar a ordem natural.

Em primeiro lugar, essa união fundamental não pode atingir seu rito essencial se não sendo ao mesmo tempo exclusiva e indissolúvel. Estes dois caracteres lhe são por tal forma próprios que as mesmas ligações ilegais tendem a manifestá-los. É só ausência atual de toda sorte de princípios morais e sociais que permite compreender que se tenha erigido doutoralmente a inconstância e a frivolidade das afeições e garantias essenciais da felicidade humana (...)

A monogamia ocidental constitui, pois, uma das mais preciosas instituições por nós devidas à Idade Média. Ela tem contribuído talvez mais do que qualquer outra para a esplendente superioridade social da grande Família moderna. Conquanto o divórcio a tenha gravemente alterado nas populações protestantes, esta aberração contemporânea é aí muito contida pelas santas repugnâncias do sentimento feminino e do instinto proletário, que limitam os seus estragos às classes privilegiadas". (Augusto Comte, "Sistema de Política Positiva", vol. I, págs. 236-38).

[10] Eis uma tradução desses versos admiráveis:

Jungir-lh'a-ei em casamento estável,
e como própria lh'a darei p'ra sempre (...)
Mas antes para mim se rasgue a Terra,
ou me despenhe o onipotente padre
com o raio seu às sombras, sombras pálidas
Do Érebo, e da noite às profundezas.
Qu'eu, Pudor! te viole ou a fé te quebre
aquele que primeiro a si jungiu-me
os meus amores carregou consigo;
consigo os tenha, e nos sepulcros guarde. (Virgílio, *Eneida*, livros I e IV).

aí a demonstrar, que nada pode conter o pensamento humano, ou, por outra, que nada pode conter o altruísmo no coração humano...

Permite-me aqui uma observação incidente. O dogma do movimento da Terra só foi aceito no século XVII; apesar de sustentado por Galileu, foi repelido; entretanto, em menos de meio século depois, era unanimemente reconhecido. E por que o gênio de Hiparco por exemplo, não apanhou a verdade do dogma do movimento da Terra, dogma que aliás era vulgar entre os pensadores gregos no tempo de Arquimedes? Por que esse dogma não prevaleceu então?

Até Augusto Comte, não havia resposta para essa pergunta. É que as nossas convicções dependem do nosso estado afetivo. Até os fins da Idade Média, o egoísmo do homem não estava bastante suplantado, o amor não estava bastante desenvolvido, para que o homem pudesse resignar-se humildemente à sua verdadeira situação sobre a Terra. Em vez de procurar uma felicidade real na Terra, em vez de ver o paraíso que a Humanidade está se esforçando por estabelecer aqui, o homem preferia deleitar-se com fantasias criadas, aliás, à imitação apenas do que a Humanidade está construindo na Terra.

Foi a sedução da vaidade do orgulho teológico, o homem rei da natureza, a Terra centro da Criação; foi essa situação moral que não permitiu que o dogma do movimento da Terra fosse aceito, enquanto não se esgotarem as aptidões sociais do teologismo.

Tornou-se preciso uma longa evolução para que as armas de elite e sobretudo as massas populares sentissem que não precisavam ambicionar o Céu nem tinham de temer o inferno, para seguir os impulsos do altruísmo.

Luís IX, São Luís, o grande rei de França, costumava, segundo Bossuet, louvar muito o dito de uma Mulher que tinha sido encontrada na Palestina, com um facho em uma das mãos e um jarro d'água na outra. Perguntando se a essa Mulher para que eram as duas coisas, ela respondeu que quisera tocar fogo no Paraíso e apagar o fogo do inferno, para que os homens doravante servissem a Deus só por amor (*Palmas*).

O que essa Mulher exprimia correspondia à análise da natureza humana feita por São Bernardo, no seu admirável *Tratado do Amor Divino*, em que ele diz que o homem começa amando a Deus por amor de si e acaba amando a si por amor de Deus.[11]

Foi assim o amor de Santa Teresa, de todas as grandes naturezas místicas... Pois bem, quando as crenças teológicas se extinguiram; quando a alma humana ficou essencialmente livre das peias teológicas, pôde aceitar a nova crença, e o dogma do movimento da Terra prevaleceu, repentinamente, pode-se dizer, apesar do juramento exigido a Galileu.

E ao vulgo dos cientistas, que vê o espetáculo do catolicismo triunfante, quando perseguido pelos filósofos, pelos cientistas, pelos imperadores romanos, por tudo quanto

---

[11] Lembraremos que a obra da civilização católico feudal na dignificação do sexo afetivo não se limitou, porém, a libertá-lo de um jugo opressor. Sobre o altar doméstico, purificado pelo catolicismo, a cavalaria feudal erigiu a Mulher como uma deusa de ternura. E o grande São Bernardo, tornando-se o intérprete dessa sublime evolução, sistematizou o culto da Virgem, que, por todo o Ocidente, havia suplantado a adoração de Jesus.

Na carta que, a 2 de junho de 1845, endereçou a Clotilde, *Sobre a comemoração social*, nosso Mestre dizia: "A admirável Cavalaria da Idade Média, comprimida sobre as crenças teológicas, não tinha podido elevar o culto da Mulher senão ao segundo rango. Quando a sociabilidade moderna houver tomado o seu verdadeiro caráter, o joelho do homem não dobrará senão diante da Mulher."

era força, em suma; é esse vulgo, que vê depois o próprio catolicismo, no seu apogeu, unanimemente aceito pela massa ocidental, ir, entretanto, pouco a pouco, declinando, recorrendo os potentados a todos os expedientes e não conseguindo mantê-lo, vindo rolando até nossos dias; essa massa de cientistas, que vê a impossibilidade de conter o pensamento humano, os surtos do altruísmo – porque, como disse, os grandes pensamentos estão subordinados ao altruísmo –, que pretende encadear o pensamento humano no grau em que se acham eles. Essa massa quer fazer o que fizeram os protestantes: negar submissão ao papa e exigir submissão à interpretação da Bíblia como livro sagrado.

E vêm-nos dizer que foi o protestantismo que introduziu o livre pensamento!

Pois não vemos Dante, no fim do século XIII recomeço do XIV, canonizando Santo Tomás de Aquino, antes que a Igreja Católica o fizesse? Não vemos Dante colocando papas no inferno?

Como, pois, dizer que foi Lutero quem trouxe a liberdade de pensamento?!

Pois Dante não assumiu assim a mais eminente das funções sacerdotais? E Cervantes, por exemplo, no seu *Dom Quixote*, não fez a crítica mais profunda e mais severa, tanto política como religiosa? *Don Juan*[12] não é um tipo do Sul, como dizia Augusto Comte? Como negar que a emancipação era muito maior no Sul do que no Norte?

Se o protestantismo triunfou no Norte, foi pela inferioridade de civilização das populações correspondentes, essa é a verdade. E nisto não há ofensa, porque a inferioridade é relativa às condições fatais do momento histórico. Foi indispensável, aliás, que o protestantismo prevalecesse algures; porque se todo o Ocidente o tivesse comprimido, o resultado seria a impossibilidade de continuar-se a evolução humana. Temos, pois, de abençoar todas essas influências, inevitáveis no passado, mas reconhecendo a cada uma o seu verdadeiro papel[13].

A missão da Mulher, nesse grande intervalo, repetimos, foi essencialmente a que coube à raça latina: conservar os grandes resultados morais e políticos da Idade Média, enquanto a massa masculina, ou antes um punhado desta, elaborava as indústrias e as *ciências inferiores*; elaboração sem a qual não era possível a construção das *ciências superiores*, porquanto *por toda a parte os fenômenos mais nobres são subordinados aos mais grosseiros*; quer dizer, o fenômeno matemático serve de base ao astronômico, este é o físico, este é o químico, etc. Todos temos propriedades físico-químicas, funções

---

[12] Como se sabe, *Don Juan* é o tipo imaginado pela poesia moderna para personificar o mais extremo ceticismo.

[13] "Então as necessidades, igualmente imperiosas, de ordem e de progresso tornaram se profundamente inconciliáveis, e os ocidentais dividiram-se conforme se sentiam mais umas ou outras. A operação geral ficaria eminente se o protestantismo não se houvesse podido prevalecer algures, porque um clero retrógrado excitava por toda a parte a solicitude dos antigos poderes contra um movimento cuja tendência não era mais equívoca. Devemos, porém, felicitar-nos ainda mais de que a maior parte do Ocidente tenha sido preservada do ascendente protestante. Com efeito, a universalidade deste, que houvera sido geralmente considerada como a solução normal da comum revolução, teria dissimulado profundamente por toda a parte as condições essenciais da regeneração humana, proclamando a eterna confusão dos dois poderes. Esta dupla apreciação leva-nos a simpatizar também com as grandes almas que lutaram dignamente nesse imenso conflito, preâmbulo necessário de uma verdadeira renovação". (*Catecismo Positivista*, 13ª conferência.)

vegetativas, e funções cerebrais; mas o nosso verdadeiro destino é constituído pelas mais eminentes destas últimas[14].

Afirmam: "*primeiro viver, depois filosofar*"; mas é isso, social e moralmente, um grande erro. Já Diderot dizia: "*primeiro filosofar, depois viver, se for possível*." Não queremos a vida pela vida; Juvenal já proclamava nos dois versos que Kant tomou para divisa: "*considera o maior dos crimes preferir a vida a honra, e por causa da onda da vida perder as razões que há de viver*".

Compreendeis, portanto, que a nossa existência se acha assim constituída: precisamos de condições cosmológicas e de vida vegetativa, é verdade; mas como pedestal de nossos pendores superiores. E é ainda um engano supor que são necessárias grandes satisfações, tanto materiais e vegetativas, como dos instintos egoístas, para o desenvolvimento altruísta. Vede a vida de um São Bernardo, de um São Francisco de Assis, de um Augusto Comte etc., de todas as grandes naturezas, lutando com a miséria, com a fome, com as torturas de toda ordem, unicamente para se desempenharem da missão que consiste em se dedicar pelos outros, por que "*não há prazeres que excedam os da dedicação*".

Clotilde descobriu esta verdade da vida doméstica; mas todos os grandes homens que se dedicaram ao bem social sentiram também a sua realidade na vida pública. Danton exclamava: "*pereça minha memória, contanto que a Pátria se salve*". (*Aplausos*)

Pois bem, dizíamos que a Mulher parece conservar-se apegada ao sacerdócio católico... Nós, positivistas, consideramo-nos os herdeiros do sacerdócio católico; não somos seus rivais odientos: somos seus herdeiros, e o último papa do Catolicismo há de reconhecer um dos pontífices futuros do positivismo[15]. Assim se extinguirá suavemente o Catolicismo, quando, pela transformação geral que se há de operar na sociedade anarquizada em que vivemos, todas as opiniões entrarem em concorrência livremente, sem que qualquer delas seja apoiada pelos recursos do Tesouro ou pelas baionetas do

---

[14] Essa lei explica a conexidade da preeminência moral e social da Mulher com a sua posição extremamente dependente. De fato, é por ser o mais nobre, o mais delicado dos seres individuais, quer biológica quer socialmente, que a sua existência exige um maior número de condições, e, desde então, uma subordinação maior do que qualquer outra. A sua maior *pureza*, isto é, a menor energia do seu egoísmo, e a sua admirável superioridade altruísta corresponde à essa complexidade de organização que a não deixaria subsistir sem enérgicos *pendores* levando-a, ainda mais que ao homem, a *viver para outrem*. Seria, pois, descabido que a Mulher fizesse consistir a sua dignidade em desconhecer tanto a supremacia *industrial* e *política* do homem como a supremacia *material* da Terra. Da mesma sorte que a dignidade do homem não pode consistir em revoltar-se contra o predomínio objetivo das leis físicas. Para ambos os sexos, a verdadeira nobreza reside na submissão voluntária à Fatalidade para desenvolver cada vez mais o altruísmo.

[15] Na sua carta de 5 de agosto de 1845, Augusto Comte escrevia a Clotilde: "trata se sobretudo, no fundo, de incorporar intimamente ao positivismo, com melhoramentos radicais, tudo quanto o sistema católico da Idade Média pôde realizar, ou mesmo esboçar, de grande ou de terno".

No *Catecismo Positivista*, nosso Mestre diz: "a transição católico feudal esboçou, sobre cada grande aspecto, a verdadeira ordem humana, ao mesmo tempo temporal e espiritual, tanto quanto o permitiam então a doutrina e a situação. Por isso ao positivismo só resta agora retomar o conjunto do programa da Idade Média para realizá-los dignamente, mediante uma fé melhor combinada com uma atividade mais favorável (13ª conferência).

No seu *Testamento*, nosso Mestre declara: " felicitei me sempre de ter nascido no Catolicismo, fora do qual a minha missão teria dificilmente surgido, em consequência dos perigos intelectuais e morais, peculiares à educação protestante ou deísta". (p. 09)

Estado; o que estas também são destinadas a desaparecer, ficando a força pública com o ofício único de polícia para os criminosos.

Quando a opinião pública estiver certa de que o céu é uma inutilidade e de que o inferno também o é – porque, para o pequeno número de criminosos que haverá, serão suficientes as cautelas tomadas pela Humanidade –, o sacerdócio católico reconhecerá dignamente que se acha extinta a sua missão.

Enquanto porém esse dia afortunado não chega; enquanto a sociedade se debate na agonia proveniente da retrogradação e da desordem (e não direi já "da anarquia", porque esta palavra está atualmente correspondendo a outra acepção) resultantes do caos intelectual; enquanto isto não se dá, a massa feminina tem de continuar apegada aos destroços das crenças teológicas; há de emprestar seu prestígio santo ao sacerdócio católico; o que a crença teológica não é mais do que a iluminura do grande passado político e moral da Humanidade; e o sacerdócio católico continua a ser o órgão desse passado.

Na época atual em que a marcha dos teoristas sustenta a necessidade de confundir o poder temporal com o espiritual; em que acerca-se dos chefes práticos e pede apoio ao poder civil, para assim impor suas convicções, suas utopias, suas ideias metafísicas; o sacerdócio católico, devorado pela revolução, reduzido a destroços, procurando em seu seio, um êmulo de São Bernardo, ao menos, de um Santo Inácio de Loyola... E não havendo pessoa alguma que corresponda ao seu apelo; nesta época, o sacerdócio católico é o único que defende, a seu modo, com a crença teológica, a separação entre o poder temporal e o poder espiritual; é o único que sustenta, fora do positivismo, a dignidade do homem, que é impossível sem a liberdade.

Nós, positivistas, temos até de contribuir materialmente para a sustentação do culto católico, hoje o catolicismo foi a crença de nossas mães, foi a crença de nossas esposas, e poderia ter sido a crença de nossas filhas. A massa – inclusive o sacerdócio católico – é espontaneamente positivista. Como já dizia Augusto Comte: todas as almas humanas são, sobretudo hoje, positivistas em graus diversos de evolução, que só a carecem ser completados. De basta examinar a situação atual, os grandes deveres morais, as instituições políticas fundamentais, para constatá-lo.

Assim, na vida da família, temos a monogamia indissolúvel. Que importa as fantasias com que o dogma católico pretende justificar a monogamia? O fato é que está instituída a monogamia indissolúvel até a morte de um dos cônjuges, o que foi conseguido pelo catolicismo, ao passo que os revolucionários pregam o divórcio, isto é, a instabilidade, a dissolução da Família.

A separação do poder temporal e do espiritual é ainda o sacerdócio católico quem a prega; a necessidade de colocar os princípios morais acima da existência material; de ter um ideal superior a todas as satisfações egoístas; os prazeres da dedicação; tudo isto é pregado pelo sacerdócio católico, embora acenando para o Céu e ameaçando com o inferno.

Então, o que faz a Mulher? Ampara esse sacerdócio. E quem faz com que ela o ampare; quem faz com que a Mulher acredite que o Céu ainda é necessário, e o inferno ainda é preciso?

É a massa masculina. Pois essa Mulher vê, por um lado, seu pai, seu esposo, seus irmãos sustentando que é preciso Deus; advogando, portanto, o princípio fundamental do catolicismo, ela vê esse pai, nesse esposo, esse irmão etc., que se dizem geralmente católicos; que se casam na igreja, como católicos; que pregam Jesus como fundador do catolicismo, como Deus feito homem; ...essa Mulher vê, ao mesmo tempo, por outro lado, o sacerdote católico tendo para ponto de partida este conjunto de afirmações dos entes em quem ela mais confia: por que não há de continuar a acreditar que o catolicismo é necessário?

Pois, se seu pai, seu marido, seus irmãos, seus filhos etc., acho que não são bastantes as afeições que têm, na Terra, por ela, por seus pais, meus filhos, pelos irmãos etc., e que ainda é necessário ambicionar um Céu onde não haverá esposo nem esposa, pais nem filhos, nem irmãos, nem cidadãos... Porque todos se absorveram na contemplação egoísta da divindade suprema; toda essa massa masculina não está conduzindo a Mulher ao catolicismo?

Quem sustenta, pois, ainda a fé teológica feminina senão a massa masculina?

Assim, regenere o homem as suas convicções de acordo com a situação moderna... E vou terminar, fazendo o apelo que fazia Augusto Comte. Semelhante apelo, porém – não o esqueçais – só foi possível graças à regeneração porque passou, depois que contemplou uma natureza de Mulher que não lhe permitiu mais hesitações a respeito da grandeza feminina.

De fato, até encontrar Clotilde, Augusto Comte possuía sobre a Mulher a formação empírica do sacerdócio católico, a opinião dos cientistas, dos filósofos, dos literatos, que todos estavam de acordo quanto à inferioridade da Mulher em relação ao homem. É certo que os poetas endeusavam a Mulher, mas sempre reconhecendo teoricamente que ela era inferior ao homem[16].

Augusto Comte, além disto, só tinha encontrado, até então, ou Mulheres mais ou menos imbuídas do teologismo, ou tipos femininos em que a inteligência não parecia ter se tornado excepcional se não à custa da moralidade, da pureza.

E foi nessas condições que deparou Clotilde: encontrou se com uma Mulher, moça, bela, consumida pelo infortúnio, completamente emancipada do teologismo, no centro mais revolucionado de todo o Ocidente, em Paris, sujeita a todas as fascinações e seduções do gênio e da carreira estética, e que se conservava o tipo de todos os grandes resultados morais obtidos pela Idade Média, o tipo da ternura e da pureza.

E com esta circunstância: sem uma cultura teológica excepcional ela ampara Augusto Comte por tal forma que ele, o filósofo consumado, ele, o fundador da Sociologia e da Filosofia Positiva, dizia num rasgo de nobreza incomparável: "*Quanto à vossa sabedoria prática, mostrou-se tão superior, malgrado o contraste das nossas idades, à minha vã preeminência filosófica!*"[17] (*Aplausos prolongados*.)

---

[16] Foi essa regeneração moral que permitiu que o nosso Mestre resumisse o positivismo, isto é, a Religião da Humanidade, na utopia da Virgem-Mãe.

[17] Na sua última *Confissão*, nosso Mestre dizia a Clotilde, morta havia mais de 10 anos: "À medida que se instala *a religião cuja fundação a Posteridade atribuirá a ti tanto como a mim*, sinto quanto serias agora preciosa ao positivismo, onde a necessidade de uma digna pena feminina torna-se hoje preponderante. Seja qual for a minha esperança de achar-te a esse respeito, nobre suplentes, o conjunto destas não poderá jamais equivaler ao que eu via espontaneamente reunido em ti. Tu foste, sim eu saber, como digo cada martedia

Pois bem, essa Mulher salvou-o, graças a ela, ele viu a natureza humana como esta é. Se se tratasse de uma Mulher de grande instrução, de uma Sophie Germain, por exemplo, Augusto Comte poderia hesitar se a sua superioridade era moral ou se era resultado da cultura intelectual; mas a própria Clotilde dizia:

> "Vendo como as mais modestas inteligências participam naturalmente sem esforço de todas as luzes obtidas, fico com penetrada a cada dia mais da ideia de que a ciência não carece residir se não no ápice das sociedades para enriquecê-las na sua massa inteira: e, palavra, que me consolo de não ter sido iniciada nas maravilhas do quadrado da hipotenusa"[18].

Clotilde tinha essencialmente a ciência que o comum das Mulheres possuía no seu tempo; a sua superioridade foi devida unicamente à sua natureza altruísta predominando espontaneamente sobre o seu espírito e o seu caráter, auxiliada apenas por esse saber empírico que resultava da civilização em que ela surgiu. E deixai-me que vos recorde o seguinte: é muito comum confundir ignorância com analfabetismo; dizer que o indivíduo é ignorante porque é analfabeto; afirmar que a Mulher é ignorante, o que ela repete com tocante ingenuidade.

Ora, é preciso ter em vista que tudo quanto há de útil na ciência penetra na massa social pela poesia e pela indústria; atinge a totalidade dos indivíduos. Não há resultado moral ou industrial obtido pela Humanidade que não alcance a generalidade das pessoas.

A criancinha hoje, por exemplo, vê o raio de todos os lados e não tem medo dele. Os nossos pais nunca imaginaram que o raio, o poder supremo de Júpiter e de Jeová, viesse a se tornar o nosso servo, o nosso mensageiro dócil, submisso, auxiliando-nos, transmitindo para todos os pontos as nossas emoções, o nosso pensamento, tornando por assim dizer a matéria identificada, a cada instante, com a alma da Humanidade (*Aplausos*).

As Mulheres, portanto, não são ignorantes; é um engano afirmá-lo. Já Molière dizia, no *Bourgois Gentilhomme*, que M. Jourdain fazia prosa sem saber; pois, do mesmo modo, as Mulheres, como a massa popular, fazem espontaneamente matemática, astronomia, física, química etc., e sobretudo sociologia e moral, conforme a situação social em que se acham. Como chamá-las, pois, ignorantes?[19]

(terça-feira), *a Mulher mais eminente*, pelo coração, pelo espírito, e mesmo pelo caráter, que a história universal me haja apresentado até aqui. O futuro parece-me dificilmente suscetível de um tipo melhor".

Na sua *sétima confissão*, ele dissera: "Eu não seria um digno pontífice da Humanidade se não estivesse profundamente convencido da minha inferioridade moral em relação a ti. É, portanto, a esforçar-me por parecer-me contigo que de devo apegar-me cada vez mais".

[18] Na sua *sexta confissão* nosso Mestre exprimia a Clotilde a seguinte esperança quanto às populações meridionais: "Nossas encantadoras irmãs do Meio-Dia serão assim conduzidas em breve a abençoar o teu santo nome, e parece-me dever encontrar aí o seu principal advento. O doce entusiasmo das espanholas que proporcionará talvez o tardio reconhecimento das francesas. Conservo cada vez mais a minha esperança primitiva de ver a tua cara a imagem fornecer um dia o emblema igual da Humanidade nas bandeiras ocidentais".

Essa esperança foi realizada no Brasil, onde nosso dedicado correligionário Décio Villares, desde 1890, pintou o estandarte da Humanidade que serviu na procissão cívica glorificadora de Tiradentes. (Vide a 10ª Circular Anual do Diretor do Apostolado Positivista, cidadão Miguel Lemos, página 10).

[19] O nosso Mestre dizia no seu *Catecismo Positivista*: "Posto que eu creia que este opúsculo decisivo há de ter em breve um grande acolhimento entre os dignos proletários, ele convém mais às Mulheres, principalmente às Mulheres iletradas. Só elas podem compreender assaz a preponderância e merece a

Não. Tudo quanto há de útil, tudo quanto não é fantasia, tudo quanto não é quimera, entra para o patrimônio geral, no conjunto das aplicações humanas. A instrução, o que nos vai dar, em uma época normal? Que é que nos dá, agora mesmo? O desenvolvimento e a sistematização, unicamente, dos conhecimentos vulgarizados pela vida na Família, na Pátria, na Humanidade.

Tenhamos, pois, consciência, todos, da dignidade social, da dignidade humana; e, quanto às grandes questões que hoje agitam e dividem os espíritos, não invejemos nação alguma, e antes abençoemos a situação de nossa Pátria, que, assegurando a regeneração humana, permitiu que fosse enfim respeitado aquilo que os nossos antepassados tinham de mais sagrado: a sua religião, o seu sacerdócio.

Verifica-se aqui o que Augusto Comte dizia: que graças à influência do positivismo, o sacerdócio católico viria a gozar um dia de mais liberdade do que nunca tivera, nem sequer na Idade Média.

É o nosso padrão de glória.

Não tenhamos medo do clero católico; não nos pode fazer mal; entregam-lhe as riquezas todas que o passado lhe outorgou? Que importa? Então os *trusts*, os industrialistas, não fazem maior soma de mal do que o sacerdócio católico poderia fazer com esses capitais? Não se vê que são as ambições da agiotagem que se levantam assim contra o sacerdócio católico?

Dirão que queremos lisonjear o sacerdócio católico e o sexo feminino, mas o certo é que não temos nem um nem outro intuito.

Pois se acabamos de dizer que o positivismo veio suceder o catolicismo; se estamos afirmando e a hora extrema deste soou; que ele tem de recolher-se e morrer dignamente, como morrem nossos pais, como morrem todas as instituições humanas que já fizeram o seu tempo, deixando à Posteridade agradecida a lembrança eterna de seus benefícios; não lisonjeamos, portanto.

Quanto à Mulher, acabamos de provar a sua preeminência social e moral. Compete-lhe o primeiro lugar na hierarquia social; é o elemento principal da ordem humana, do progresso da sociedade. No ponto de vista moral, é o tipo do ascendente contínuo do altruísmo sobre o egoísmo; é o intermediário entre a Humanidade e seus filhos.

O que significa isso? Significa grandes deveres, significa que a sorte da sociedade depende da massa feminina; a paz depende da Mulher; não são canhões que hão de quebrar canhões; é o sorriso; são as lágrimas, são as súplicas da Mulher; o homem será o que a Mulher quiser que ele seja, pela graça da Mulher, os homens irão, por suas próprias mãos, fundir os canhões, para transformá-los em aparelhos industriais.

---

cultura habitual do coração, dão comprimida pela grosseira atividade teórica e prática que domina o Ocidente moderno. É só no santuário da alma feminina que se pode hoje encontrar a digna submissão de espírito exigida por uma regeneração sistemática". (3 ed., págs. 21-22)

Antes nosso Mestre dissera, no seu *Discurso sobre o conjunto do Positivismo*: "Salvo a sua admirável natureza, moral e mental, amadurecida de antemão pelo infortúnio, a minha santa colega não oferecia nenhuma disposição especialmente favorável à sua iniciação positivista. Proletária ou iletrada, ela teria talvez apanhá-lo ainda mais facilmente o espírito fundamental e a destinação social da nova filosofia". (*Política Positiva*, tomo I, p. 271).

Demos ao homem a consciência de sua missão, à Mulher a consciência dos seus deveres (*Muito Bem!*).

Coloquemos a Mulher na função de mãe de família, de filha, irmã, de esposa: é seu verdadeiro destino a formação do homem; e para isso é preciso que o homem cada vez mais se aperfeiçoe, de maneira a transformar a Terra num verdadeiro Paraíso.

Enquanto, porém, o coração e a inteligência se debaterem entre essas crenças diversas, cumpre que repitamos o que Augusto Comte dizia: "*Em nome da moral e da razão, devemos apelar para que todos os que creem em Deus se tornem católicos, e todos os que não mais precisam do Céu nem do inferno se tornem positivistas*".

(*Aplausos entusiásticos cobrem as últimas palavras do orador.*)

A solução da questão social, segundo os ensinos da verdadeira ciência positiva.

CONFERÊNCIA REALIZADA A 27 DE FREDERICO DE 120
(30 DE NOVEMBRO DE 1908)[20]

O SENHOR TEIXEIRA MENDES: Devemos hoje examinar o problema social, apresentando os ensinos da verdadeira ciência positiva; ensinos que nos conduzem a condensar a solução desse problema na fórmula prática: *o homem deve sustentar a Mulher*.

Como vos dissemos na conferência passada, não nos propomos hoje a expender completamente os ensinos de Augusto Comte a esse respeito, porque o tempo de que dispomos seria insuficiente. Apenas vos apresentaremos algumas reflexões que serão bastantes para mostrar que a solução do problema social não pode ser diferente daquela que foi ensinada por nosso Mestre. Elas serão bastantes também para inspirar-vos o desejo de certificar-vos disso por vós mesmos, percorrendo as obras de Augusto Comte.

Antes de entrarmos na nossa exposição, devemos previamente dizer-vos qual a marcha que nos traçamos.

Primeiro, vamos examinar o problema proletário, a questão social, de modo a assinalar-vos a verdadeira origem dessa questão, e o modo porque nosso Mestre pode resolvê-la. Depois examinaremos a constituição da sociedade humana, tanto do ponto de vista estático, como do dinâmico, de modo a assinalar-vos o conjunto das leis naturais que regem a Humanidade, finalmente, vos apresentaremos sumariamente a solução que decorre dessas leis, as quais não poderão prevalecer senão em uma época mais ou menos próxima de nós. Precisamos também indicar-vos depois a marcha para sistematizar a transição da época atual para a normal.

Traçado de antemão esse quadro, podereis acompanhar melhor as nossas considerações.

Propondo-nos a examinar a questão do ponto de vista científico, cumpre desde logo remover os preconceitos militaristas que ainda perturbam a sociedade, porque eles não permitiriam nem conceber cientificamente o problema, nem achar a sua solução. Temos que substituir esses preconceitos por disposições de acordo com a situação moderna. Não basta repudiar a antropofagia e a escravidão; é necessário desistir de todo o recurso à violência, à astúcia, à cobiça, à arbitrariedade. É preciso unicamente aceitar como admissíveis a fraternidade universal, a poesia, a ciência e a indústria.

---

[20] Este resumo é devido ao nosso confrade Dr. Joaquim Bagueira Leal, e foi revisto pelo conferencista.

Ora, a questão social, considerada diretamente, consiste em proporcionar ao proletariado a existência feliz que o conjunto das aquisições da Humanidade lhe permite. Esse problema, que surgiu gradualmente do conjunto da evolução humana, atingiu agora sua fase extrema, graças à substituição, hoje decisiva, do altruísmo ao egoísmo, da indústria à guerra, da poesia e da ciência à teologia e à metafísica. Procurando proporcionar ao proletariado a situação feliz de que falamos, cumpre distinguir os dois aspectos da questão, conforme se trata do proletariado feminino ou masculino, porque está claro que as condições de dignificação da Mulher não podem ser as mesmas do homem.

A solução do problema consiste, pois, em fazer prevalecer por toda a parte o altruísmo sobre o egoísmo, a indústria sobre a guerra, a poesia e a ciência sobre a teologia e a metafísica. As tendências militares, que foram peculiares ao início da espécie humana, eram sistematizadas pelo espírito teológico; não obstante, os grandes sacerdotes se ocuparam sempre em reduzir as guerras o mais possível, de modo a tornar as tendências militares compatíveis com o surto do altruísmo. Mas a situação era então fatalmente guerreira.

Hoje, porém, as tendências militaristas são sistematizadas pelo espírito metafísico, que não constitui histórica e dogmaticamente senão uma simples modificação do espírito teológico; mas, enquanto este foi orgânico, o primeiro foi e é sempre dissolvente, sem nada poder construir. Ele se caracteriza pela pretensão da razão individual ao resolver todas as questões sem nenhuma condição de competência.

É verdade que o bom senso vulgar é a base da razão sistemática, e que a ciência não é senão o seu prolongamento. Mas, se ele permite por si só descobrir um certo número de leis, que constituem o patrimônio geral espontâneo, não é menos verdade que nós não podemos transpor os limites dessas aquisições, para nos arrogar a competência de resolver questões que exigem o desenvolvimento que constitui a ciência.

Vivemos em uma época em que o prestígio pertence à ciência, em que, em nome dela, se praticam as maiores violências, a pretexto de salvar o corpo, como outrora se fazia em nome de Deus para salvar as almas. Entretanto, os mesmos espíritos que em questões industriais se julgam obrigados a consultar aqueles que passaram por certa aprendizagem, julgam-se competentes para decidir por si mesmos em questões sociais e morais.

Sem dúvida, se o bom senso não fosse o critério fundamental, estaríamos expostos às mais perniciosas mistificações; mas este mesmo bom senso nos deve fazer compreender os limites da nossa capacidade. Tratando das questões sociais e morais, o bom senso não basta para elaborar as soluções, mais basta para julgar se as soluções satisfazem às nossas necessidades. Porque os fenômenos políticos e morais estão patentes por toda parte, todos podem observá-los, e a simples observação nos permite constatar a realidade entre aquilo que vemos e aquilo que se apregoa.

Pois bem, foi esse espírito metafísico que determinou, e que leva a manter ainda em nossos dias, a pretensão de governar a sociedade pelo regime eleitoral, transformado em base de todos os poderes, em base de todas as decisões, tanto políticas como morais. Nesse regime nasceu com a civilização militar, é peculiar a essa situação, e se patenteia como extremamente irracional. Não é a massa que tem competência para escolher os

chefes e resolver as questões. Considerando as ciências, nós vemos que nenhuma delas foi construída pelos votos da maioria, nem resultado da vontade das massas: todas foram construídas pela elaboração das almas de elite, e não resultaram dos poderes oficiais. Nenhuma academia fez Bichat, Gall, Augusto Comte: ao contrário, a massa das mediocridades que nelas predominam sempre se revoltou contra as teorias por eles estabelecidas.

É esse regime eleitoral que conduz, por um lado, ao parlamentarismo, e, agora que o proletariado desistiu do parlamentarismo, ao sindicalismo, hoje muito em favor em uma em uma parte do proletariado, porque este imagina encontrar nele a sua salvação.

Mas, assim como não é legítimo que o governo pretenda resolver pela força bruta as questões morais e políticas, também não é lícito que os proletários queiram obrigar os seus companheiros a abandonar o trabalho. Tudo isso é processo militar: é recorrerá à força, à violência, à astúcia, à arbitrariedade. A índole do regime moderno é a fraternidade universal, é *viver às claras*, é a poesia, a ciência, a indústria.

O ponto de vista positivo consiste em sistematizar essas tendências do regime industrial, tomando por base, de um lado, o altruísmo, e do outro, as leis que regem os fenômenos, cujo conjunto constitui a ciência.

O regime positivo baseia se na principal descoberta da ciência moderna: a existência dos instintos simpáticos na natureza humana. Embora a razão vulgar já muito tivesse reconhecido a existência do egoísmo e do altruísmo, a sistematização teórica, até Diderot e Hume, só reconhecia no homem egoísmo: os fenômenos de altruísmo eram explicados pela graça de Deus ou pelos cálculos do egoísmo bem entendido. A escola de Diderot e Hume, baseada no exame dos animais, demonstrou que na nossa constituição havia pendores para o bem. Esse mesmo exame nos leva a reconhecer que esses pendores se repartem entre o *apego*, que é o amor entre os iguais, a *veneração*, que é o amor para com os superiores, e a *bondade*, que é o amor para com os inferiores. Pouco importa saber qual seja o igual, o superior, ou inferior, para que o instinto exista; mas para que este se possa exercer é necessário que a inteligência nos permita descobrir qual o objeto capaz de satisfazê-lo.

Seja como for, a descoberta de nossos pendores altruístas só se tornou decisiva depois que Gall localizou esses instintos em uma parte do cérebro: essa parte é a região anterossuperior. Desde então a existência humana, social e moral, teve uma explicação direta.

Conquanto seja verdade que a existência social supõe a satisfação dos nossos instintos egoístas, estes não bastariam por si só para fazer surgir a sociedade. Ela surgiu do altruísmo: a evolução do altruísmo determina a evolução da sociedade. E, como diz nosso Mestre, muito longe estamos ainda de imaginar o quanto se pode conseguir do altruísmo, porque até hoje ninguém o empregou diretamente.

Até Augusto Comte, considerava-se a sociedade como governada por vontades, divinas ou humanas, dos reis ou das massas. Foi Augusto Comte quem demonstrou que a sociedade também era regida por leis naturais, análoga acho que regem os fenômenos materiais. As vontades só intervêm, para aproveitar essas leis naturais, subordinando se a elas e completando-as. Enquanto não se as conhecia, era forçoso proceder-se às cegas; mas hoje, com a sua descoberta, já se pode conceber o governo da sociedade como

inspirando-se no mesmo critério com que o navegante dirige um navio. Aqui, como em toda a parte, as vontades só intervêm subordinando se às leis, isto é, completando-as.

Nesses ensinos da ciência positiva já bastam para mostrar a sem-razão das disposições críticas que se levantam contra as crenças que a Mulher conserva. É fácil de constatar que a crença numa providência regendo o mundo para o melhor está mais próxima da concepção segundo as leis científicas do que a ficção metafísica das maiorias, ou da pretendida soberania popular.

De fato, a opinião feminina consiste em encarar a sociedade como caminhando para o domínio do amor. Nas situações mais difíceis em que porventura se ache, a Mulher não espera que o amor humano baste, é verdade; mas creio que a graça de Deus, derramada no coração do homem, venha-lhe dar o amor. Veja assim que o teologismo não é senão uma iluminura da realidade.

A inteligência feminina não pode examinar sistematicamente as existências ou os fenômenos inferiores. Entretanto só deste modo é que os fenômenos morais e sociais poderiam ser sistematizados, porque os fenômenos superiores repousam nos inferiores. Sem as ciências inferiores, isto é, sem matemática, sem astronomia, sem física, sem química, não poderia haver nem biologia, nem sociologia, nem moral. Mas a Mulher apanhou as leis morais empiricamente pela observação do homem na Família, como os sacerdócios e os estadistas apanharam as leis sociais pela observação empírica da sociedade. Em política, como em moral, o espírito teológico é apenas uma iluminura.

Mas o teologismo não é uma pura fantasia, uma quimera, sem nenhuma razão de ser na natureza humana. Se assim fosse, ele não teria podido governar a sociedade. Os sacerdotes antigos não dominavam pela fraude, eram profundamente crentes: eles aceitavam todas as concepções que pregavam. Hoje, pela facilidade com o que vemos aceitar, em nome da ciência, as fantasias mais extravagantes e egoístas, em nada superiores às teológicas, pelo contrário, ficamos aptos para compreender como São Paulo, São Tomás de Aquino etc., aceitavam concepções que nos repugnam moral e intelectualmente.

Hoje não aceitamos as ficções teológicas por causa das aquisições que a Humanidade acumulou, e que eles não possuíam. Eles também hoje não as aceitariam: eles hoje seriam positivistas.

A ninguém, pois, é lícito duvidar da sinceridade das crenças de São Paulo, que Augusto Comte mostrou ser o verdadeiro fundador do catolicismo.

É verdade que o próprio São Paulo dizia que tudo quanto pregava recebera de Jesus pela revelação. Quem crê em Deus, quem acredita em revelação, como São Paulo acreditava, pode aceitar naturalmente que Jesus tenha sido realmente o fundador do catolicismo; mas nós, que não acreditamos em Deus, somos forçados a reconhecer que as concepções de São Paulo são de São Paulo mesmo, como as de Sócrates são de Sócrates, e não do espírito que, segundo este, o acompanhava e que ele julgava ser o seu inspirador.

Pois bem, São Paulo colocava o amor acima de tudo. Ele dizia em uma de suas epístolas (I Cor 13):

> Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, sou como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine.

> Mesmo que eu tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência; mesmo que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver amor, não sou nada.
>
> Ainda que distribuísse todos os meus bens em sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, de nada valeria! (I Cor 13, 1-3)

E mais adiante:

> O amor jamais acabará. As profecias desaparecerão, o dom das línguas cessará, o dom da ciência findará.
>
> Por ora subsistem a fé, a esperança e o amor – as três. Porém, a maior delas é o amor. (I Cor 13, 9;13)

Além disso, São Paulo reconheceu que a existência social não podia ser sistematizada se não por uma fé superior aos seus órgãos quaisquer. Na Epístola aos Gálatas, ele dizia:

> Estou admirado de que tão depressa passeis daquele que vos chamou à graça de Cristo para um evangelho diferente.
>
> De fato, não há dois (evangelhos): há apenas pessoas que semeiam a confusão entre vós e querem perturbar o Evangelho de Cristo.
>
> Mas, ainda que alguém – nós ou um anjo baixado do céu – vos anunciasse um evangelho diferente do que vos temos anunciado, que ele seja anátema.
>
> Repito aqui o que acabamos de dizer: se alguém pregar doutrina diferente da que recebestes, seja ele excomungado!
>
> É, porventura, o favor dos homens que eu procuro, ou o de Deus? Por acaso tenho interesse em agradar aos homens? Se quisesse ainda agradar aos homens, não seria servo de Cristo.
>
> Asseguro-vos, irmãos, que o Evangelho pregado por mim não tem nada de humano.
>
> Não o recebi nem o aprendi de homem algum, mas mediante uma revelação de Jesus Cristo. (Gal 1, 6-12)

Assim pois, São Paulo sentiu sempre a necessidade destas duas condições: supremacia do altruísmo, e uma fé superior aos seus órgãos quaisquer para sistematizar essa supremacia; apenas conservando-se no ponto de vista teológico.

Mas, vós compreendeis que seria descabido insistir aqui – e aliás não teríamos tempo para isso – em maiores considerações para mostrarmos que o catolicismo foi fundado por São Paulo. Para ele o grande tipo da indenização religiosa era Jesus Cristo, Deus transformado em homem. O tipo da adoração era assim um Deus; mas a civilização cavalheiresca fez afinal o culto de Maria prevalecer sobre o de Jesus.

Basta considerar o que representa essa supremacia: Jesus era adorado sobretudo como Deus, ao passo que o culto de Maria é a adoração da Humanidade, da natureza humana no seu tipo mais perfeito, a Mulher. Portanto, a sua sistematização marca um grande progresso realizado pelo sacerdócio católico, sobretudo pelo seu representante mais completo: São Bernardo.

São Bernardo oferece o exemplo vivo de que não é a fé, o dogma católico, que autoriza as perseguições, que permitiu que os destroços do sacerdócio católico se combinassem com os potentados para oprimir os povos; por quê. Quando na Idade Média se pregava a Segunda Cruzada e um monge pretendeu sublevar os cristãos contra os judeus e muçulmanos, São Bernardo levantou-se contra essa perseguição (carta do ano 1146 a Henrique, arcebispo de Mogúncia, contra o monge Rodolfo).

Para se ver quanto era equilibrada a concepção de São Bernardo, basta lembrar que ele nunca admitiu o dogma da Imaculada Conceição, que consiste em proclamar Maria como concebida sem pecado original. São Bernardo nunca aceitou isso, e desenvolveu as suas razões numa admirável carta dirigida aos cônegos de Lyon. Ele terminou perguntando por que não apelavam para o papa; mas, naquele tempo, a opinião do papa seria a de São Bernardo.

Apesar deste desvio místico, de querer transformar Maria em Deus, o culto de Maria continuou sempre a ser um culto humano.

No século XIX surgiu uma tentativa a substituir o culto de Maria pelo do Coração de Jesus. Mas esse não é o culto primitivo de Jesus, o da concepção de São Paulo. Este era o Cristo da cruz, simbolizando o martírio, e fazendo conceber a Terra como um lugar de amarguras. Agora é um símbolo de paz, desenvolvendo por toda parte a ideia da felicidade na Terra.

Essa observação serve para dissipar receios que alguns têm do clero católico. A Humanidade não recua em sua trajetória, embora essa se possa tornar sinuosa. As instituições exaustas não poderão mais ser restauradas. Mas nós podemos alentar a esperança de que, graças também à propaganda positivista, o catolicismo não há de extinguir-se vítima dos horrores sobre os quais desapareceu politeísmo. Nós havemos de respeitar os nossos antepassados apesar de suas faltas, humilhando-nos diante delas, reparando-as tanto quanto possível, mas nunca os ultrajando. Porque é graças às virtudes que nos legaram que nós podemos compreender hoje essas faltas. *"Jamais se há de apreciar o verdadeiro espetáculo histórico sem profunda veneração para com o conjunto do passado humano."* (POL. POS. III, p. 96).

Isto posto, estabelecidas assim disposições afetivas e intelectuais indispensáveis, podemos encarar a questão social nos seus verdadeiros termos. É escusado demorarmos no exame da situação do proletariado, que todos vós conheceis.

O proletariado está acampado na sociedade moderna. Não tem domicílio, não teve infância, sua adolescência passou nas oficinas; não tem Mãe, sua Mãe vê o tempo consumido em trabalhos pesados e incessantes, quando não é arrancada do lar para as oficinas; seus filhos são entregues aos cuidados mercenários das creches; na moléstia tem o hospital; na velhice, o asilo; na morte, as mesas do anfiteatro...

Diante dessa situação, sem instrução senão a que resulta da convivência comum, ou do desenvolvimento da indústria, que obriga os patrões a iniciá-los no conhecimento das máquinas, o proletariado, levado ao desespero, atribui as suas desgraças à má distribuição do *capital* humano. É isso o revolta tanto mais, quanto ele sente a parte enorme que lhe cabe na realização desse *capital*. Ele sabe que *o capital é social em sua*

origem, e que, portanto, deve ter um destino social. Ele pensa que seus males resultam da má organização social, da divisão da sociedade em ricos e pobres, em patrões e proletários, e imagina que o meio de remediar os seus sofrimentos é acabar com essa organização. Daí essa série de utopias, que o levam a proclamar que a propriedade é um roubo, que a sociedade não precisa de governo, que o altruísmo basta, que o homem pode deve só trabalhar por amor do trabalho.

É essa a concepção anarquista. (Mas devo dizer que, entre os anarquistas, há espíritos cultivados, principalmente nas ciências inferiores, alguns afirmando até conhecer as obras de Augusto Comte, embora hajam permanecido imbuídos de metafísica.)

Pois bem: examinando com o critério positivo a situação do proletariado, logo se conhece que a origem do mal não é material, é espiritual; sobretudo não é devida à má organização da sociedade; ela resulta da falta de uma doutrina geral, aceita por todos, prescrevendo os deveres de todos, e de uma classe teórica positivista vulgarizando e aplicando essa doutrina.

Para reconhecer que assim é, basta ver que o problema proletário não ficaria resolvido transformando todos em ricos, distribuindo igualmente o conforto material. A situação da Família, do homem, da Mulher, do velho e da criança, não mudaria; porque a sociedade está espiritualmente anarquizada, e, nessas condições, não poderia proporcionar os elementos indispensáveis para uma vida feliz.

Como o afirmais? Poderão nos perguntar. Para constatar isto, basta observar o espetáculo que se oferece por toda parte. Vede as famílias ricas e burguesas. Quem é feliz? Ninguém.

Nos palácios dos reis, nas casas dos ricos, vamos encontrar as mesmas desordens que nas choupanas dos pobres, o mesmo enorme abismo separando a Mulher do homem. O proletário masculino está emancipado da teologia, muitas vezes mais do que os seus chefes, mesmo nos países que se dizem católicos. O sacerdócio católico não lhe merece mais confiança. Esse espetáculo fundamental é a fonte principal da desarmonia, porque não pode haver harmonia completa sem comunhão de ideias; quando aquilo que é objeto de veneração para a Mulher é objeto de sarcasmo para o homem.

As mesmas desordens que flagelam os pobres flagelam igualmente o rico. Encarai a instrução por exemplo. Quem instrução tem o comum dos ricos? Uma cultura superficial; conhecem umas quantas línguas, algumas noções científicas, e julgam-se os árbitros das opiniões de todos, mesmo dos que possuem tanto ou mais de instrução.

É vulgar encontrarem-se chefes industriais que nenhuma instrução têm; é muito comum ver patrões que começaram como simples operários, sem ter adquirido nenhum os conhecimentos novos.

Não é só isso. As desordens morais são as mesmas por toda parte. São justamente as camadas letradas, os ricos, que reclamam, por exemplo, o divórcio, que é o retrocesso da sociedade para os tempos romanos, sem as condições sociais que o explicam.

Não precisamos insistir mais para mostrar que a questão não é somente material, não é só a questão de dinheiro.

O menosprezo dos deveres domésticos é geral: desenvolvem-se os colégios, mandam-se crianças de quatro anos para as escolas públicas, para as mães se isentarem

de deveres maternos. Portanto, a desorganização existe por toda parte, E a questão social é uma questão universal. Não é, pois, questão do proletariado unicamente. Mas, como ele constitui a grande massa, parece que sofre mais: a classe remediada, a burguesia, é uma gota de água no oceano.

Tudo isso vos demonstra que a questão não se resolve só materialmente, porque está subordinada a condições afetivas e intelectuais.

Mas, além disso, há outra reflexão que o bom senso vulgar apanhou. A parte proletária que se agita é uma minoria. A grande marcha conserva-se como que indolente; e a Mulher, por toda parte, faz causa comum com essa massa. Não há diferença essencial entre a alma da Mulher proletária, e a da rainha, ou a da aristocracia e a da burguesia; porque, por toda parte, a função da Mulher é sempre a mesma: é ser mãe, esposa, filha, irmã.

O sexo feminino espera que a sociedade se reorganize, e fica agarrado ao teologismo; mas não é por falta de emancipação, é porque não encontra alhures um apoio para os seus ideais. Com efeito, comparar e o espírito da Mulher católica de hoje com o da esposa de Clóvis, Santa Clotilde, por exemplo. Aquela, diante da morte de um ente caro, já não se satisfaz com a ideia de que Deus o levou para o Céu, para felicidade desse ente; ela o deseja na Terra, mesmo sofrendo.

Pois bem, a massa masculina não acompanha a minoria que se agita, e quer revolucionar tudo. É isso o resultado de uma inspiração do bom senso prático. Porque, examinando o conjunto, vemos as coisas maravilhosas que a Humanidade tem feito (sim, e não consta coisa alguma que Deus tenha feito sem o intermédio da Humanidade; por exemplo, o fogo. Qual foi o Deus que o inventou? O ferro, os minerais, a cultura das plantas, a ciência, a indústria, as artes?... As religiões não têm seus fundadores?) O catolicismo deixou no inferno os grandes homens que não conheciam Deus; não os sujeitou às penas eternas, é verdade, mas os colocou no limbo. Qual foi o crime deles?

Ora, se a Humanidade construiu tudo isso; se promoveu esse desenvolvimento moral que de fato tanto nos extasia hoje; se desenvolveu a simpatia universal, se pode fazer surgir essa aspiração à dignidade, essa delicadeza dos sentimentos (porque, notai, a situação do proletariado moderno é muito superior à do selvagem; entretanto, o selvagem não se queixa. Por quê?) É força convir que esta ordem de coisas não é essencialmente má.

Para quê, pois, acabar com ela? Para quê acabar com aquilo que a Humanidade julgou conveniente instituir? A moeda, por exemplo. Ela veio facilitar as trocas, o socorro, as dádivas. Para que acabar com a moeda? Tem defeitos? Tratemos de ver os seus defeitos, e de os corrigir.

Uma vez reconhecido que a natureza da moléstia ocidental, como dizia Augusto Comte, não é material, mas espiritual, isto é, moral e intelectual. (A revolução começou pela inteligência, afetando por fim o sentimento). Verificado hoje que o problema era espiritual, Augusto Comte propôs-se a resolvê-lo.

Era ainda muito moço, começava a adolescência, quando se propôs a resolver o problema da reorganização da sociedade. Ele descendia de uma família católica e realista; mas o zelo de sua Mãe não foi suficiente para impedir que a sua educação fosse, desde os

nove anos, entregue a estranhos. Foi posto no Liceu de Montpellier, e o resultado foi que aos treze anos já era ateu e republicano.

Entrou depois para a Escola Politécnica, animado pela ideia de resolver o problema social. Essa escola que conservava as tradições republicanas era dirigida pelos metafísicos e pelos diversos cientistas e cultivavam as ciências inferiores. Mas o impulso científico que Augusto Comte recebeu dessa cultura foi suficiente para levá-lo a abordar os trabalhos sobre assuntos sociais, entre os quais o opúsculo sobre os progressos do espírito humano, em que Condorcet procurou, pela primeira vez, explicar o presente pelo passado.

Mas a tentativa de Condorcet foi insuficiente. De Maïstre, baseando-se no malogro da doutrina democrática, demonstrou a incapacidade dessa doutrina e assinalou as bases racionais, puramente humanas, dar separação entre o poder espiritual e o poder temporal.

Augusto Comte, levado pelos seus ascendentes, e pelo gênio que herdara de sua Mãe (Mãe sem gênio não pode produzir filhos de gênio; ninguém pode dar o que não tem). Augusto Comte, portanto, propôs se a resolver o problema político, e viu logo que para isso era preciso construir uma ciência que fosse para a política o mesmo que astronomia é para o navegante, como ele dizia.

O método científico tinha descoberto por toda a parte *leis naturais*: no número, na forma, no movimento, no peso, no calor, na luz, no som, na eletricidade, na composição e decomposição dos corpos, e até na própria vida. Em parte alguma se conheciam vontades arbitrárias; as vontades, quando intervinham, eram subordinadas às leis; a submissão era a condição do triunfo. Com essa ideia, Augusto Comte foi levado a imaginar que a sociedade também devia estar sujeita a *leis naturais*: a existência humana não poderia ser mais arbitrária do que a existência astronômica. As civilizações que se desenvolvem, as que desaparecem, as guerras que têm havido, as legislações que se fazem, tudo deve ter sido resultado de *leis naturais* dominando as vontades humanas. O politeísmo sucedeu ao fetichismo, o Império Romano desabou, o catolicismo triunfou tudo isso devido às leis naturais superiores às vontades humanas.

Augusto Comte procurou descobrir essas leis. Já era um rasgo de gênio e de imensa dedicação social. Quando os seus colegas procuravam galgar as escadas do Instituto, no intuito de satisfazer as suas ambições pessoais, Augusto Comte entregava-se desinteressadamente à solução do problema humano.

Pois bem: aos 24 anos, em 1822, atravessando uma situação penosíssima (Augusto Comte era obrigado a trabalhar oito horas por dia para viver), ele consegue descobrir as primeiras leis sociológicas).

Essas leis são:

1ª *Todas as concepções humanas passam por três estados: teológico ou fictício, metafísico ou abstrato, e científico ou positivo.*

2ª *Essa passagem se faz com uma velocidade proporcional à generalidade dos fenômenos correspondentes.* É isso que explica o fato de um mesmo cérebro apresentar, ao mesmo tempo, os três estados, raciocinando, por exemplo, positivamente em matemática, metafisicamente em biologia, e teologicamente em sociologia e moral.

No ponto de vista prático: *a atividade é o princípio militar conquistadora, depois defensiva, e por fim industrial pacífica.*

Descobertas assim as leis sociológicas, Augusto Comte inaugurou a aplicação delas à reorganização da sociedade, da mesma maneira que na construção de uma máquina se faz aplicação das leis das ciências inferiores.

Cada ciência nova abre o campo a um novo método científico: o método peculiar à ciência social é o da *filiação histórica*. Segundo este método, toda instituição que surgiu e se desenvolveu cada vez mais é destinada a permanecer; toda aquela que surgiu e vai continuamente declinando, é destinada a ficar subalterna e talvez a morrer. Tomemos, para exemplo, a união conjugal. A Humanidade começa pela promiscuidade das esposas; vem depois da poligamia, quando se começa a manifestar apreço pela Mulher; as populações militares instituem mais tarde a monogamia, mas conservando ainda o divórcio. Sucede-lhes o catolicismo, que estabelece a monogamia sem divórcio. Vê se hoje que o divórcio, que pretendem hoje, não é progresso, é regresso.

E eis como condenava cientificamente o divórcio, o homem que era profundamente infeliz no seu lar, onde a bondade de seu coração, em sua fase revolucionária, levara a admitir como esposa uma Mulher decaída, que era a negação das qualidades de seu sexo, sem ternura e sem pureza, dominada pelo orgulho, e que sonhara a transformar nosso Mestre em instrumento para galgar posições.

Muita gente confunde o caráter com orgulho, e mesmo com a cobiça e o instinto destruidor, o que, hoje, graças a Augusto Comte, não é mais admissível. Pois bem, essa Mulher inteligente que naquele momento era julgada também superior pelo caráter parecia confirmar a incompatibilidade que se pensava existir entre a pureza e o talento.

Apesar disso a desgraça da situação doméstica, Augusto Comte nunca mais admitiu o divórcio, e escrevendo a Stuart Mill, declarou que, mesmo que o divórcio viesse a ser adotado de novo em França, ele nunca se prevaleceria disso. Ele sentia espontaneamente, como Clotilde proclamaria, que é indigno dos grandes corações espalharem as perturbações que sentem.

A reorganização da sociedade exigia a constituição de um poder teórico, que devia fazer na sociedade moderna o papel que competira ao sacerdócio católico na Idade Média. Mas o sacerdócio católico era teológico, ao passo que o novo poder teórico deveria ser científico. Portanto, a constituição desse poder teórico dependia de uma doutrina, isto é, de uma concepção geral do mundo, da sociedade e do homem; mas uma concepção científica[21]. Augusto Comte pôs-se o problema de formar essa concepção científica do mundo, a que ele chamou *Filosofia Positiva*, cuja construção absorveu a sua vida desde 1830 até 1842, quando acabou o último volume da sua obra fundamental.

Mas esse primeiro jato era apenas um esboço fundamental, geral; não era uma construção definitiva. Basta dizer que aí ainda ele considerava a Mulher inferior ao homem, ainda julgava prematura a solução do problema do celibato sacerdotal.

Depois tendo de passar da teoria para a prática, tendo de fazer aplicação da doutrina à reorganização da sociedade, o primeiro problema que se apresentava era o da

---

[21] Isto é, cumpria o construir um mundo ideal representando o mundo real com o grau de aproximação exigido pelo conjunto das necessidades morais, intelectuais e físicas da Humanidade. É essa doutrina científica que deve substituir o dogma teológico e a concepção metafísica.

hierarquia dos sexos, a fim de coordenar as funções que deviam competir à Mulher, e as que deviam competir ao homem.

Pois bem, numa época em que Augusto Comte ainda proclamava a inferioridade da Mulher esse problema não podia ser resolvido.

(Não estou me afastando do assunto. Sem esses esclarecimentos é impossível dar dele uma ideia suficiente. Uma das profundas sentenças de Augusto Comte era a impossibilidade de bem conceber uma doutrina independente da sua história.)

Quando estava terminado o último volume da *Filosofia*, a esposa de Augusto Comte o abandonou pela última vez. Ela já o tinha feito diversas vezes anteriormente. Augusto Comte, cedendo às suas súplicas, a recebera sempre; mas declarou finalmente que o novo abandono do lar seria o último. De fato, ela saiu pela última vez a 5 de agosto de 1842, e deixou para zelar pela existência de Augusto Comte uma Mulher proletária, Sophie Bliaux, que entrou para a sua casa como cozinheira.

Essa Mulher era analfabeta. Para um homem vulgar isso seria um desfavorável título de recomendação; para Augusto Comte, porém, essa circunstância podia tornar-se até uma circunstância favorável (mesmo no ponto de vista teórico), porque então a falta de cultura faria realçar os dotes morais e mentais dessa Mulher. Com efeito, o que os outros – tantos amigos que Augusto Comte teve! – nunca souberam compreender, ela reconheceu espontaneamente; isto é, que em Augusto Comte não se tratava só de um homem de gênio, mas também de um grande coração. As eminentes qualidades morais dessa Mulher fizeram com que Augusto Comte mais tarde a adotasse como filha.

Foi mais de 2 anos depois que M^{me} Comte havia abandonado o lar, que Augusto Comte deparou, em outubro de 1844, com Clotilde. Ela também tinha sido infeliz, ela também se tinha preocupado bem cedo com o problema social. Seu gênio próprio não tinha feito compreender que ela devia tirar de suas desgraças, santamente sofridas, ensinamentos para os outros. Nesse intuito compôs uma tocante novela, *A Lúcia*, que essencialmente idealiza a sua martirizada existência e há de representar no futuro, em relação à Moral, o mesmo papel que representa hoje o *Discurso sobre o método*, de Descartes, em relação à Filosofia.

Na contemplação da sua natureza, nosso Mestre pôde encontrar, enfim, a combinação do gênio com a grandeza moral feminina, isto é, com a ternura e a pureza. Quer isso dizer que Augusto Comte não tivesse conhecido outras Mulheres eminentes e puras?

Não. Mas as outras eram mais ou menos teológicas; a passo que Clotilde era plenamente emancipada, de tal sorte que a pureza e a ternura nela só provinham da excelência de sua natureza, sem nenhuma meta de interesse pessoal de recompensa futura ou terror de castigo póstumo.

Houve uma Mulher iminente, Sophie Germain, que podia ter oferecido ao nosso Mestre a combinação do gênio e da pureza. Mas em Sophie Germain uma deplorável imperfeição física devia neutralizar demasiado o ascendente natural de tal conjunto[22]. Em

---

[22] Vide a *Correspondência* de Augusto Comte e Clotilde, carta 161. Aí o nosso Mestre diz:

"Felicitai-vos, pois, pois minha nobre e eterna Clotilde, de que o vosso belo porvir intelectual se apoie solidamente sobre uma perfeição moral tanto mais segura quanto temeis espontaneamente a sua alteração involuntária. Vós me sobrevivereis bastante, espero eu, para poderdes um dia glorificar-vos,

Clotilde, ao contrário, tudo corria para patentear a sua eminência moral: beleza física, dificuldades da vida, tendências literárias, que a impeliam para um meio pouco moralizado. Augusto Comte não teve mais dúvida: reconheceu, através de Clotilde, o verdadeiro tipo da natureza feminina.

Ora, desde então a filosofia se transformou em religião. O que vem a ser a religião? Muita gente pensa – apesar de que o bom senso vulgar já reconheceu o contrário, como mostram as expressões "religião do dever", "religião da honra", etc. –, muita gente pensa que religião é o mesmo que teologismo.

A religião é a sistematização completa da vida humana, individual e coletiva; é a coordenação total da existência, do físico e do moral; do sentimento como da inteligência e da atividade. Isto é que é religião. É a coordenação de toda hora, de todo instante. As coisas mais grosseiras se enobrecem com a religião, porque nossa alma não vive senão apoiada em nosso corpo. O livro do maior dos místicos, Tomás de Kempis, reconheceu isso. A religião é obra de toda a Humanidade. Sem religião não há existência possível. Aqueles que dizem não ter religião, guardam, quer queiram quer não, os destroços da religião das suas Mães. Nos templos, vamos retemperar essa unidade religiosa, que os atritos da vida tendem a abalar.

Com efeito, na vida pública, na vida do homem sobretudo, dão-se atritos contínuos, que tendem a desviar da unidade religiosa; não assim na vida da Mulher, que é um ato de culto continuado, um exercício constante dos instintos simpáticos: os arranjos da casa, os serviços mais modestos, mais repugnantes mesmo, tudo é o amor que move; é quem dirige o braço. Com o homem é o contrário: não é a simpatia que o estimula em geral na vida prática, são as excitações da cobiça, do orgulho e da vaidade. Precisa, pois, de quando em vez retemperar o seu altruísmo; precisa reconcentrar se, em momentos artificiais, para pensar em antes que só despertem o amor. É isso que é a *oração*.

Há muita gente que diz que só compreende o padre na igreja. Mas, diante do descalabro que arruína a sociedade, o sacerdócio católico ou qualquer outro há de cruzar os braços? Ele entende, por exemplo, que o casamento civil é um mal: deve calar-se? Não. Tem de pregar o contrário, entendi fazer propaganda de sua doutrina. O que é preciso é que o faça por sua conta.

Mas é indispensável também que a propaganda científica e metafísica se faça nas mesmas condições. É interessante: não querem sustentar o Gênesis, mas sustentam o monismo, o transformismo etc.!... A liberdade espiritual deve ser para todos. Se a massa popular não quer aceitar a nossa doutrina... Paciência! Nós não queremos, nem para nós nem para ninguém, o apoio do tesouro e das baionetas.

Nós, positivistas, não temos nenhuma antipatia por nenhum sacerdócio, seja confucionista, budista, católico etc. A todos rendemos nossa homenagem, mas com a

---

mesmo publicamente, da minha profética apreciação. Quanto a mim, conto que a minha perseverança infatigável obterá enfim da vossa sincera modéstia a preciosa autorização de render convenientemente uma homenagem solene à essa natureza excepcional, quando nada fosse para oferecer indiretamente ao vosso sexo um digno tipo real, mais eficaz do que as melhores demonstrações filosóficas. Essa aliança, única decisiva, da pureza moral com a superioridade mental não se realizou, em nossos dias, senão na ilustre Mulher de quem vos convidei a ler um iminente opúsculo; porém uma deplorável imperfeição física devia então neutralizar muito o ascendente natural de tal conjunto, cujo inteiro valor, segundo espero, você está reservado fazer enfim sentir dignamente."

devida gradação, segundo os serviços sociais prestados. Daí o maior preito que rendemos ao sacerdócio católico, por cujo intermédio recebemos a herança de todo o Passado.

Essa religião positiva, portanto, Augusto Comte fundou, sistematizando a cultura dos instintos altruístas. Não há nada grande sem o altruísmo. Exercitemos o altruísmo, pratiquemos atos de altruísmo, contemplemos quadros de autorismo pela indústria e pela arte, a verdadeira arte, aquela que só idealiza o que há de digno na natureza humana, e não uma realidade grosseira. Assim, por exemplo, a Mulher tem vestes; é, portanto, só nessas condições que a devemos reproduzir. Entretanto, levantam-se estátuas de Mulheres nuas. Que arte é essa? Compreende-se que tribos selvagens se extasiem na contemplação de estátuas de Mulheres nuas, porque vivem nesse estado aí; mas não se compreende isso em populações civilizadas, a não ser na reprodução dos quadros selvagens, sem perda justamente desse engrandecimento moral que realiza o conjunto da civilização (*muitos aplausos.*)

Pois bem. O culto positivista é o exercício dos instintos altruístas, mediante a contemplação de tudo quanto é verdadeiramente grande. O dogma é o conjunto do saber positivo: a ciência, real, útil, clara, orgânica, relativa e simpática. Não dá explicação do mundo. Qual a origem deste? Não sabemos, nem precisamos saber. Temos de agir sem a solução destes problemas teológicos e metafísicos, e só com os conhecimentos da ciência positiva. É como um navegante: tem em torno de si somente os mares e as estrelas, consulta os astros, não como astrólogo, mas como astrônomo, faz os seus cálculos, e, como tem confiança na construção do navio, prossegue na sua derrota com segurança. Esse é que é o nosso dogma, quem inspira a nossa indústria e nossa política, como a nossa moral.

E o nosso regime? O nosso regime é a sistematização da paz, justamente graças ao altruísmo esclarecido pela ciência positiva.

Logo, para dar a solução do problema proletário, precisamos dizer quais são as leis da organização social, tanto do ponto de vista estático, como no ponto de vista dinâmico.

O ponto de vista estático consiste na consideração de tudo o que observamos em todas as sociedades humanas, em qualquer tempo. Ora, por toda a parte, desde as tribos selvagens até as nações mais civilizadas, nós encontramos sempre estes cinco elementos:

1º *O Capital*, o acervo, o acúmulo de produtos, que constitui a propriedade material, e vai se tornando cada vez mais considerável, à proporção que a sociedade se desenvolve.

2º *A Família*. Em todas as civilizações, mesmo as mais atrasadas, encontram-se sempre a Família, constituída por certo número de pessoas que se agrupam em torno de uma Mulher. Esses agrupamentos reunidos é que constituem as tribos.

3º *A Linguagem*, sistema de sinais para a comunicação dos sentimentos, das emoções, dos pensamentos, e dos projetos.

4º Com esses três elementos, encontram-se presidindo o grupo a *autoridade temporal*, o chefe, que governa pela força.

5º A seu lado encontra se a *autoridade espiritual*, e dirige as opiniões pelo conselho.

Nas tribos selvagens, como, por exemplo, nos nossos aborígenes, essas duas autoridades são o *cacique* e o *pajé*. Um rei, um imperador, um presidente de República não só mais que o desenvolvimento do cacique, assim como Hildebrando, São Bernardo, Augusto Comte, descendem do pajé.

Com esses cinco elementos se desenvolvem as sociedades em todos os tempos e lugares. Mas, para a nossa questão, precisamos nos ocupar agora especialmente da propriedade material.

Sob a denominação de capital ou riqueza, devemos distinguir duas instituições: o *capital concreto*, o conjunto de tudo o que concorrem materialmente para nossa conservação e aperfeiçoamento; e o *capital abstrato*, ou a moeda, que só foi introduzido muito tardiamente. O capital constitui a condição essencial do desenvolvimento humano. Para melhor apreciar o alcance do capital, Augusto Comte faz uma hipótese que mostra o verdadeiro motivo do predomínio da atividade sobre a inteligência e o sentimento, o prevalecimento do ponto de vista prático, em consequência das exigências materiais de nossa vida. Nosso Mestre imagina uma situação em que a alimentação sólida fosse tão fácil como a distribuição do ar e da água.

Nessas condições, diz a Augusto Comte, a nossa situação seria muito mais fácil, pela menor soma possível de atritos. O encanto peculiar aos instintos altruístas conduziria de preferência à nossa atividade para os trabalhos de arte. O órgão da expressão se subordinaria mais ao sentimento; a linguagem seria mais afetuosa, isto é, antes estética do que científica. A sociedade, em vez de ser governada pelo homem, seria pela Mulher. Eis os resultados a que chegaríamos, se não nos fosse preciso trabalhar para viver, como as nossas necessidades obrigam.

Esse esforço, sendo essencialmente destinado ao indivíduo, tende a atrofiar o altruísmo e a apoucar a inteligência. O esforço do homem sobre a matéria tem, pois, no princípio um objetivo egoísta; mas, como a nossa organização moral nos permite formar e conservar o capital, o trabalho adquire afinal um caráter altruísta.

O capital se forma de conformidade com as duas leis seguintes, que só foram formuladas por Augusto Comte:

1º Cada homem pode produzir mais do que consome.

2º Os produtos podem ser conservados mais tempo do que o necessário para a sua reprodução.

As mesmas leis se aplicam às provisões e aos instrumentos de trabalho. O capital humano não se formaria se o homem não fosse dotado de altruísmo. Certas espécies que não têm altruísmo não seriam capazes de conservar coisa alguma. O homem trabalha primitivamente para si; mas como é dotado de altruísmo, é levado a distribuir o fruto deste trabalho pelos entes que o cercam: Mulheres, velhos e crianças. E assim fornece a base material para a existência social destes, que não apresenta grandes dificuldades ao conseguimento da unidade religiosa.

A grande dificuldade é o homem adulto, em virtude da energia dos instintos egoístas, continuamente superexcitados pela situação planetária. O problema surge quando eles se desprendem dos braços maternos. Vêm então a Esposa e a Filha, que completam a Mãe e a Irmã. É pelo casamento que o homem pode bem compreender o que deve a seus pais.

Graças a este acúmulo de produtos, forma-se o capital. É nessa informação é preciso distinguir três fases: *produção*, *conservação* e transmissão. Com o progresso da evolução social, a produção não representa o principal papel: este cabe à conservação e à transmissão. A formação do capital material exige o concurso dos instintos egoístas e altruístas. Desde então, está claro que as instituições humanas têm de atender a esse duplo aspecto da nossa constituição afetiva.

Comparai agora as condições do capital material com as condições do capital intelectual. O primeiro se consome, gasta-se: a sua distribuição deve ser regularizada. O segundo, condensado na linguagem, segue leis diferentes: não se perde, conserva-se na Humanidade; quanto mais se distribuem as artes e as ciências, mas se opulenta a sociedade.

A consequência é que deve haver comunismo no capital intelectual, como no ar que respiramos, como no gozo dos mares e dos rios, e não apropriação individual. Quem produz as obras de arte, de ciência, não é um homem só, são todos; é principalmente a Mulher, que forma o homem, o teórico, o prático etc.; A Humanidade forma toda colabora na formação do capital intelectual, como do capital material. A chamada propriedade literária não deve, pois, existir.

O capital material não é assim. As regras para a sua conservação não podem ser as mesmas. A Humanidade instituiu essas regras. A primeira é apropriação individual. Sem dúvida, o primeiro indivíduo que procurou apropriar-se do capital humano, o fez por cobiça; mas ninguém leva para a sepultura o capital que acumulou. Portanto, é um engano supor-se que este móvel egoísta da apropriação individual é incompatível com a origem e a destinação social do capital material.

Os meios que a Humanidade instituiu para a transmissão do capital foram, ora voluntários, ora violentos: dádiva, troca, herança, conquista[23]. Para facilitar a troca, a Humanidade instituiu a moeda; mas essa não só facilita a troca, como desenvolve e regulariza a dádiva. O negociante não vende só: pedem-lhe uma esmola, ele dá. O negociante, o fabricante, todo o mundo dá. A esmola não ofende a dignidade de ninguém. Desde a antiguidade, o mendigo era respeitado. Homero dizia na Odisseia que muitas vezes os deuses revestiam a forma de mendigo para experimentar os homens.

A esmola não desonra ninguém. Todos vivemos de esmola; quem tem o capital é a Humanidade. Ciência, virtude, roupa, alimentos, seja o que for, tudo provém da Humanidade: somos apenas depositários. Tão evidente a isto, como que a soma dos três ângulos de um triângulo é igual a dois retos. Todos somos mendigos: recebemos esmola da Humanidade. Mas mendigo, *no sentido vulgar da palavra*, é somente o homem, o que a sua missão é o trabalho industrial. A Mulher, não. A sua missão é moral. Só nas sociedades desorganizadas é que a Mulher pode pedir esmola.

É necessário, hoje receber com dignidade tudo o que precisamos: não consumir o que faz falta aos outros, e o que não serve para viver para outrem.

Pois bem. A moeda é a fórmula que a Humanidade instituiu para facilitar a dádiva. Um pobre pede-nos uma esmola; não sabemos o que ele precisa; podemos não possuir o

---

[23] A conquista tem de desaparecer de todo na prática, como já está moralmente condenada. A herança tende a transformar-se em dádiva, mediante a liberdade de testar. Desde então, a transmissão do capital se tornará plenamente voluntária.

que ele precisa. Temos que respeitar-lhe o pudor de revelar as suas necessidades; damos-lhe uma moeda. É um vale com que ele vai buscar o que lhe falta. Para que acabar com a moeda?

Devemos conservar o que vem de nossos pais e serve ao altruísmo. O nosso objetivo é tornar o homem virtuoso: a moeda não perturba esse alvo; ao contrário, o facilita. Conservemos, pois, a moeda e todas as outras instituições práticas que, como a moeda, o comércio, o banco etc., resultaram da combinação das leis naturais com as vontades humanas, sob o ascendente gradual do altruísmo.

Assim, formado o capital social, o seu desenvolvimento repousa na existência da sociedade, que suponha a divisão dos ofícios e a convergência dos esforços, segundo a lei de Aristóteles. Para que essa divisão e essa convergência se dessem, era preciso altruísmo; não só para a formação do capital, como para o seu desenvolvimento. Daí a necessidade da intervenção da Mulher, porque a função da Mulher é desenvolver o altruísmo, é formar o coração do homem. É no lar que o homem se forma. O último dos pensadores católicos, De Maistre, já dizia que aos dez anos um homem estava formado, ele devia ser formado no colo de sua mãe, de quem recebe o impulso que o há de sustentar no resto da existência[24]. No seio da família, a Mulher elabora esse sentimento altruísta, que é só o que permite a formação do capital, porque sem ele não pode haver divisão dos ofícios e convergência dos esforços.

E sem esse capital não poderia haver também o desenvolvimento das artes e ciências, porque a classe teórica, que nada material produz diretamente, como poderia levar a vida meditando, estudando, idealizando, se não houvesse quem lhe fornecesse o alimento? São, pois, a família e o capital que permitem o desenvolvimento das artes e das ciências.

E é assim que cada homem exerce duas funções na sociedade: uma consiste no seu ofício próprio, e outra que consiste no apoio que ele tem de prestar aos outros. Surge então a necessidade de uma função superior, destinada a manter e a desenvolver a convergência dos esforços, e como não há função sem órgão, esse órgão é o Governo. *Não há sociedade sem governo.*

Esse governo, que surge dos ofícios materiais, é insuficiente, porque só vê o presente. É necessária uma autoridade que desenvolva a nossa ligação ao passado e ao futuro. Qual é o papel da classe teórica, do sacerdócio. *Nenhuma sociedade pode se manter e se desenvolver sem um sacerdócio qualquer.* Enquanto este se firma pelo prestígio que lhe vem da veneração dos outros, o primeiro se baseia na força (Hobbes).

Foi baseado neste conjunto de leis naturais que Augusto Comte construiu a *Política Positiva*, que é para a arte política ou que a astronomia é para a navegação. Assim como o engenheiro faz as suas construções aplicando as leis da matemática, da

---

[24] "É ao nosso sexo sem dúvida que pertence formar geômetras, estrategistas, químicos etc.; mas o que se chama o *homem*, isto é, o homem *moral*, está talvez formado aos dez anos; e se não o foi *no colo de sua Mãe*, será isso sempre uma grande desgraça. Nada pode substituir essa educação. Se a mãe tomou sobretudo a peito imprimir profundamente na fronte de seu filho o caráter divino, pode-se ficar quase seguro de que a mão do vício não apagará jamais. O mancebo poderá desviar-se sem dúvida; mas ele descreverá, se me permitis essa expressão, uma *curva reentrante* que o reconduzirá ao ponto de partida." (*Les soirées de Saint-Petersburg*, t. I, pp. 214-15, citado por Charles Barthélemy, no volume *L'esprit du Comte Joseph de Maistre,* p. 254.)

astronomia, da física, da química; assim já se pode organizar a sociedade de acordo com leis sociológicas e morais, sendo preciso, bem entendido, tanto num como noutro caso, completar as leis pelas vontades.

A ciência social, do mesmo modo que as outras, baseia-se na observação dos fatos. Tratando-se de descrever a constituição política da sociedade, por exemplo, vemos que por toda parte a sociedade se compõem de quatro providências. A primeira é a providência moral, ou a Mulher. A segunda é a providência intelectual, ou sacerdócio, ou a classe teórica, formada pelos sacerdotes propriamente ditos, pelos poetas, pelos médicos, pelos cientistas etc. Nos tempos teocráticos, essas diversas funções estavam unidas em um mesmo órgão, depois foram se separando.

A massa masculina, de que a classe teórica é uma pequenina fração, é destinada a elaborar a indústria, a conservar o capital humano; constitui a classe prática, a parte ativa da sociedade, e se decompõe em patrícios ou chefes práticos, que são os depositários da riqueza pública, os encarregados da sua distribuição (a providência material), e proletários (providência geral), cuja função direta é a reconstituição do capital pelo trabalho, mas cuja principal missão é formar a própria espécie me constituir a opinião pública[25]. Cada proletário representa uma Família.

Augusto Comte mostra a necessidade da separação completa do poder temporal e do poder espiritual, para sistematizar a dedicação dos fortes aos fracos e a veneração dos francos aos fortes, dupla virtude sobre a qual repousa a ordem humana.

A igualdade metafísica é uma mistificação. Não existe em parte alguma a igualdade: o que existe são analogias e diferenças. O ideal não pode ser nivelar, o que só poderia conduzir à eliminação das superioridades: o ideal é levantar os homens que não são grandes à altura dos grandes homens, ou elevar a massa masculina à altura do sexo feminino. A massa feminina é a providência moral. O primeiro dever da massa ativa é sustentar a massa feminina; a função da Mulher é ser Mãe, Esposa, Filha, Irmã. A domesticidade é um complemento dos laços domésticos nas famílias excepcionais. Só excepcionalmente a Mulher pode exercer funções intelectuais ou práticas destinadas ao homem.

Mas, por ser a sua função no recinto doméstico do lar, segue-se que ela não precisa ter instrução? Não; a sua função é formar os homens. Precisa, pois, de uma educação tão completa quanto possível. Ela precisa ser o anjo tutelar de seus pais, de seus irmãos, de seu esposo, dos seus filhos; e além disso o médico de sua Família. Isso não quer dizer que se deva dispensar sempre os conselhos dos médicos. Eles são necessários em certos casos; mas cada homem tem de ser o médico de si mesmo, meus cuidados principais da saúde competem a Mulher.

Na sociedade organizada, o lugar da Mulher é no lar, velando sobre a saúde e a virtude dos entes que a Humanidade confiou à sua solicitude.

A Mulher tem que comprimir o egoísmo e desenvolver o altruísmo dos homens estão sob os seus cuidados. É pelo Salão e o Templo que se faz a ligação entre a influência privada e a influência pública da Mulher. É quem fornece a primeira instrução que o

---

[25] A palavra *proletário* é preferível ao título de *operário*; porque aquela indica a principal função da massa popular, feminina e masculina, ao passo que a palavra *operário* apenas designa a função *industrial* que cabe ao homem.

homem recebe. É a explicadora dos filhos quem lhes dá o ensino fundamental. Mas, não é um ensino material, frio, vago, análogo ao do mestre escola, não. A Mulher fará sempre ver, com a máxima nitidez, o encanto, a excelência do dever, que é a satisfação do altruísmo.

É preciso, pois, conceber a conservação da Mulher, como mantida pelo homem. É preciso que ela tenha o seu sustento sempre garantido, primeiro pelos pais e parentes, em falta destes pela Pátria, e por fim, em falta da Pátria, pela Igreja. Não há Mulher mendiga, senão nas sociedades desorganizadas.

A situação da Mulher é a que mais se presta para o surto estético, e exige a maior competência intelectual. Certamente, ela não irá compor poemas, observar eclipses; mas que espetáculo poderá haver mais sedutor, quer seja estético, quer seja científico, quer seja prático, do que acompanhar o desenvolvimento gradual de uma criança que acaba de nascer, e assistir ao desabrochar de seu coração, de sua inteligência, de sua atividade? Do que observar as diferenças entre as crianças, cujas respostas, mesmo as que parecem mais disparatadas, revelou muitas vezes uma grande sagacidade? Haverá maior em campo? Porventura, estudar um eclipse, fabricar uma máquina, é mais difícil do que formar o coração, o espírito, e mesmo o físico do homem? Não há função mais complexa, mais difícil, mais nobre.

A instrução do homem é relativamente superficial: é um conhecimento em grosso dos objetos com que lida. Não é assim a instrução feminina, que exige um conhecimento profundo dos entes humanos que estão sob a sua guarda. Mesmo nas funções superiores, quando governa a sociedade, quando lida com os homens, o homem lida com as massas. Quem ampara a sociedade é o elemento feminino, de tal sorte que o homem não faz mais do que contribuir para sua própria grandeza, quando contribui para manter o elemento feminino.

O poder temporal, que regula os atos, tem por missão, como depositário, conservar e distribuir a riqueza. O poder espiritual ensina a doutrina, consagra as outras funções, é o sacerdote, o poeta, o médico, o filósofo, o cientista, integrando em si todas essas funções, sem as divisões que vemos hoje. Filósofo e cientista, ele tem de conhecer todas as sete ciências – matemática, astronomia, física, química, biologia, sociologia e moral – com o dever de ensiná-las concursos públicos e gratuitos. Tem a garantia de um longo passado de provas – morais, políticas e mentais – pois o teorista só é ordenado padre da Humanidade aos quarenta e dois anos de idade.

Esse sacerdote representa a separação completa do poder temporal do espiritual: ele não tem apoio nenhum do governo, não tem força nem poder; só tem o ordenado doméstico e as despesas das viagens de inspeção diocesana; um ordenado arbitrado por Augusto Comte em doze mil francos, calculado segundo os valores de sua época. O casamento é obrigatório para os sacerdotes positivistas: casamento objetivo ou subjetivo, conforme viva ou não a Esposa, o que o casamento positivista exige a viuvez eterna. Não pode ter dote, nem herdar; mas tudo isso livremente. É essa justamente a diferença entre o casamento religioso e o casamento civil: enquanto os compromissos do primeiro, mais rigorosos e mais numerosos, são tomados livremente, os dos segundos são legalmente obrigatórios.

Pois bem; esse padre da Humanidade, que substitui o cientista atual, o filósofo, o médico, o poeta etc., só tem o seu salário; não pode ter bens, não pode vender suas lições nem seus escritos. Os próprios templos da Humanidade não lhe pertencem. Já a São Francisco de Assis tinha sentido a necessidade de um clero pobre, mas São Francisco de Assis imaginou o padre ocupado com seu sustento material. É bem patente o inconveniente dessa prática, resultante o caráter absoluto do teologismo, porque assim o tempo do sacerdote, tão necessário para o exercício das suas eminentes funções, seria todo absorvido pelo angariamento da subsistência. Mas São Francisco de Assis não pôde evitar o enriquecimento do clero, mesmo nas ordens franciscanas. O padre não podia ter riquezas, mas a Ordem podia.

No positivismo não se dá isso. Também institui se a plena liberdade espiritual: os deveres positivistas não são obrigatórios materialmente, são espiritualmente, pela consciência individual e pela opinião pública.

O sacerdócio positivista aproxima-se mais do tipo da Mulher. A esta diferença: enquanto a Mulher fala à inteligência através do coração, o sacerdote fala ao coração através da inteligência.

Só com essa separação do poder temporal e do poder espiritual é que se pode obter a realização sistemática da máxima: *Dedicação dos cortes aos fracos, e veneração dos fracos para com os fortes*, porque não é possível assegurar a dedicação dos fortes aos fracos sem a existência de uma classe de fortes, cuja força não lhes vem do mando ou da riqueza, mas do prestígio moral e intelectual.

Quanto ao supremo poder temporal, em cada república, na época normal, ele é constituído por um triunvirato composto dos 3 principais banqueiros.

Aos 63 anos de idade cada funcionário passa o cargo a quem ele julga mais digno, depois de ter anunciado previamente a sua escolha, aos 56 anos. Fica assim submetida essa escolha à apreciação do público, que a aceita ou não; tendo, contra qualquer imposição descabida, o recurso da negação de concurso, individual e coletivo, até as greves pacíficas.

E qual é a situação do proletariado neste imenso cenário? O proletário não é concebido sem Família: uma família composta de sete membros, na generalidade dos casos: o par fundamental, os avós (pais do esposo) e três filhos. Isso não quer dizer que não possa haver mais filhos, ou menos; mas Augusto Comte indicou o número três, porque com um número menor a sociedade estacionaria, ou se extinguiria. O regime das adoções permite aliviar os casais que forem mais sobrecarregados.

Nessa Família só trabalha exteriormente é o chefe, devendo ser proprietário de tudo quanto é indispensável para a sua existência e para o exercício de sua função: domicílio, vestuário, instrumentos de trabalho, biblioteca etc. Os velhos estão amparados e não vão para as oficinas e os asilos, nem as crianças, nem as Mulheres.

E como deve ser a casa do operário? Hoje fala-se muito em construção de casas para operários. Mas como se pode construir casas para operários, sem ter sequer ideia do que seja a Família do operário? Como conceber isso?

Augusto Comte mostrou que uma casa proletária devia ter sete cômodos: uma sala para reunião e recepção; outra destinada ao preparo e consumo dos alimentos; um quarto para os esposos; outro para os avós; dois para os filhos, com separação dos sexos; e

finalmente a capela doméstica. Há poucos domicílios burgueses hoje nessas condições. Mas é possível isso? É possível proporcionar a todos os operários casas nessas condições? É perfeitamente possível; porque não faltam recursos para isso: há apenas má aplicação da atividade. Não são braços que faltam na sociedade; o que falta é uma aplicação conveniente desses braços.

O salário deve ser o mesmo para todas as profissões. Não é paga do trabalho, porque o trabalho humano não comporta outra paga senão o prazer da dedicação e a gratidão social. O salário deve ser suficiente para as satisfações das necessidades de cada um, com sobriedade e modéstia. O luxo é um mal tão grande como a miséria. O luxo era um peso para um São Paulo como para um Luís IX.

Além disso, nessa sociedade, a instrução enciclopédica será proporcionada a todos. O operário só trabalha cinco dias na semana. Dos dois dias de repouso, o domingo é destinado às solenidades públicas, nos templos, e o lunedia (segunda-feira) para o descanso doméstico[26]. Nesses cinco dias, trabalha apenas seis horas por dia (nem mesmo são as oito horas, porque tanto se esforçam hoje). E mesmo não é possível trabalhar mais do que esse número de horas por dia. E o que vai se fazer o resto do tempo? Vai se cultivar os sentimentos altruístas e a inteligência, que é o que mais importa aos interesses da Humanidade. Nos tempos de hoje, os operários não podem ter nada disso. Mas isso lhes é indispensável: é preciso que eles sejam homens, e não animais de carga maltratados.

A economia deve ser uma das virtudes do proletário, como de todos, mas no sentido da condenação do desperdício do capital humano, e não com o fito de acumular riquezas pessoais. Desde que *o trabalho nunca pode faltar*, como dizia o operário positivista Fabien Magnin, o proletário não tem que se ocupar com o dia de amanhã. Tem que ser pobre, mas não miserável. A miséria desaparecerá como o luxo.

Além disso, o proletário precisa ter instrução, a mesma instrução que os patrícios. No positivismo, qualquer menino, proprietário ou Patrício, aprendi com sua mãe até os 14 anos: leitura, várias línguas vivas, escrita, cálculo, desenho e canto. Chegaram aos 14 anos, se sua família quiser, vai, sempre sob a superintendência materna, para a escola anexa ao Templo da Humanidade, onde um sacerdote, sempre o mesmo, lhe ensinará todas as ciências, desde a matemática até a moral. Aprenderá então consigo, sem mestre especial, o latim e o grego. Não haverá internatos. Ao mesmo tempo, frequentará uma oficina, onde aprenderá um ofício porque não se sabe ainda para o que dará.

Aos 21 anos é declarado apto para o serviço da Humanidade; está emancipado; mas a sua profissão definitiva ainda não está escolhida. Dos 21 aos 28 anos, ele faz livremente, mediante ensaios convenientes, essa escolha.

Nesse intervalo faz viagens, quem nada poderão prejudicar o seu surto, pois encontra por toda parte ensino teórico ou prático, e o culto estabelecido.

Nessas condições, o positivismo projeta a regeneração humana sem alterar a ordem que está aí, continuando a sociedade dividida em patrões e operários, em ricos e pobres. Apenas modificará as condições morais e mentais de todos, sem guerras, sem revoluções, sem lutas, sem ódios, sem inveja.

---

[26] Uma lei de Cromwell já tinha tentado estabelecer esse duplo dia de repouso; vide *Catecismo Positivista*, tradução de Miguel Lemos, 11ª conferência, notas.

Segue-se que os homens vão ficar anjos? Não. Os fenômenos mais nobres são por toda parte subordinados aos mais grosseiros. Para viver para outrem, é preciso cuidar de viver; e para viver, é preciso alimentar-se. Mas alimentar-se com excesso? Não, que isso extingue a saúde; isso não é viver, é matar-se; isso sufoca a inteligência e o altruísmo. Precisamos reduzir o egoísmo ao que é estritamente necessário para o surto do altruísmo. O grande número de místicos, o conjunto das congregações religiosas, sobretudo femininas, são atestados de quanto o homem pode conseguir na compressão do egoísmo, isto é, na pureza.

O proletário possuindo tudo o que precisa, desaparecem os hospitais, por que todos os doentes terão os cuidados da Família. Desaparecem as creches, porque não haverá mais filhos sem Mãe. Desaparecem os asilos dos velhos, o que a velhice estará sempre amparada no lar. Desaparecem as escolas públicas, o que a instrução primária será ministrada pelas Mães. Todas essas instituições provisórias desaparecerão, e a massa humana se comporá principalmente de proletários. Hoje, se repelem as funções proletárias, porque o proletariado vive na miséria, privado de poder satisfazer as suas necessidades morais mais imprescindíveis, e porque as profissões proletárias são olhadas como humilhantes. Não será assim no futuro: todos procurarão as funções proletárias, que, nada tendo de desonroso, também nada terão de desagradável.

E os atritos sociais? Os maiores desaparecerão, e os menores, inerentes às imperfeições humanas, serão reprimidos pelo jogo natural da existência da sociedade. Há, além disso, o critério de uma *doutrina científica, superior aos seus órgãos quaisquer*, para dissipar os sofismas do egoísmo. A sociedade inteira se colocará ao lado do inocente. O sacerdócio intervirá, se for preciso. E se essa intervenção não bastar, haverá o recurso das greves, mas com caráter pacífico: os proletários negarão simplesmente o seu concurso, sem obrigar a ninguém a fazer o mesmo. Já vemos que é isso hoje a tendência geral.

Mas, além disso, ainda temos o grande recurso da cavalaria industrial. A ordem da cavalaria, na Idade Média, se compunha de guerreiros que se dedicavam à defesa dos fracos e à reparação das injustiças. Augusto Comte planejou sua restauração. A futura cavalaria industrial será constituída por núcleo de patrícios viúvos, ainda não retirados da vida pública, cujo surto será facilitado em um regime em que haverá plena liberdade de testar e de adotar. Se ajuntarão a esse núcleo patrícios com menos de 42 anos e os anciãos vindos do patriciado; enfim, os proletários mais enérgicos. E essa ordem ajudará a resolver os conflitos, vindo em socorro dos fracos: da Mulher, do sacerdote, do proletário.

Que esses aparelhos falhas em todos, então haveria a subversão, e a sociedade começaria de novo sob as mesmas bases, como acontece na direção dos aparelhos industriais. Devemos encarar doravante a direção dos fenômenos sociais com o mesmo espírito com que o navegante empreende uma viagem.

Eis aí a concepção da sociedade futura, segundo as leis científicas.

E como se operará a transição do presente para essa época normal? Será pela violência, pelas revoluções, pelos atentados, pelas guerras? Não. Augusto Comte planejou a transição estigmatizando todos estes processos militares; o positivismo há de triunfar pela livre aceitação de todos. A condição única é a completa liberdade espiritual e industrial, a separação dos dois poderes, como já se acha consignado na nossa constituição

republicana. Deem-nos liberdade, e a nossa doutrina há de triunfar pela cultura do sentimento, pela verdade do dogma, pela excelência do regime.

Foi por isso que Augusto Comte, aconselhando os governos modernos, mostrou que a ação destes deveria ser puramente temporal, consistindo na manutenção da ordem material, deixando as diversas religiões e doutrinas quaisquer, metafísica de científicas, reduzidas ao prestígio que lhes vier do seu valor moral e mental, e só podendo prevalecer pela propaganda. Mostrou que a situação atual das diversas nações ocidentais era *essencialmente* republicana, porque compreendo a parte hoje o prestígio das diversas autoridades e o motivo das regras políticas resultavam unicamente de considerações humanas, sem mais sanção teológica.

Isto posto, *a transição final* – jornada orgânica pelo advento do positivismo, em meio das aberrações retrógrado-revolucionárias – apresentará três fases, nas quais prevalecerão sucessiva e livremente o *culto*, o *dogma*, e o *regime* da Religião da Humanidade.

Augusto Comte aconselhou que na primeira fase se adotasse uma divisa política que abrange todas as aspirações: é a divisa "*Ordem e Progresso*" que já se acha inscrita na nossa bandeira nacional.

Contra essa divisa se levantou, desde o advento da República, uma grita sem fundamento, sob o pretexto de que é uma máxima do positivismo. É na realidade uma fórmula positivista, foi aconselhada por Augusto Comte; mas decretar semelhante divisa não importa em impor a Religião da Humanidade ou aderir a ela, porque tal fórmula exprime uma aspiração comum a todos hoje. Para rejeitá-la, seria preciso recusar também as descobertas científicas quaisquer. Nos estabelecimentos católicos de ensino se demonstra hoje o movimento da Terra; nos templos católicos se coloca a cruz sob a proteção do para-raios; respeitam-se assim as construções da ciência no domínio inferior; por que não se há de adotá-las no domínio social e moral?

Quando o sacerdócio positivista já tiver conseguido modificar os chefes do governo, eles não poderão fazer como Constantino ou Teodósio em relação ao politeísmo, por que a doutrina científica não precisa de baionetas, meio de força material. O sacerdote ou teorista que recebe o apoio da riqueza ou da força, degrada-se: ele só tem que influir na sociedade pelo respeito que lhe advém da virtude e do saber provado,

Na segunda fase da transição, será inscrita na bandeira de todas as nações uma outra fórmula, "*Viver para outrem*", significando que a Mulher veio enfim tomará parte decisiva que lhe compete no desfecho da evolução que zelou, como vestal, em todos os tempos. A Mulher terá então sentido que a Religião da Humanidade é a herdeira do Catolicismo, e com a sua adesão ao Positivismo, desaparecerá o abismo que atualmente separa o homem da Mulher.

Assim hoje na bandeira atual nada há a modificar, porque nada falta aí no presente: se falta alguma coisa é a divisa "*Viver para outrem*", que só poderá ser inscrita quando a massa feminina tiver aderido francamente ao movimento moderno.

Na última fase da transição, Augusto Comte manda inscrever a terceira fórmula, "*Viver às claras"*, nas moedas, que permitem sistematizar as dádivas, e as livres trocas, acabando com as violências na formação e distribuição do capital material.

Eis aí, em rápida exposição, a solução que o positivismo dá ao problema proletário. É uma solução social, de natureza espiritual, de reorganizar a sociedade inteira sem subverter a ordem.

Essa solução não saiu do cérebro de um homem, como Minerva da cabeça de Júpiter: é o produto da de toda a evolução da Humanidade. Nosso Mestre não fantasiou coisa alguma: ele apenas sistematizou e desenvolveu o que já existia. Ele podia repetir, como Descartes: "*Continuo onde os antigos ficaram*"; ou melhor, como ele mesmo proclamou: "*Os vivos são sempre cada vez mais governados pelos mortos*."

Quando essa solução, que é o Positivismo, se tiver estendido sobre toda a Terra, a regeneração da Humanidade será uma realidade, e a paz será conseguida. Enquanto ela não prevalecer a sociedade continuará cada vez mais em revolução. Quem o duvidar, recorra aos livros de nosso Mestre; ao *Catecismo Positivista*, opúsculo principalmente dedicado às Mulheres e aos proletários; ao *Apelo aos Conservadores*, destinado especialmente aos estadistas. Então se convencerá que a solução foi achada; que o problema que Augusto Comte teve a glória de aceitar do conjunto do Passado se acha resolvido.

Ora, está demonstrado que o nosso Mestre, para poder achar a solução do problema humano, isto é, para operar a transformação da ciência em filosofia e da filosofia em religião, teve necessidade de um amor cada vez maior. Pois bem: para instalar a religião da Humanidade sobre a Terra é também só de amor que precisamos. Devemos parafrasear e pôr em prática a exclamação de Danton, que numa hora difícil dizia: "Para salvar a França, só é preciso audácia, mais audácia, sempre audácia". Nós também nos achamos em uma hora difícil, mas devemos dizer: "*Para salvar a Humanidade, só o que precisamos é: amor, mais amor, sempre amor*".